

Evocação dos Oculistas do passado

Evaldo Campos
Rio de Janeiro

“A falta de amor às velhas cousas da Pátria é indício certo da morte da nacionalidade”

A. Herculano (História de Portugal)

Fazer a “Evocação dos Oculistas do Passado” corresponde a rabiscar uma História da Oftalmologia do Brasil, obra que terá de ser feita com mais vagar.

Difícil é limitar o que é o passado.

Para os mais jovens, engloba fatos que foram vividos pelos mais velhos, muitas vezes tão presentes!

Porisso, a “Evocação” atinge apenas os que já se foram. Não importa, entretanto, que entre os nomes destes, figurem os de vivos, pelos seus méritos, presentes no rol dos mais destacados.

Sempre nos preocupamos em registrar no papel, os fatos ocorridos, para conhecimento dos pósteros. Os nomes dos que contribuíram de alguma forma para o progresso da Humanidade, ou simplesmente lutaram para sobreviver, devem ser lembrados.

DAG HAMMARSKJOLD, no seu livro “Markings”, pergunta “por que este desejo, em todos nós, de que após nosso desaparecimento, devam os vivos, de tempos em tempos, dirigir seus pensamentos para rememorar o nosso nome? Nosso nome. A imortalidade anônima, nem dela podemos escapar...”

Sobre o assunto, ISMAEL DO PRA-DO (1) escreveu crônica no Jornal do Brasil, que bem se aplica transcrever pequeno trecho:

“Mas os homens anseiam terrivelmente pela sobrevivência. E não apenas os 40 Imortais da Academia! O desejo de que nosso nome permaneça se exprime no mesmo dia do enterramento, quando os familiares e amigos multiplicam, conforme a riqueza e a importância do falecido, os anúncios fúnebres grandes e numerosos. São também as flores, cuja abundância mede a importância da vida que passou. Os discursos elogiativos no cemitério, celebrando os altos feitos do passado. Os nomes nas ruas as hermas em praças públicas, as comemorações de centenários de nascimento e morte. Se o homem nada fez de notável, mas soube conservar bons amigos e com eles sempre demonstrar requintada cordialidade, receberá a uma placa numa avenida da cidade, e a placa durará, no bronze, mul-

to mais do que a memória do homenageado. Em alguns casos, biografias e antologias.

Mas daqui a 10, 50, 100 anos — quem se lembrará? Os nomes passam como as folhas batidas pelo vento. De alguns, apenas, excepcionais, a história irá registrar os nomes. Não são sempre os melhores”...

O Tema é tão extenso que decidimos desdobrá-lo em duas partes: uma para ser apresentada verbalmente na Sessão Inaugural do XX Congresso Brasileiro de Oftalmologia, de maneira informal, quasi coloquial, projetando diapositivos julgados convenientes a um auditório nem todo interessado na parte científica, transformando-a em uma Reunião da Família Oftalmológica, resumo desta Pequena História e outra mais ambiciosa, o Dicionário Bio-Bibliográfico dos Oftalmologistas do Brasil, para o qual esperávamos a colaboração de TODOS, com informes pessoais e sobre parentes ou amigos, Oftalmologistas falecidos, o que, infelizmente, não foi conseguido. O brasileiro é avesso a prestar esta colaboração, com raras exceções. Obtivemos pouco mais de 10% deles, muitas vezes nem recebendo resposta de correspondência direta, solicitando a familiares, os dados sobre eminentes professores falecidos.

No II Congresso Brasileiro de Oftalmologia, promovido pela Sociedade de Oftalmologia e Otorinolaringologia do Rio Grande do Sul, e realizado em Porto Alegre, de 27 de junho a 2 de julho de 1937, um dos Temas Oficiais foi “Subsídios para a história da Oftalmologia no Brasil”, defendido por HERMINIO B. CONDE (2), publicado nos Arq. de Clin. Oft. e ORL e republicado na “Hora Médica” em 1939 (3), desta vez com 11 figuras de grande interesse histórico.

Neste trabalho, HERMINIO CONDE prefere “um ensaio de um plano para a história da Oculística em nosso país, à coleta de subsídios biográficos dispostos cronologicamente”. E divide a Oculística no “Período Colonial” destacando o “Ciclo Nasoviano” e “Período Imperial”.

Achamos mais realista a divisão em antes e depois da criação das primeiras cáte-

dras de Oftalmologia, em 1883 e 1884, pois diferença pouco existe entre aqueles períodos. Proclamada a Independência, passando o Brasil a ser um Império em 1822, a primeira tese sobre Oftalmologia só foi publicada em 1840.

São passados 40 anos da segunda publicação de CONDE, facilmente acessível à consulta nas bibliotecas. Vamos nos socorrer de suas valiosas pesquisas e de sua viva inteligência para retirar informes sobre o Tema abordado de modo tão profundo. Mas, ao lado de comentários sobre a Oftalmologia daquelas eras, não deixaremos também de enfileirar dados biográficos de Oftalmologistas que exerceram sua profissão no Brasil, a começar pelo próprio HERMINIO CONDE, merecedor de homenagem excepcional de outro vulto marcante na sua época — SYLVIO ABREU FIALHO —, quando publicou na Rev. Bras. de Oft. "HERMINIO CONDE — Evocação de um cavalheiro andante da Oftalmologia" (4).

São lamentáveis as enormes exigências da Sociedade moderna para manter elevado o nível de vida; as numerosas solicitações mundanas e as facilidades de diversões proporcionadas pela televisão, cinemas, rádio e gravadores, estão impossibilitando acompanharmos a evolução da história como seria desejável.

Esta é escrita para um número reduzido de interessados, quasi sempre em idade propecta, quando as atenções para o "struggle for life" já amainaram, e sobra um pouco de tempo para volvermos os olhos ao passado. Toda uma vida de lutas e trabalhos em prol de um ideal que foi traçado na juventude, ou algumas vezes para se elevar egoisticamente dentro os coevos, fica perdida ou esquecida por falta de registro. "Les morts vont vite", mas os sobreviventes, seus contemporâneos, sentem aumentar a tristeza de sua falta, sobretudo quando os jovens ignoram a sua obra, seus esforços, a até SEUS NOMES.

Já escrevemos (5) "dos nomes da Oftalmologia mundial, hoje proclamados como excepcionais, apenas 2 ou 3 poderão sobreviver na memória dos pósteros. Os demais, ficarão sepultados nos volumes de história".

Sentimos profundamente quando, nas sessões científicas, são aprovadas propostas suspendendo as leituras das atas das sessões anteriores e quando não vemos nas publicações vinculadas às Sociedades Médicas, o resumo das reuniões científicas, como era de praxe. Basta compulsar os números antigos dos Arq. do Inst. Penido Burnier, dos Arq. Bras. Oft., da Rev. Bras. de Oft. e de outras que viveram menos, para se perceber a riqueza perdida! Não têm validade os reclamos dos mais vividos, pois a pressa e o pouco tempo dos editores atuais sacri-

ficam o conhecimento dos fatos e dos pensamentos dos oftalmologistas dos nossos dias pelos futuros pesquisadores.

Como é interessante abriremos a antiga Revista Brasileira de Ophtalmologia e folhearmos o Vol. I, surgido em 1888, onde nas páginas 250 e seguintes, pode ler-se a disputa acesa entre HILARIO DE GOUVEA e MOURA BRAZIL, onde aparecem os nomes dos operados, figuras ilustres, conselheiros do Império, senadores de forma unusual para os nossos atuais costumes! E isto para defender os pontos de vista pessoais sobre a cirurgia da catarata, feita em muitos casos, **sem anestesia e sem assepsia!**...

Que dirão de nós os do futuro, daqui a 100 ou 200 anos, quando lerem que também discutimos e gastamos milhares de horas de pesquisa, escrevendo centenas de páginas sobre o melhor meio de mutilar o olho dos infelizes portadores de catarata senil, quando seria tão simples evitá-la... Como soarão ridículos os cuidados para retirar um cristalino opacificado, quando seria tão fácil conservá-lo transparente!

HERMINIO CONDE, assim como MOACYR ALVARO, por coincidência ambos falecidos aos 59 anos de idade, impressionaram vivamente nossa formação, pois os conhecemos nos primeiros anos da nossa vida profissional. Ainda por coincidência os dois muito se dedicaram à Oftalmologia Social e à sua História.

CONDE, como era mais conhecido, morava muito próximo da casa de meu Pai, onde nasci, e a frequentava assiduamente na década dos anos 30. Era um admirador fervoroso do Dr. EDILBERTO, como tratava meu Pai; inteligência brilhante, dispersivo, desorganizado quasi, esbanjando atividades intelectual e física, lutando por causas ingratas ou por muitos rotuladas impossíveis, deixou marcas no estudante de medicina que o admirava e no jovem médico que o tomou para padrinho — testemunha que assinou o registro do casamento civil — e, por isto, seu nome figura completo em todas as certidões que de nós exigem — HERMINIO DE MORAES BRITTO CONDE —. "Para médico militante, afeito à rotina da clínica, na enfermaria e no consultório, não tinha vocação. A inquietude permanente do seu espírito não lhe permitiria, por outro lado, os vagares indispensáveis ao estudo acurado", escreve SYLVIO FIALHO (loc. cit.).

Nascido em Piracuruca, a 18 de março de 1905, no interior do Estado do Piauí, então o mais pobre Estado do Brasil, mas que tantos nomes importantes tem dado, veio fazer o curso médico no Rio de Janeiro, formando-se em 1927, pela Faculdade de

Medicina (então Nacional, na Praia Vermelha).

Foi interno da clínica Oftalmológica em 1925/26, e depois, assistente voluntário. Quando estudante, foi Diretor da revista "A Academia" e tomou parte na Caravana chefiada pelos profs. ANNES DIAS e NASCIMENTO GURGEL que foi ao Prata, em navio fretado, e que trouxe tantos aborrecimentos aos dirigentes, que o último, ao desembarcar, ainda no cais do porto, disse: "Agora posso morrer"... E morreu mesmo.

Em 1928 e 1929 exerceu a clínica no Piauí e no Maranhão, sendo Delegado do Recenseamento no primeiro Estado, em 1930, quando voltou ao Rio de Janeiro e a frequentar a Clínica Oftalmológica da Fac. Nac. de Med., na Santa Casa da Misericórdia. Sua influência logo se fez sentir, quando promoveu a reativação da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, fundada em 1922, mas que se achava em recesso. O mesmo aconteceu com os Annaes de Oculística do Rio de Janeiro, cuja publicação fora iniciada em outubro de 1929. De ambos, CONDE foi o propulsor, permanecendo na Segunda Secretaria da Soc. Bras. de Oftal. enquanto viveu o prof. J. A. ABREU FIALHO faleceu em 17 de março de 1940, seu Presidente até esta data. Foi então eleito Presidente, o 1.º Vice-Presidente, NELSON MOURA BRASIL DO AMARAL, depois de atribuídas eleições, para completar o mandato, que se extinguiria em 25 de novembro, e o conservando 2.º Secretário.

Com a eleição do prof. OCTAVIO DO REGO LOPES para a Presidência, e, pela reforma do Estatuto, sendo o cargo de 2.º Secretário da escolha do Presidente, vimos içados à categoria de substituto de HERMINIO CONDE, que ficou realmente sentido com a substituição. Nosso nome fora levado ao professor, a quem conhecíamos vagamente, como um jovem organizado e entusiasmado, em quem podia ser confiada a tarefa de manter a continuidade das sessões. O professor era Membro Honorário da Sociedade e reverteu para a categoria de Membro Titular a fim de contornar a grave crise que se criara com a morte do prof. J. A. ABREU FIALHO.

REGO LOPES vivia afastado dela, mas, para acalmar os ânimos, com seu temperamento boníssimo, concordou em presidir, o que fez uma única vez, deixando os dois anos de mandato que lhe atribuiu o Estatuto e à sua Diretoria, aos cuidados do Vice-Presidente, o jovem também professor da Faculdade de Medicina de Niterói, PAULO CEZAR PIMENTEL. Os vaticínios de que a Sociedade morreria sem a reeleição do Presidente não se concretizaram, e passou ela a ter livro de atas, reuniões regulares, e frequência sempre crescente. E, por

casualidade, o 2.º Secretário de então, quando em 1955/56 ocupava a Presidência, pôde realizar o sonho de muitos, ao adquirir a sala 1.407 do Ed. Tampico, na rua México, 111, que foi a primeira sede própria. Mas isto será contado adiante.

Para HERMINIO CONDE as atividades na Soc. Bras. Oft. e nos Annaes eram poucas. Teve sua atenção voltada para o problema dos "exames de Vista" feitos nos balcões pelos caixeiros das casas de óptica, e iniciou memorável campanha que sensibilizou os Oftalmologistas, e, pela sua persistência, as autoridades governamentais, levando-as a promulgação do decreto lei n.º 24.492, de 28 de junho de 1934 (6)", que baixa instruções sobre o decreto n.º 20.931, de 11 de janeiro de 1932, o qual regula o exercício da Medicina no Brasil". O decreto fez diminuir até quase à extinção, o vergonhoso e lastimável exercício da Medicina por pessoas incompetentes e não credenciadas.

Oftalmologista do Departamento Nacional da Saúde Pública e Inspetor Especializado do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina em 1937, sofreu forte campanha pela aplicação do decreto-lei, até mesmo de colegas vinculados às ópticas.

No ano seguinte, promoveu o I Curso de Tracomologia do D.N.S.P. para a formação de médicos especializados no combate à endemia tracomatosa, seguindo-se outros, todos os anos, até 1946, realizando visitas às fazendas mais intensamente atingidas pela doença. Diplomaram-se 118 médicos nos 9 Cursos realizados.

Ainda em 1938, fundou com NELSON MOURA BRASIL DO AMARAL, JOÃO CELSO UCHOA CAVALCANTI e outros colegas, a Liga Nacional de Prevenção da Cegueira, da qual foi Presidente em 1951, depois de ocupar vários cargos das Diretorias, sendo Secretário Geral do I Congresso Inter-Americano de Prevenção da Cegueira, reunido no Rio de Janeiro, em 1942.

Voltada a atenção para a prevenção da cegueira, e a profilaxia do tracoma, passou a lutar denodadamente a favor de medidas preventivas, publicando numerosos trabalhos em revistas e jornais, apaixonando-se pela orientação de CHAMS, de Teerã (Irã), no tratamento do tracoma pela diatermo-coagulação dos foliculos. Para isto, criou um aparelho de eletro-coagulação semitransistorizado (novidade para a época — 1961), com o qual pretendia extinguir o tracoma pela destruição dos foliculos, causadores, a seu ver, das demais lesões córneo-conjuntivais. Seu entusiasmo fê-lo empreender viagem ao Oriente Médio, indo à Meca dos seus sonhos, visitar o prof. CHAMS, em 1960. (7)

Em 1951 foi nomeado Diretor do Instituto Benjamin Constant, permanecendo no espinhoso cargo até 1954.

Suas múltiplas atividades ainda deixavam tempo para cultivar MACHADO DE ASSIS, sobre quem publicou vários artigos, e depois um volume de 125 páginas (8), no qual atribuiu grande parte dos sofrimentos do escritor, aos óculos mal ajustados de miope de — 4 d.

HERMINIO CONDE veiu a falecer em 28 de novembro de 1964, do mesmo mal que vitimara 5 anos antes, MOACYR ALVARO: hemorragia cerebral, pouco depois de concluir o Curso da Escola Superior de Guerra.

Recebeu as Medalhas do Censo de 1930, da Associação do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e do II Congresso Pan-Americano de Oftalmologia; era Membro Honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier, da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo e da Sociedade de Oftalmologia e Oto-Rino-Laringologia do Rio Grande do Sul. Membro da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Cultural do Cariri (Crato, CE), tendo publicado 64 Trabalhos. Seu necrológio saiu na Rev. Bras. de Oft. (9).

Na mesma época na qual HERMINIO CONDE destacava-se no Rio de Janeiro, e n S. Paulo, ocupava a área da Oftalmologia Social, o nome do prof. MOACYR E. ALVARO, conforme escrevemos no Livro Jubilar do Prof. Ivo Corrêa Meyer. Seu falecimento, ocorrido em 19 de julho de 1959, deixou uma lacuna ainda não preenchida na Oftalmologia Brasileira (5).

Oftalmologia Ibero-Americana, da qual foi idealizador e um dos fundadores, dedicou um número especial (10) à sua memória, publicando discursos e homenagens prestadas em toda a América Latina; os Arquivos Brasileiros de Oftalmologia (11) rememoraram em 38 páginas e bio-bibliografia e também discurso e resumos das sessões das Sociedades médicas em sua memória e a Rev. Bras. de Oftal. (12), publicou sua fotografia e o necrológio.

MOACYR ALVARO era infatigável. Suas atividades encurtaram-lhe a vida; 59 anos seriam em maior número se houvesse dosado melhor suas forças. Mas, "Ninguém domina seus hormônios", escreveu uma vez JOÃO MARINHO, catedrático de ORL da Fac. de Med. do Rio de Janeiro, do qual fomos interno, e MOACYR ALVARO esbanjou sua vida em trabalhos produtivos, que deixaram marca na História da Oftalmologia Brasileira.

Diplomado em 1922 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese sobre "O papel dos animais caseiros na transmissão das doenças" (13), desde cedo

dedicou-se à organização do trabalho, e, uma pessoa, um grupo, ou um povo organizado, vão longe. Publicou vários trabalhos sobre o tema (14), (15), (16), (17), (18) e fundou o IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), do qual foi Presidente várias vezes e Grande Presidente Emérito, editando revista especializada e atraindo industriais, banqueiros e comerciantes para suas fileiras.

Foi designado para a Cátedra de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina em fevereiro de 1937. A parte médica muito lucrava com a sua organização e imaginação criadora, desde a construção de cadeira dupla, para médico-paciente até ao planejamento com os mínimos detalhes, de uma clínica Oftalmológica; com a aglutinação dos Oftalmologistas brasileiros, promovendo reuniões, que se transformaram em Congressos; outras, que viraram as Jornadas; implantando a ideia do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, concretizada em 1942; realizando Cursos anuais fundando Centros de Estudos; introduzindo a Ortóptica em nosso país entre outras iniciativas. E depois, estendeu sua ação pelas Américas, compartilhando com HARRY GRADLE e CONRAD BERENS na fundação da Pan American Ophthalmological Association (Associação Pan-Americana de Oftalmologia), iniciando os Congressos Pan-Americanos, cada 4 anos, entremeados mais tarde, pelos Congressos Interins; e ainda Sociedade Sul-Americana Meridional de Oftalmologia com suas reuniões bienais. Daí, para o concerto mundial, sendo eleito para Membro do Conselho Internacional de Oftalmologia em 1950, grande honra depois também conferida a HILTON ROCHA.

Tomou parte ativa em todos os Congressos Brasileiros de Oftalmologia, ora nas Comissões Executivas, ora apresentando trabalhos científicos, co-presidindo o VIII, quando se comemorou o IV Centenário da Fundação da cidade de S. Paulo, em 1954.

Lutou bravamente na profilaxia do tracoma e sua extinção escrevendo trabalhos e tomando parte em Comissões, além do relatório ao Ministério da Educação e Saúde (19) e de ser Co-Relator no II Congresso Brasileiro de Oftalmologia, em 1937 (20).

Muito colaborou na Prevenção da Cegueira desde a década de 30, tomando parte no Congresso de Londres, realizado em 1935; em 1939, representando a National Society for the Prevention of Blindness, no Congresso Mundial de Educação (21). apresentou trabalho em colaboração com Mrs. ELEANOR BROWN MERRILL, passando a Consultor para assuntos Latino-Americanos em 1945.

Ainda introduziu o conhecimento da ortóptica entre nós, trazendo a Dra. ELIZA-

BETH CASS para Cursos e organizou o primeiro Centro de Treinamento Ortóptico no Brasil.

Foram incontáveis as viagens ao exterior, comparecendo a Congressos, nos quais quase sempre apresentava trabalhos, e muitas vezes para pronunciar conferências ou a convite de Sociedades especializadas, fazendo conhecido o nome do Brasil e em troca, trazendo conferencistas para divulgar em nosso meio, os últimos conhecimentos da Oftalmologia.

Designado para a cátedra da Esc. Paul. de Med. em fev. de 1937. Seus assistentes e ele fundaram o Centro de Estudos Oftalmológicos Prof. Moacyr E. Alvaro, responsável por inúmeras realizações, inclusive ministrando cada ano, Cursos de Oftalmologia, organizando o primeiro Curso de Ortóptica, promovendo visitas de professores de grande valor e instituindo a Medalha de Ouro Prof. Moacyr Alvaro, já conferida a onze Oftalmologistas, sendo o primeiro, o seu Patrono e os demais, IVO CORRÊA MEYER, RENATO DE TOLEDO, HILTON ROCHA, GERALDO QUEIROGA, ALMIRO DE AZEREDO, PENIDO BURNIER, EDILBERTO CAMPOS, CEZARIO DE ANDRADE, HEITOR MARBACK e EVALDO CAMPOS.

Isto é o mínimo que se pode escrever sobre vulto tão destacado da Oftalmologia do Brasil.

Faremos um pouco de história nesta Evocação dos Oculistas do Passado, com CYRO DE REZENDE (22) informando-nos "que por maiores esforços que fizéssemos em pesquisar velhos alfarrábios, muito pequeno foi o subsídio que pudemos colher sobre a Oftalmologia nos primórdios da colonização".

Nas cartas de ANCHIETA ao Geral das Jesuítas, de 1510, ... "nestes brasis... achase raramente um surdo, um cego"... E padre VASCONCELOS, também da Companhia de Jesus, escreveu que os "índios abusavam dos banhos, preferindo antes lavar-se do que beber, quando a água não dava para os dois misteres". Aliás, continua até hoje este hábito de se banharem frequentemente.

Os efeitos das mezinhas indígenas muito impressionaram os ingênuos jesuítas. Um simples cabelo de uma pele de macaco, queimado, "em breves passos sarou dos olhos e fez uma índia quasi moribunda por mordida de horrenda e venenosa aranha"; e outra, com os "olhos encarniçados, vermelhos e inchados, quasi arrebatados ou para saltarem fora", "na brevidade de meia hora teve-os sãos, desinchados e restituídos ao natural", com o suco de pequena raiz de erva que um índio espremeu nos olhos... (loc. cit.).

Era a fase mitológica da Oftalmologia do Brasil, citada apenas como curiosidade e para realçar o trabalho de pesquisa de CYRO DE REZENDE.

As primeiras referências a doenças oculares no Brasil devem-se a WILHELM PIES, cujo nome aparece também latinizado, GUILIELMI PISONIS, ou simplesmente PISO, médico particular do conde JOAO MAURICIO DE NASSAU, nomeado Governador Geral do Brasil Holandês, que desembarcou em Recife em janeiro de 1637. Fazendo parte da comitiva do Governador Geral, veiu o médico WILLEM van MILAENEN, falecendo pouco depois da chegada. Para substituí-lo, foi então enviado no ano seguinte, o jovem PISO, nascido em Leyde, em 1611, doutorado em medicina em Caen, no ano de 1633. Aqui chegando aos 26 anos, permanece até 1644, quando regressou à Europa, acompanhando NASSAU que se demitira, desgostoso com a falta de apoio do governo holandês.

Quatro anos depois, publicou na Holanda, De Medicina Brasiliensis (23). primeira parte da Historia Naturalis Brasiliensis, existente na Biblioteca Nacional e na da Ilha do Fundão.

É impressionante a capacidade de observação e dos conhecimentos de PISO, que aos 37 anos, já publicava obra de peso, trazendo os resultados dos estudos feitos no início de sua carreira médica no Brasil, juntando aos de botânica, para o que contou com a colaboração de MARCGRAV, este nascido na Alemanha, em 10 de setembro de 1610 (24).

Escrita em latim, não é de fácil compreensão.

Transcrevemos do trabalho de HERMINIO CONDE (3), algumas passagens do capítulo De oculorum vitiis, da Medicina Brasiliensis.

"HIPOCRATES já depunha que as doenças dos olhos, principalmente as conjuntivites, eram comuns aos que habitavam as praias e também áqueles que tinham carnes quentes e secas (*tum quoque iis quibus carnes calidae et siccae*). A charada reclama o latinista dobrado de médico! E de médico forrado de bons conhecimentos da medicina hipocrática. PISO reporta-se à constitucionalística de HIPOCRATES, atualizada nos estudos de PENDE, ROCHA VAZ, e BERARDINELLI; os enxutos de carnes são os longilíneos, habitantes dos planaltos... As conjuntivites atacavam os habitantes das praias e os dos planaltos...

A seguir, estuda várias entidades mór-bidas oculares que flagelam os soldados e a plebe (*oculorum mala, milites procteris et penuria pressos infestant*). Não há referências ao tracoma, trazido ao nordeste um

século após pelos ciganos da metrópole, e conhecido na Holanda apenas nos primórdios do século dezanove, transportado pelo contágio dos remanescentes das hostes napoleônicas da invasão do Egito.

O estudo da hemeralopia, a perfeita distinção da nictalopia, e o tratamento pelo fígado de peixe lamia, positivamente assombrou, realizada com tanta segurança e intuição clínica a terapêutica da avitaminose, há três séculos! PISO com admirável independência de caráter, responsabiliza a má alimentação da plebe e dos soldados, investe contra o hábito, ainda hoje usual nas fazendas, de serem trancados os alimentos em despensas fechadas nas quais contraíam bolor. Os pobres e os soldados comem alimentos corrompidos. Bebem água estagnada e vinhos rançosos, cheios de impurezas. Eis o que me foi dado observar nas terras do ilustríssimo Conde de Nassau (*Sicut saepissime in castris Illusr. Comitiss Nassau à me est observatum*). No regresso à Holanda, PISO que resistira à tentação de transformar em sinecura a sua cômoda função, foi tudo: professor, grande cirurgião, reitor da Universidade a despeito do que observara na administração de um amigo que perseverou como tal... Naqueles tempos parecia não haver o perigo de emitir-se a verdade, mesmo nos palácios das côrtes, viveiros habituais de intrigantes.

Não para aí a observação do gênio holandês: define a conjuntivite primaveril quasi nos mesmos termos utilizados dois séculos e meio depois, no tratado oracular de FUCHS. A natureza foi observada por dois grandes investigadores e o fato científico exige concisão no relato: "Principalmente no período seco ataca os estrangeiros, pouco incomodando os jovens nativos; cura-se espontaneamente, molestando alguns durante seis semanas, outros por outros por outros tantos meses, e não raramente revidiva. O mal é bilateral". Temos em poucas palavras, o caráter cíclico da conjuntivite, a bilateralidade e quasi todos os seus demais característicos, em termos claros e precisos.

O ofuscamento do sol tropical ao meio dia, nas praias, o bater vertical do astro rei nas estradas não raro queimando a planta dos pés dos caminhantes, o gota serena ou amaurose, e uma notícia detalhada da terapêutica local empregada nas doenças oculares, inclusive ventosas e sanguesugas aplicadas nas têmporas, completam o capítulo dedicado pelo insigne cientista à oculística das Índias Ocidentais".

A invasão holandesa levantou grande alarma em Portugal. Com a expulsão dos invasores, em 1654, foi proibida a entrada de estrangeiros no Brasil, mesmo de cientistas, origem do atraso em que ficou o nos-

so paiz, não acompanhando o surto de progresso europeu, tão benéfico às colônias norte americanas. Justificava-se pelo receio da emancipação do Brasil, o mesmo, aliás, que tinham os demais paizes colonialistas.

Depois de PISO, uma das mais antigas referências sobre a medicina do nosso Brasil, foi a de SIMÃO PINHEIRO MORAIS, emigrado de Portugal em 1668. Por volta de 1671, chegou a Recife e cerca de 1677 escreveu para a Metrópole, um memorial intitulado "Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco. Os abusos medicos que nas suas capitánias se observam tanto em dano das vidas de seus habitadores".

A edição da Junta de Investigação do Ultramar, de 1965 (25) torna acessível a leitura e compreensão do texto pelas explicações e nótulas de JAIME WALTER.

Não nos furtamos a oportunidade de transcrever algumas linhas sobre a qualidade da medicina e dos médicos de então.

"Queixam-se os Arrecifes de quererem professor muitos que apenas sabem ler, nem escrever; outros, que por acharem em português um livro médico, se constituíram doutor naquela ciência; outros, que por ouvirem alguma mezinha a seus antepassados, se consideram os mais cientes nelas; outros, a quem o tempo pôs nos anos mais crescidos de idade se avaliaram pelos mais experimentados médicos, preferindo a sua experiência irracional e metódica. Outros finalmente, que por professarem, doura ou empiricamente, a arte de cirurgia, se avaliaram pelos mais cientes da Medicina, dando por razões que os médicos sangravam e purgavam, eles também assim faziam, não atendendo quanto vai obrar ao conhecimento das doenças e de suas causas; obrando talvez tanto um dano das vidas dos homens e cargo de suas consequências".

E vai longe o arrazoado...

No relatório de HERMINIO CONDE, faz ele referência a dois cientistas ingleses que chegaram ao Brasil entre 1836 e 1841. O primeiro, GEORGE GARDNER, escreveu "Travels in the interior of Brazil", traduzido em 1975 e publicado pela Gráfica Editora Itatiaia (26), relatando viagem pelo nosso paiz, assinalando muitos casos de oftalmias no interior do Ceará. Na página 126, informa que em Oeiras fez 3 operações de catarata (depressão), das quais uma bem sucedida, com recuperação da visão do paciente e 3 litotomias, GARDNER, nascido na Gran Bretanha, em 1812, chegou ao Rio de Janeiro em 22 de julho de 1836.

O outro, NAYLER BEY, oculista do Vice-Rei do Egito, talvez não merecesse a qualificação, já que a Revista Médica Fluminense em julho e agosto de 1839 (27), publicava advertências sobre a maneira "mui

pomposamente feita de anunciar como o não plus ultra da pericia e habilidade oculistica". Lamenta a Revista o "desleixo das autoridades municipais, que consentiam que um homem inteiramente desconhecido na ciencia e do qual não se sabia quais eram os titulos legais, exercesse a medicina com tanta publicidade; e igualmente fizemos ver, segundo o que se nos tinha dito, a pouca dignidade deste Sr. no nobre exercicio da Medicina".

Pede a Revista que os colegas brasileiros informem os métodos terapêuticos e modos de operar e transcreve a opinião da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa acerca do Sr. NAYLER, lavrada em ata datada de 17 de outubro de 1838.

"A Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa pôde capacitar-se, depois da séria investigação dos métodos terapêuticos e operatorios do Sr. CARLOS NAYLER, oculista inglês, que ele tem visto muitas doenças dos olhos, que as conhece, e que mesmo terá visto operar habéis oculistas; mas, que ele está muito longe de haver tirado de sua observação, e das lições de seus mestres, o devido e desejado partido."

Os métodos terapêuticos usados por NAYLER "quasi indistinta e rotineiramente são fortísimos estimulantes, sem cálculo fisiológicos, são mais ou menos nocivos. Faz uso imoderado do nitrato de prata, agravando a doença".

"Considerando o método operatorio, pensa a Sociedade a delicadeza, a decisão, a destreza, o escrúpulo para com os instrumentos, os processos modernos deixam muito a desejar neste prático, que se pretende abalizado, e que se dá exclusivamente a esta parte da Ciência. Na operação de catarata, por exemplo, usa hastea de PAMARD para subjugar o globo ocular quando os operadores portugueses, havendo abandonado como própria a contundi-lo e a perturbar a operação, assim como todos os outros oftalmologistas, esperam que o mesmo globo tome por si uma posição adequada para a introdução do instrumento. Quanto à extração da catarata pela parte superior, método rejeitado pelo próprio WENZEL, persuade-se com este a Sociedade, que lhe é muito preferível a extração pela parte inferior, mormente não sendo feita aquela por prático de maior destreza, a fim de não ocorrerem os inconvenientes notados por JAEGER, de Viena, seu inventor, e pelos seus partidários, inconvenientes alguns dos quais têm sido observados em casos operados pelo Sr. NAYLER".

Ainda acusa a Sociedade de usar o oculista inglês "alguns medicamentos que envolve em suspeito mistério e que dá a outros importância singularmente exagerada".

Por fim, estranha que as autoridades tenham permitido o exercicio da profissão sem terem procedido a exame do interessado, contrariando a legislação em vigor, insinuando que tudo se deve ao "prestígio que o Governo o revestiu ilegal, injusta e impoliticamente"...

Tal quadro da medicina de antanho pouco difere da atual, quando curandeiros e seguidores de certas seitas praticam a medicina, mesmo em centros com recursos médicos e na maioria dos municípios do Brasil que não dispõem destes. Ontem, como hoje, sempre o estrangeiro tem mais procura que o nacional. Um nome arrevizado uma pronúncia diferente bem que ajudam...

Não consta terem sido tomadas providências na corte ou no Rio de Janeiro sobre as atividades do oculista inglês, mas, ressalte-se a opinião contrária da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, de se retirar a catarata pela parte superior achando "muito preferível pela parte inferior"...

Até nos primórdios do século XIX perdurou a proibição da entrada de estrangeiros, afrouxada com a fuga da família real portuguesa para o Brasil em 1807/08, quando veiu bom número de refugiados de melhor categoria que dos antigos imigrantes, quasi todos de baixo nível cultural, analfabetos a mor parte.

Entre os visitantes, SOUTHEY deixou na History of Brazil (28), vol. VI, uma referência à doença endêmica dos olhos na cidade do Crato. Entretanto, não aparece nenhum nome de Oftalmologista entre os estrangeiros para figurar na História.

O primeiro que surge, é o de um brasileiro, FRANCISCO ALVARES MACHADO VASCONCELOS, nascido em S. Paulo, em 21 de dezembro de 1791 e falecido no Rio de Janeiro em 4 de julho de 1846.

Diplomou-se pela Escola Colonial de Medicina, fundada por médicos portugueses militares com o fito principal de formar cirurgiões para o exército. Basicamente havia Cursos de Anatomia, Fisiologia, Clínica e Cirurgia nos hospitais militares.

ALVARES MACHADO diplomou-se em 1813, clinicando em Itu, Porto Feliz e Campinas, praticando operações nos olhos, principalmente a reclinção da catarata, pelo processo de Daviel e de alta cirurgia — talha abdominal, herniotomia e até craniotomias. Em 1819 foi nomeado cirurgião militar, ingressou na politica, chegando a Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul em 1840 (29).

O ensino médico no Brasil tem origem no Decreto Real de 18 de fevereiro de 1808, assinado por D. JOAO VI, criando na Bahia a Escola de Cirurgia, logo seguido de outro,

em 5 de novembro, criando no Rio de Janeiro a Escola Anatômica Cirúrgica e Médica, estabelecida no Hospital Real Militar do morro do Castelo (30). Só se estudava Anatomia e Cirurgia e os diplomas ou cartas, eram expedidas em Lisboa, após exames prestados na Junta do Proto-Médico, diplomando cirurgiões, parteiros, litotimistas, oculistas, boticários, droguitas, químicos destiladores sangradores, etc. Como se vê, cedo apareceram os oculistas como especialistas...

A Lei de 9 de setembro de 1826 instituiu a Escola Médico-Cirúrgica, diplomando os primeiros graduados em 1830, o que justifica a primeira tese de doutoramento, adiante assinalada; somente em 3 de outubro de 1832, foi a Escola elevada à categoria de Faculdade, semelhante às europeias, tomando o nome de Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com 14 cadeiras, divididas em 3 seções, médica, cirúrgica e de ciências acessórias, a saber:

1.º ano — Física; Botânica; Elementos de Zoologia.

2.º ano — Anatomia Geral e Descritiva; Química Médica e Mineralógica.

3.º ano — Anatomia e Fisiologia.

4.º ano — Patologia Externa; Patologia Interna e Matéria Médica.

5.º ano — Medicina Operatória; Ortopedia; Partos, Enfermidades das Mulheres Pejadas e Paridas e de Meninos Recem-nascidos.

6.º ano — Medicina Legal; Higiene e História da Medicina.

Clínica Cirúrgica para os alunos do 2.º ao 6.º anos.

Na pesquisa que fizemos na Biblioteca Central no Centro de Ciências da Saúde, na Ilha do Fundão, a primeira tese de doutoramento data de 1831, do JOÃO JOSÉ DE CARVALHO (31). Outras vieram mas a primeira sobre Oftalmologia data de 1840, defendida por JOAQUIM CARDOSO DOS SANTOS JUNIOR, "Fistula lacrymal" (32), logo seguida de outras, em 1841, de JOAQUIM PIRES GARCIA DE ALMEIDA, sobre "O tratamento da cataracta" (33) e de FRANCISCO LOPES DA CUNHA JUNIOR, sobre "A operação de catarata pelo methodo de abaixamento" (34). E na década dos anos 40, já eram 10 sobre nossa especialidade.

Na tese de FRANCISCO LOPES DA CUNHA JUNIOR, encontramos algumas proposições que merecem resumí-las.

"A catarata deve ser extraída quando completa, pelo menos em um olho. Congênita, a partir dos 2 meses.

Tres métodos: extração, abaixamento e discisão.

Abaixamento: pela córnea, ou keratonyxis ou pela esclera, escleritonyxis. Usa agulhas, compressas e panos limpos, água fria. Doente deitado, junto à janela, com cortina escura, para aumentar ou diminuir a luz quando necessário. Um ajudante fixa a cabeça e levanta a pálpebra superior e 2 outros imobilizam o paciente. O cirurgião afasta a pálpebra inferior e introduz a agulha pela córnea ou pela esclera, atrás da íris. Depois do abaixamento ou discisão, o cristalino é absorvido no espaço de muitos meses, de um ou dois anos, "poucas vezes resiste à ação dos vasos absorventes". Além de ligeira inflamação, que ordinariamente se manifesta alguns dias depois, nenhum outro acidente sobrevem e o cliente pode no fim de 15 ou 20 dias, principiari a exercitar o olho operado. Em geral, "o cliente fica mais ou menos présbita, corrigindo-se por meio de óculos 2 ou 3 meses depois da operação".

No pré-operatório, aconselha purgar ou vomitar alguns dias antes. Clister na véspera ou no dia da operação "para evitar que se levantem para ir à banca". Pedilúvios simples ou sinapisados. Quando a pupila está contraída, instilar umas gotas de beladona.

"Hoje (1841) não se usa mais os oftalmostatos por serem mais prejudiciais que utels; só afastamento com os dedos. Uns operam o cliente sentado, outros, deitado". A queratotomia pode ser inferior, superior ou lateral, achando o A. o abaixamento mais vantajoso. Cita estatística de VELPEAU com 7529 abaixamentos, com 104 maus resultados e 1307 extrações com 397 maus resultados (estatísticas de 12 autores diferentes). O cirurgião coloca-se ao lado do leito oposto ao do olho que vai ser operado, apoiando o cotovelo no leito, usando a mão direita para o O.E. e vice versa. A ponta da agulha deve ser passada por traz da íris, como preceitua CARRON DU VILLARDS, abre a cápsula do cristalino; se o "liquor de Morgagni" do cristalino se derrama, toldando a câmara anterior, é melhor suspender a operação, pois não se vê a agulha. Se o cristalino se dividir, terminar a operação como simples discisão e se cair na câmara anterior, levá-lo para a câmara posterior. Se isto não for possível, fazer o "método da extração" (não diz como). Retirar a agulha com pequenos movimentos de rotação. "O preceito de mostrar ao doente, logo depois de operado, alguns objectos, para julgamento dos effeitos da operação deve ser abandonado como nocivo". Curativo binocular.

O processo acima descrito, era também adotado por GARCIA DE ALMEIDA, já citado, com algumas modificações.

Das outras teses, a de JOÃO DIAS FERRAZ LUZ, (35) sobre "A operação da pupil-

la artificial ou coremorphose" é bastante boa. Com 59 páginas, trata da iridectomia e a de BENTO JOSÉ MARTINS, sobre "Strabismo e sua operação" (36), traz 3 observações sobre tenotomia do reto medial para correção do defeito.

Em 1841 surgiu o primeiro livro publicado no Brasil sobre Oftalmologia: o "Manual das Molestias dos Olhos", (37), de JOÃO ANTONIO DE AZEVEDO, impresso na Typografia Austral, no Beco de Bragança, 15, Rio de Janeiro.

Foi motivo de trabalho publicado por ALFREDO ROCCO (38), e está sendo transcrito sob o título de Editoriais, pelos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia (39), (40).

Trata-se de um volume de 214 páginas e 2 pranchas com várias figuras, e torna-se digno de nota a sua publicação quando a Oftalmologia ainda não se emancipara como especialidade em nosso paiz, pois somente com a reforma Saboya, em 25 de outubro de 1884 foi criada a primeira cátedra, 111 anos depois da fundação da I Clínica de Olhos da Universidade de Viena por BARTH (1773).

As teses, como este Manual, foram manifestações pioneiras do desejo de progresso, antes da visita dos grandes nomes da Oftalmologia do Velho Mundo, dos quais CARRON DU VILLARDS foi o que deixou maior impacto, já anteriormente bastante conhecido, citado por CUNHA JUNIOR em sua tese de doutoramento em 1841.

Não é possível a transcrição total, seria uma reimpressão. Mas, há exemplares nas Bibliotecas, para serem compulsados. Entretanto, é interessante darmos alguma ideia dos conhecimentos de então, transcrevendo alguns trechos.

O capítulo VI, por exemplo, tem o título "Como se ve hum objecto simples, sendo que sua imagem faz impressão nos dois olhos, e por que se vêem algumas vezes dobrados".

E o texto: "Quando olhamos um objecto, cada hum de nossos olhos recebe huma imagem desse objecto. Ha duas imagens que fazem de huma vez impressão sobre a nossa alma, e comtudo nós não vemos mais que hum objecto. Se acontece que a alma deixe hum dos olhos como em esquecimento desta acção, de forma que ella se não serve mais que de hum, ou só dê attenção a huma das duas imagens, a difficuldade será logo tirada. He verdade que isto que faz a alma, commummente he o modo de ver mais ordinario; dizem alguns Philosophos: nós não consideramos attentamente hum objecto mais que do olho que está de sua parte, ou que está mais proximo a elle, e o outro está em huma especie de repouso, até que cançado o primeiro entre elle em

seu lugar; o que tem feito crer a muita gente, que ha um olho mais forte ou mais vigilante que outro; que se carrega constantemente da maior parte da obra. Ainda que esta especie de visão forte fosse como elles pretendem, ordinaria, não he universal, como elles mesmos crêem, e por consequente não pôde dar solução do phenomeno de que se trata: 1.º a experiencia confirma ordinariamente que se vêem os objectos com os dois olhos ao mesmo tempo: 2.º que se vê melhor com dois olhos, que com hum só: 3.º que servindo-se dos dois se fatiga menos a vista, se vê e julga mais promptamente, fitão-se os olhos mais constantemente em hum mesmo objecto: 4.º que se vê melhor quando se olha com attenção, e com huma especie de esforço: 5.º finalmente, que se acontece algumas vezes não se ver o objecto mais que de hum só olho, por que a tenção he excitada neste olho, antes que no outro, he por que o objecto está da parte do olho que he ferido primeiro, ou por que nós temos adquirido hum habito particular de fazer uso deste olho antes que do outro. Do que tudo se vê que falsamente se affirma ser necessario olhar como por demais para vêr os objectos duplicados, por que huma grande applicação, faz que se não veja mais que a imagem pintada em hum dos olhos; se tal succede veramente, e eis aqui huma solução geral.

Quando nós olhamos para hum objecto com os dois olhos, estes orgãos se voltão para o mesmo objecto de modo, que elle vem collocar-se à extremidade da linha central de cada olho, e o centro de cada imagem se pinta sobre a Charoide de cada olho, no ponto que responde ao eixo optico; assim todas as vezes que as duas imagens cahirem sobre os pontos da Charoide, que respondem ao eixo de cada olho, estas imagens se confundirão em huma só; mas quando as duas imagens cahirem fora destes pontos, não se confundirão, verse-hão todos, e o objecto parecerá dobrado.

Esta é a razão por que os que estão tomados do vinho vêem os objectos dobrados, por que seus olhos se acham como paralyticos; assim como suas pernas, que se fazem como fixas e immoveis. Elles não dirigem exactamente os eixos visuaes para os objectos, e assim as imagens destes objectos cahem fora do pólo visual, e por onde estava, vê-se separadamente, e parece ao mesmo tempo, que este segundo objecto muda de sitio, e se affasta do primeiro; por que comprimindo o olho de todo, faz que os raios que vão a elle caião obliquamente sobre o mesmo olho, e se quebrem mais atravessando-o. Ora a alma refere sempre a impressão das imagens em linha recta à extremidade do eixo que toca o orgão, ou o fundo do olho. A alma refere sempre a impressão

das imagens a hum objecto no lugar onde elle está. Ella o vê em o mesmo olho por que nada tem com o objecto, mas só com a imagem, pois de qualquer ponto que ella venha, logo que tem atravessado a cornea, o humor aquoso e o Christalino, se quebra por ultimo em o humor vitreo, onde differre huma linha recta até ao fundo do olho, e assim a alma vê o objecto como se estivesse sobre o mesmo olho, segundo o eixo visual prolongado quanto fôr preciso.

Temos dito, que hum objecto visto pelos dois olhos parece simples quando as imagens cahem directamente sobre os pontos do eixo optico, que se corresponde com cada olho, e que elle parece dobrado quando a imagem cahe fóra destes pontos, ou sobre as partes que não são pontos analogos ou correspondentes.

Crê-se que o eixo optico he o centro do nervo optico: diz-se que estes dois nervos se cruzão, e que a impressão que cahe sobre elles sendo levada ao longo de seus filetes, se encontra em hum só ponto no cruzamento dos ditos filetes, e que ahi se confunde em huma só impressão; mas nós vimos no Capitulo antecedente, que o centro do nervo optico he inepto para tal função; além disto, cruzamento de que se falla é imaginario.

Alguns modernos que perceberão estas difficuldades, fixarão o eixo optico sobre o ponto da Charoide, ou da Pia-mater, que está sobre o bordo interno da inserção do nervo optico, e dizem que estas partes da Pia-mater, se reúnem diante do concurso destes dois nervos, justamente onde responde o eixo commum, e que as duas impressões se confundem em huma só. He hum factu provado pelo anatomia mais exacta do olho, e pela experiencia de Mr. MARIOTTE, e pela que diz, que o eixo do Globo ocular, ou o eixo visual, cahe na porção da Charoide que fica depois do nervo optico para a parte do Angulo externo. O pólo optico não he hum ponto, he todo o fundo do olho que tem o eixo optico por centro, pois toda a imagem a cujo centro responde este pólo, faz ver à alma hum objecto unico, ainda que a imagem esteja em cada olho, pela mesma razão, que se ouve por dois ouvidos hum som unico, ainda que haja dobrada impressão.

Isto não he que as sensações se confundam pela reunião das acções do movimento.

Esta confusão he uma chimera nos dois ouvidos, cujos nervos e órgãos são muito distinctos: a mesma he que faz esta reunião por hum juizo que lhe vem do habito particular da experiencia; ella sabe que hum objecto unico he aquelle que occupa hum só, e unico lugar proporcionado à sua circumferencia, que hum objecto dobrado he aquelle que occupa hum dobrado espaço,

ou que está em dois lugares distinctos. Assim quando lhe vem huma imagem em cada olho, ambos se referem em linha recta ao mesmo ponto, ou lugar, que são precisamente os mesmo em sua posição, e em sua forma, por isso que o objecto está em o eixo commum dos dois olhos, e que occupa o mesmo sitio, o mesmo pólo optico, e cahe sobre as mesmas partes em cada olho, conclue-se que he huma sensação vinda do mesmo lugar, e esta dobrada imagem he de hum objecto unico. Ella não sente, não vê mais que hum objecto. Se se tira o olho fora do eixo commum, a direcção da imagem se muda, e o objecto parece dobrado; por que sendo cada imagem referida a dois lugares differentes, a alma julga o objecto dobrado.

De tudo o que foi dito se conhece, que o pólo optico he a região do fundo de cada olho, que he sympthica com sua companheira: o seu centro he chamado eixo optico: ordinariamente o eixo do mesmo Globo se dirige, e se reune ao eixo commum, quando os dois olhos realmente ambos se dirigem para hum objecto; todas as vezes que esta reunião se faz, a imagem do objecto ainda que dobrada huma em cada olho não faz vêr mais que hum objecto, por que as duas imagens são referidas pela alma a hum só e mesmo lugar, e fóra deste eixo commum o objecto parece dobrado; por que cada eixo do olho, e por consequencia cada imagem será referida a hum lugar distincto do outro, e assim a imagem do mesmo objecto responde a dois lugares differentes."

Mais adiante, paramos na descrição do tratamento e da cirurgia da catarata. (Página 160 e seguintes). O A. tem alguns exemplos de restituição da transparência do cristalino muito no inicio (diagnosticada antes do oftalmoscópio...), com "Sangrias, se a plethora as pede, os purgantes, particularmente os drasticos, como jalapa, calomelanos e outros; as fontes, nos braços e os sedenhos, na nuca, e principalmente a electricidade são os remedios efficazes, e abonados pela experiencia".

A intervenção era feita com o paciente sentado em cadeira, defronte de janela, de sorte que a iluminação caísse do ângulo externo para o interno. O único instrumento usado era o bisturi, tendo prontos para servir pedaços de pano de linho fino, velhos, macios, dobrados em forma triangular, algodão) ou fios muito finos, colados numa bandeja.

Fica de pé o ajudante, atrás da cadeira do paciente e apoia no seu peito a cabeça do operando, segurando-a firmemente. "Com o dedo indicador levantará a palpebra superior approximando com os mais dedos, a cabeça do paciente contra o seu peito; isto feito, senta-se o operador defronte do pa-

ciente, em huma cadeira mais elleuada, e põe correspondente ao olho que se ha de operar, em cima do assento da cadeira do enfermo, o Joelho para servir de apoio do cotovello, abaixando com o dedo minimo da mão direita a palpebra inferior"... A incisão é feita com faca tipo BEER, na metade inferior da córnea cuidando-se que não toque "... a membrana coróide, úvea, e iris". Feita a incisão, sai o "humor aquoso e as mais das vezes, o chrystralino"; se este não sair, levanta-se "a membrana (cornea) com a pinça propria, e com brandas compressões com a polpa do dedo mediano, sahe chrystralino. Havendo alguma porção de humor concrecto, que algumas vezes acompanha a cataracta, se tirará com pinça propria, ou com colher propria, limpando de algum humor aquoso o globo com huma esponja macia e fina, humedecida com agua rosada".

Após o que, cobre-se o olho com os fios e passa-se a atadura, ocluindo os dois olhos. Curativos diários a partir do 1.º dia, lavando os olhos, sem abri-los, com pincel macio molhado em agua rosada, até o 8.º dia, e fazendo-se sangrias no pé, se as forças do doente permitirem. Somente no 8.º dia os olhos são abertos, muito devagar, com alguma luz na parte posterior da cabeça, para observar os olhos, sentando-se o doente por duas horas. No 10.º dia o doente levanta-se e "pondo um bocado de tafetá verde na testa, que passe alguma cousa abaixo a que se pode chamar avental, ou tapa-luz dos olhos, tendo-se attenção nesta semana; pois sem ella, se porão os olhos no risco de se inflamarem, e se perderem".

Eram comuns as operações nos dois olhos na mesma sessão e os clientes deviam permanecer em casa um mês. Quando a cirurgia era monocular, os clientes podiam sair mais cedo, "com a cautela do avental".

Os accidentes assinalados são: desunião dos lábios da ferida; cicatriz visível após grande supuração; oftalmia; efusão do humor aquoso e do vitreo; "descachimento ou descenso da iris"; deformidade da pupila; pupila fundida, "miose, syneziis e synechias"; cornea obscurecida; turvação do vitreo; hipopio; blefaroftalmia; convulsão dos músculos do olho (hernia da iris e do vitreo); ambliopia; "corrupção ou consumpção do olho" — "Esta provém algumas vezes, da fluxão dos humores", e triquiase. Algumas vezes formam-se cataratas secundárias que podem ser removidas com nova seção da córnea.

No final do capítulo, o autor discute as vantagens da extração do cristalino, condemnando a simples depressão, pois, com esta, a "cataracta pode subir, depois de abatida", a "cataracta molle ou liquida, espalha-se pelo humor aquoso, deixando o enfermo cego, como d'antes; e posto que alguns autores affir-

mem, que o dito humor é absorvido, e o chrystalino ou seus fragmentos se desfazem, comtudo, estes milagres, que succedem muito poucas vezes, devem fazer abrir mão desta operação"; e finalmente, a cápsula anterior ou posterior se opacifica e "he impossivel deprimir com a agulha, apezar de toda diligencia".

E continua a leitura interessante para sabermos o que conheciam e faziam os nossos Oftalmologistas.

Na década de 50 arrolamos outras 23 teses, sendo 15 de doutoramento e uma para o professorado, esta escrita em latim, por FRANCISCO BONIFACIO DE ABREO, em 1852, De chirurgo et de oculorum suffusione (41).

Como não podia deixar de ser, o maior número era sobre catarata, subscritas por ANTONIO OLINTHO PINTO COELHO DA CUNHA, 1850 (42), LEOPOLDO NOBREGA, 1852 (43), PEDRO BAYLET, 1855 (44), JOAQUIM DE PAULA SOUZA (45), 1857, BELARMINO CORREA DE OLIVEIRA E ANDRADE, 1859 (46) e MANOEL DA COSTA LIMA CASTRO. Indicam o deslocamento ou a extração do cristalino. O primeiro, por quebraimento, reclinção ou abaixamento e a segunda, para as cataratas duras, atravez de incisões na córnea ou na esclera. Operavam sentados ou com os clientes deitados, se for usado o clorofórmio. Pela primeira vez há menção de anestesia nas intervenções.

Três outras tratavam da "Extirpação do globo ocular", de JOÃO NEPOMUCENO DIAS FERNANDES, 1850 (47), HERCULANO JOSÉ DE OLIVEIRA MAFRA, 1853 (48) e MANOEL PINTO DA SILVA TORRES JUNIOR, 1854 (49). E eram extirpações mesmo, feitas sem anestesia, em geral o paciente sentado, com um auxiliar segurando a cabeça e outros dois, os membros. As indicações eram "Exophtalmia traumatica, symptomatica e o exorbitismo essencial — cancro do olho". A operação era feita com tesoura curva, seccionando-se os músculos retos e o nervo óptico (método de Bonet). No método de Louis, secciona-se a conjuntiva e os obliquos com bisturi; os retos e o nervo óptico são cortados com tesouras.

As oftalmias foram assunto de duas, defendidas por JOSÉ LOURENÇO DE CASTRO E SILVA (houve um homônimo, com tese defendida em 1874), 1850 (50), e JOÃO STOPPANI, 1853 (51). O primeiro escreveu tese de 26 páginas, com a anatomia do olho e da órbita, trata de uma série de doenças, e cita "um caso notável. Na capital do Ceará, a sogra do Sr. Luiz da França, é de repente atacada de uma dor atroz no olho esquerdo. Poucos minutos decorreram, e o chrystalino salta do olho, e vai cahir na distancia de duas braças. Fomos chamados no mesmo instante: e disse então a doente, que procu-

rasse no chão, que alguma cousa achariam, pois sentira despedir do olho uma centelha, como se fora d'arma de fogo. Com efeito, achou-se o *chrySTALLINO*". Convém citar outro JOSÉ LOURENÇO, sergipano, diplomado na Bahia, em 1856, autor do vaporizador que leva o seu nome.

Pterígio, glaucoma, fistulas lacrimais e enucleação, foram os outros temas abordados respectivamente por A. SAULNIER DE PIERRELEVEE, 1855 (52), ANTONIO DAVID CANAVARRO, 1856 (53), CHRISTOVAM GAYLEARD (esta existente na Biblioteca Nacional), 1856 (54) e JOAQUIM FLORIANO GODÓY JUNIOR, 1852 (55).

Foi nesta época que desembarcou no Rio de Janeiro, em 1856, segundo HERMINIO CONDE, em 1857 (3), segundo SYLVIO ABREU FIALHO (56), o oculista italiano de nascença, mas naturalizado francês, de espírito aventureiro e nômade, procedente da Noruega, Holanda, Grécia, Tripolis, Tanger, Libéria, Serra Leôa, Cuba, Porto Rico, México, Venezuela, o mui conhecido CARRON DU VILLARDS, mais precisamente CHARLES JOSEPH FRÉDÉRIC CARRON DU VILLARDS, que chegou a general do exército mexicano, pois foi Chefe do Corpo de Saúde, sendo até ferido em batalha, o que lhe valeu o título de Excelência naquele paiz.

Nascido em Annecy, na Alta Savoia, então pertencente à Itália, em 1800, doutorou-se em medicina em Turim, em 1820. Foi discípulo de SCARPA, o mais renomado oculista italiano da época, clinicou algum tempo em Annecy, e depois em Paris, naturalizou-se francês em 1832. Publicou em 1838 o "Guide pratique pour l'étude et le traitement des maladies des yeux" e vários outros trabalhos nas revistas francesas e italianas, chegando a professor de cirurgia ocular nos cursos de LISFRANC.

Até 1848 permaneceu CARRON DU VILLARDS em Paris; depois, durante 12 anos peregrinou pelo mundo ocidental, África, Américas Central e do Sul, demorando-se um ou dois anos em cada lugar. Em todos eles foi honrado com muitas distinções pelos Governos e Sociedades médicas, retribuindo com os ensinamentos de Oftalmologia, provocando verdadeiras revoluções por onde passava, na área médica.

SYLVIO FIALHO reuniu mais de 30 publicações de CARRON DU VILLARDS, sem falar da participação assídua nas discussões nas Sociedades médicas, em particular na Academia Imperial de Medicina (hoje Nacional), da qual era Membro Titular, inclusive sobre assuntos fora da Oftalmologia.

FINLAY, de Cuba, escreveu que tendo visitado célebres oftalmologistas em suas clínicas em Paris, Londres e Berlin, não viu nenhum que pudesse comparar-se a CAR-

RON DU VILLARDS; sua "dextresa era tal que a operação de catarata parecia instantânea e é quasi imperceptível o tempo que leva para acabá-la, menor do que para se ler quem a descreve".

Era partidário da depressão da catarata, e a leitura da "Adversaria Ophthalmologica" (57) mostra como era radical na defesa das suas idéias, propondo operar 12 casos pela depressão e o adversário outros 12 pela extração. "Depois da batalha, contaremos os mortos" ... E escreve: "Ambos temos operado os dois irmãos Obregon. Vm. a D. João eu a D. Lourenço; quererá Vm. que os coloquemos um diante do outro? Por um sentimento de delicadeza lhe aconselho que não aceite a prova". Isto porque o adversário citava a perda do olho de Mr. S., de Orisavo — México, operado por CARRON. Tal e qual 20 anos depois, um duo de conhecidos Meeres brasileiros da especialidade, vinha guerrear-se publicamente divulgando os nomes dos clientes com cirurgias mal-sucedidas, apesar de altamente colocados na escala social.

O "Guide pratique" foi traduzido para o inglês, espanhol, alemão e italiano; constava de 2 volumes com cerca de 1200 páginas e trazia principalmente sua experiência pessoal, não sendo nem completo, nem didático, no dizer do próprio autor, segundo FIALHO.

A curta permanência no Rio de Janeiro, pois a morte o levou em 2 de fevereiro de 1860, vitimado por endocardite, segundo atestado de seu assistente, BONJEAN, foi assinalada pela fundação em 1858, do primeiro serviço de Oftalmologia no Brasil, na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e que lhe foi entregue pelo provedor, MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA, Marquês de Abrantes.

Suas múltiplas atividades dividiam-se com a clínica, a cirurgia, o ensino da Oftalmologia, a publicação de trabalhos e a frequência às reuniões da Academia Imperial de Medicina (Nacional).

Morto o primeiro Chefe do Serviço de Oftalmologia da Sta. Casa, sucedeu-lhe JOAQUIM ANTONIO DE ARAUJO SILVA (nascido em 15 de dezembro de 1827), um dos seus discípulos e assistentes (mais tarde Barão do Catete, no Brasil e Visconde de Silva, em Portugal), ficando no cargo até 1863. Neste ano, e até 1867, coube a direção a outro discípulo de CARRON DU VILLARDS, o paraense MANOEL DA GAMA LOBO, nascido em 1832 (ou 1833?) e formado em 1858 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese com assunto estranho à especialidade (Tratar da morte aparente ou real. Dos enterramentos precipitados) (58), e que trabalhou com o Mestre franco-italiano desde os tempos da Faculdade. GA-

MA LOBO gozou de muito conceito no Rio de Janeiro, tendo frequentado serviços de Oftalmologia na Europa e chegando a Membro Titular da Academia Imperial de Medicina. Faleceu a bordo do navio Orenoque, em 1883.

Na História da Medicina do Brasil (59), LYCURGO SANTOS FILHO cita BURTON, que no seu livro, Viagem aos Planaltos do Brasil, descreve as casas dos médicos do Brasil: "Opulentas, apalaçadas, de mais de um pavimento, foram as habitações de muitos dos mais eminentes médicos das grandes cidades do Brasil. Dentre todas, uma das mais formosas na Córte, a do médico e barão do Catete, solar que pertencera ao marquês de Abrantes. Casando-se com a viuva marquesa, o barão conseguiu que a rica mansão, honrada outrora com a visita dos imperadores, mantivesse a costureira e fidalga maneira de receber a nobreza e os políticos do Segundo Império". Mais adiante, LYCURGO transcreve anúncio publicado por ARAUJO E SILVA no Jornal do Commercio de 26 de maio de 1862. "O Dr. ARAUJO E SILVA, Médico oculista, successor do Dr. CARRON DU VILLARDS, na direcção do consultorio ophthalmologico, reside à rua do Príncipe, do Catete, n.º 37". O Barão do Catete foi agraciado em 1887 com o título de Grandeza, tendo sido também médico do Hospício Pedro II, Delegado de Instrução Pública e vereador à Câmara Municipal da Córte.

Até 1840 os médicos eram obrigados a usar na Córte casaca, calções curtos e meias de seda. Depois, vieram a sobrecasaca e calças pretas, chapéu alto ou cartola, que permaneceram até o principio do século XX, que os presentes mais idosos ainda alcançaram. Não se dispensava bengala ou guarda-sol. Em casa, o traje usado eram ceroulas, camisa, tamancos, às vezes, saindo assim à rua...

Uma das melhores fontes para obter informações sobre os Oftalmologistas do passado, foi a Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, onde em bem guardada sala, acham-se encadernadas as teses de doutoramento, para Livre Docência e para as Cátedras. reunidas em 460 volumes de teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 227 da Faculdade da Bahia e mais quasi uma centena de outros volumes com as teses de algumas outras Faculdades.

Embora necessariamente nem todos os que defenderam tese sobre tema de Oftalmologia tenham se dedicado à especialidade, e muitos Oftalmologistas tenham escolhido assunto diferente para a sua publicação inaugural, o manuseio delas traz interessantíssimos conhecimentos sobre a Medicina da época.

Deve levar-se em conta terem sido elaboradas por jovens inexperientes, em torno dos 22/24 anos, assoberbados pelo estudo das outras matérias da última série do curso médico, e pelo custo da impressão da obra. Nem sempre a orientação do professor fazia sentir-se preponderantemente, seja pelas suas próprias atividades, seja pelo desejo inato de contestação dos jovens, muitas vezes em franco desacordo com os Mestres, que às vezes baixavam as notas, mais tarde penitenciando-se dos enganos cometidos.

Há algumas falhas nos volumes das teses. Nomes dos mais conhecidos, acham-se ausentes, como JOSÉ ANTONIO ABREU FILHO, JOÃO PENIDO BURNIER e outros, cujas teses não encontramos. Assim, a omissão de alguns nomes no apêndice deste trabalho, deve-se a esta lacuna.

Não foi pequeno o esforço para a triagem das teses sobre Oftalmologia ou dos Oftalmologistas que escreveram sobre outros assuntos, pois não existe fichário por assunto e tivemos de repassar milhares de fichas, selecionando 214 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e 140 da Faculdade da Bahia. As referentes às Faculdades de S. Paulo e Belo Horizonte, hoje das Universidades Federais de S. Paulo e Minas Gerais, foram remetidas pelos professores PAULO BRAGA DE MAGALHÃES e HILTON ROCHA e constarão do Dicionário Bio-Bibliográfico dos Oftalmologistas do Brasil. Outras informações valiosas recebemos dos professores HEITOR MARBACK e CLOVIS PAIVA, a quem agradecemos de público. Ficam as excusas pelas ausências de nomes eminentes, dos quais não tivemos maiores informações, embora solicitadas, até mesmo de parentes.

Suprimida a obrigatoriedade da defesa de tese para a expedição do diploma de médico, muito razoável, pois, como judiciosamente conclue OBERDAN PERRONE em seu levantamento sobre as de magistério, quando destaca não serem elas realmente Teses, ficou mais difícil o levantamento dos nomes dos Oftalmologistas do passado. A leitura dos títulos e o encontro de nomes conhecidos quando reviamos as fichas, emocionávanos tanto quanto na época da "Viagem sentimental pela Revista Brasileira de Oftalmologia (60).

Um dos primeiros de maior destaque, foi o de HILARIO SOARES DE GOUVEA, diplomado em 1866 com sua tese "Glaucoma" (61), e que 16 anos depois, foi investido interinamente na cátedra de Oftalmologia, seu nome aparecendo nas teses de 1882 como Lente Substituto, e nas de 1883 como Categrático; era nesta data, Lente Adjunto, CARLOS AMAZONIO FERREIRA PENNA, diplomado em 1872 (62).

HILARIO SOARES DE GOUVEA, nascido em Caeté, Minas Gerais, em 23 de setembro de 1843 e falecido no Rio de Janeiro, aos 80 anos, em 25 de outubro de 1923, foi o primeiro nome da Oftalmologia do Brasil em toda a sua longa existência. Além de sua atividade no magistério, teve grande clínica, era exímio cirurgião e foi político de oposição, o que lhe acarretou o banimento do Brasil em 1893. Fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1886, Presidente do I Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia (1887), Membro da Academia Nacional de Medicina (1899), da qual foi Presidente, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1910), Fundador e o primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Oftalmologia (1922-1923), homenagem que lhe foi prestada no crepúsculo da vida, pelo idealizador, professor **JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO**, que ficou com a Presidência da Secção de Oftalmologia; após a morte, seu nome foi dado a importante rua de Copacabana (RJ).

Logo depois de formado seguiu para a Europa, ficando um ano em Paris e 4 anos em Heidelberg, revalidando o diploma de médico e sendo convidado para exercer o magistério na mesma Universidade, recusando o convite para não se naturalizar alemão. Regressando ao Rio de Janeiro em 1881 tomou parte na reforma do ensino promovida pelo visconde de **SABOYA**, sendo indicado a título provisório por aviso imperial de 5 de julho de 1881, para a cátedra de Oftalmologia a ser criada. Após regê-la gratuitamente durante 2 anos, foi nomeado catedrático em 6 de março de 1883, após concurso retumbante, realizado em 6 de fevereiro. Durante mais de 10 anos exerceu grande atividade no Rio de Janeiro. Em 1893 envolveu-se na revolta do Rio Grande do Sul, efetuando fuga rocambolesca, bem descrita por **RAUL DAVID SANSON** (63), abrigando-se em Paris. Lá revalidou o título para exercer a medicina na França, tomando parte em congressos e em reuniões das Sociedades médicas. Novamente no Rio de Janeiro em 1899, fundou a Liga Brasileira contra a Tuberculose, a Cruz Vermelha Brasileira, das quais foi Presidente, como foi também dos II e III Congressos Brasileiros de Medicina e Cirurgia. Com a criação da cadeira de Otorinolaringologia, **HILARIO DE GOUVEA** que também se dedicava à esta especialidade, foi indicado pela Congregação da Faculdade de Medicina para ocupá-la, em 1911. Ainda quando na Europa, perdeu a cadeira de Oftalmologia por não poder reassumi-la por motivo de saúde; após reinvestidura pela Congregação, foi demitido por abandono, decisão ministerial política, contestada na Justiça pelo Mestre. Não foram aceitos seus argumentos, nem os atestados comprobató-

rios da doença, um deles subscrito por **POLITZER**.

Com o mesmo entusiasmo, apesar de já estar com 68 anos, dedicou-se **HILARIO** a organizar a nova cadeira, assentando os fundamentos da especialidade no Brasil, sendo **SANSON** um dos seus assistentes pre-diletos.

Aposentou-se em 1918, aos 75 anos, mas continuou a clinicar até quase à morte. Diabético, ainda teve de sofrer amputação de uma perna, cirurgia da qual não se recuperou.

Depois de **HILARIO**, diplomado em 1866, destaca-se o nome de **FERNANDO PIRES FERREIRA**, que em 1868 revalidou seu título de médico obtido em Paris, no ano anterior, com a tese "De l'operation de la cataracte par l'extraction lineaire scléroticale", defendendo na Faculdade do Rio de Janeiro, a tese "Breves considerações sobre as applicações da iridectomia ao tratamento da cataracta" (64). Estagiando no Serviço do prof. **LOUIS DE WECKER**, chegou a Chefe de Clínica. No Rio, formou grande clínica, tendo sido chefe do Serviço de Oftalmologia do Hospital S. Francisco de Paula e da Santa Casa da Misericórdia. Foi Membro Titular da Academia Imperial (Nacional) de Medicina e tomava parte ativa nas discussões da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, na qual ocupou cargos da Diretoria e nos Congressos médicos. Faleceu em 1908, aos 66 anos, tendo nascido no Piauí, em 22 de abril de 1842.

A seguir, existe uma série de diplomados que se estabeleceram em S. Paulo, cujos nomes figurarão adiante. Em 1883 aparecem os nomes de **JOAQUIM XAVIER PEREIRA DA CUNHA** e de **ANTONIO NEVES DA ROCHA**. O primeiro, nascido no Rio Grande do Sul, em 1861, faleceu aos 43 anos, cortando brilhante carreira iniciada com a tese de doutoramento que abordava um assunto novo, "Importância do tratamento antiséptico na cirurgia ocular", continuou com a ascensão à categoria de professor adjunto em 1888 e à disputa da cátedra, em 1896, com **JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO**, regendo a cadeira até sua morte. E **NEVES DA ROCHA**, muito dedicado à clínica, chegou a Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1901, seu nome aparecendo muito nas notícias da reuniões da Sociedade de Medicina e Cirurgia e em congressos médicos (65), (66).

Em 1896 aparece pela primeira vez o nome já tão repetido, **JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO**, com quem privamos no princípio da nossa vida de estudante, visitando o Serviço da Santa Casa, e depois de Sócio da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, da qual era Presidente.

FIALHO defendeu tese sobre "A oculistica perante a pathologia", (67) que não se encontra no arquivo da Biblioteca Central, e dois anos depois, já era professor substituto, por concurso, no qual apresentou a tese "Estudo physico-químico da nutrição ocular" (68).

Com este nome, vamos fazer uma pausa na viagem pelas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e deter-nos sobre a Oftalmologia de então.

Em nosso entender, assim como pode ela ser dividida em dois períodos — antes e depois da invenção do oftalmoscópio em 1851, por HELMHOLTZ, em nosso paiz podemos dividi-la em duas épocas, antes e depois da criação das cátedras de Oftalmologia, em 1883, simultaneamente nas Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro.

Tres teses foram dedicadas ao oftalmoscópio em 1865, possivelmente sob a mesma orientação. Vinham um pouco tarde, 14 anos depois do invento, e quando o aparelho já era conhecido entre nós há alguns anos, trazido por CARRON DU VILLARDS, GAMA LOBO e alguns outros que se especializaram na Europa: tratavam-se das teses de PHILIPPE PEREIRA CALDAS, "Do Ophthalmoscopia" (69), de ANTONIO JOSÉ DE LIMA CASTELLO BRANCO, "Do ophthalmoscopia em relação ao diagnóstico das molestias cirurgicas" (70) e de THOMÉ MARIA CAVALCANTI, "Dos serviços que o ophthalmoscopia pode prestar à cirurgia ocular" (71).

CASTELLO BRANCO escreveu tese de 36 páginas, mais 12 de proposições gerais. Começa pelo histórico e passa à descrição do "Ophthalmoscopia (Helmholtz) ou Ophthalmobathoscopia (Metaxas)"; diz que já existem mais de 40 variedades. Há 2 métodos de exames: de iluminação oblíqua, quando o observador ilumina a pupila do paciente e olha livremente, sem ser pelo orifício central, o que dá esclarecimento insuficiente, ou pelo orifício, usando ou não lente biconvexa de 10 polegadas de raio (+ 4.d.). Pode usar a luz artificial ou a solar, antepondo-se a esta um vidro ligeiramente tinto de azul de cobalto para reter os raios vermelhos e alaranjados, irritantes para o olho. Aconselha instilar uma gota de sulfato neutro de atropina para midriase. O exame permite diagnosticar as turvações do cristalino e os tipos de cataratas, as moléstias do vítreo, "synchisis albuminosa, S. scintillans, cysticercos, percebendo-se os movimentos, os acúmulos de sangue e os corpos estranhos". Descreve os aspetos da papila, atrofia, escavação glaucomatosa, inflamação, as moléstias da retina — Hemorragias, embolias, retinite plástica, pigmentosa, degeneração gordurosa, descolamento e as doenças da coróide, hemorragias, coróide plástica e atrófica.

A tese de PHILIPPE CALDAS, com um intróito, "To be or not to be", é menos extensa, 17 páginas, mais 19 de proposições, traz os mesmos conceitos e doenças assinaladas na anterior. Nas proposições, trata das amauroses de causas desconhecidas e do "glaucoma, que é produzido por um iridochoroidite com hypersecção de serosidade". "Pode ser agudo ou chronico". "A dureza do globo ocular, a photophobia, a chrupsia, a perda das impressões excentricas, a dilatação da pupilla, constituem os phenomenos prodromicos do glaucoma". "Se o exame opthalmoscopico do Fundo do Olho nos fizer ver a pulsação expontanea das arterias, a concavidade e deformação da papilla e o descollamento consecutivo dos vasos, podemos com certeza diagnosticar o glaucoma". "Só a iridectomia pode curar o glaucoma". "Dos meios palliativos o principal consiste na paracentese da cornea". "A iridectomia é vantajosa porque suprime uma porção da superficie secretora do humor aquoso, isto é, uma porção da membrana da lamina iridiana de Descemet e dos processos ciliares".

E a de THOMÉ CAVALCANTI, natural de S. Gonçalo, Rio Grande do Norte, tem 22 páginas, mais 9 de proposições gerais, entre estas, algumas sobre anestesia — gelo, compressões, cataplasmas, linimentos, electricidade, quando local, e amileno, éter, clorofórmio, quando geral. Descreve na tese a oftalmoscopia direta e a indireta, traz as mesmas patologias das anteriores e uma observação de um caso de cisticercos localizada na retina, visto com seu mestre CARLOS PEDRAGLIA.

A influência das cátedras na Evolução da Oftalmologia Brasileira é palpável, marcando nitidamente o início de uma nova era.

Pelo menos 21 teses sobre a especialidade foram defendidas na década de 80, sendo 7, apenas em 1887, número elevado até para a nossa turma de 1937 da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, que só teve 5 Oftalmologistas entre os 192 diplomados. Praticamente, fóra a década do início da Oftalmologia como especialidade reconhecida. Surgiu a Revista Brasileira de Ophthalmologia, fundada por MOURA BRAZIL, GUEDES DE MELLO, PAULA FONSECA e RIBEIRO DOS SANTOS (da Bahia), em 1888; pontificavam HILARIO DE GOUVEA, NEVES DA ROCHA, PIRES FERREIRA, PEREIRA DA CUNHA e outros, movimentando a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro com numerosas intervenções nas reuniões. Nas atas, publicadas nas revistas da época, pode ler-se como era constante a presença dos seus nomes, proporcionalmente maior que a dos sócios de outras especialidades. E no I Congresso Brasileiro de Medicina e Ci-

rurgia, iniciado no Rio de Janeiro com a presen^{ça} do Conde d'Eu, em 8 de setembro de 1888 (22), aquele grupo reuniu-se com Oftalmologistas de outros Estados, RODRIGUES LIMA, CARLOS COSTA, CASTELLO BRANCO, VICTOR DE BRITTO, sendo apresentados vários trabalhos, sendo que o de HILARIO DE GOUVEA sobre "Maturação artificial da cataracta" provocou divergências no auditório, pois o A. defendia o processo de FORESTER (iridectomia prévia superior e massagens do cristalino através da córnea), tendo 9 observações. MOURA BRAZIL não aceita o método, sugere a graves acidentes, segundo ele, opinião partilhada por GUEDES DE MELLO, colocando-se em campo oposto, PEREIRA DA CUNHA. A discordância entre as duas correntes aumentou, conforme pode ler-se na Rev. Braz. de Opht. (72), nas páginas 250 e seguintes. Nelas está transcrito o trabalho de MOURA BRAZIL, sobre os processos de extração da catarata. Entre agosto de 1885 e setembro de 1888, operou 332 cataratas, fazendo a extração simples, sendo 197 na clínica particular e 135 na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, das quais 207 sem iridectomia (143 da clínica particular e 54 da Policlínica). Ficaram com visão normal, 93 pacientes, 54 com 2/3 e 38 com 1/2. Em 26 casos, extração com iridectomia. em 2, intracapsular. Houve 99 discussões de cataratas secundárias e de cataratas congênitas.

Das operações feitas sem iridectomia, houve 9 hérnias de íris (4,03%), 14 pequenas aderências (6,7%) e 5 com atresia da pupila (2,08%); 11 casos de irite simples. Das operações com iridectomia, houve 2 supurações.

Defendendo seu ponto de vista de operar sem iridectomia, MOURA BRAZIL, alegando que PANAS encontrou 5% de encravamento de íris e ele 6,7%, pergunta se tal processo pode ser taxado de impraticável? E escreve que GUEDES DE MELLO, PAULA FONSECA, PIRES FERREIRA, NEVES DA ROCHA, etc., usam o mesmo. Levou 2 operados pela extração intracapsular "só pela pressão sobre o olho, com a colherinha", apresentando-os ao plenário, com pupila redonda e que não "houve a mais pequena perda de humor vítreo". Exalta PAGENSTECHER por preconizar a extração intracapsular e acrescenta que, com antiseptia rigorosa e um pouco de paciência do operador, para bem limpar a câmara anterior o processo sem iridectomia é o mais vantajoso e deve dar sempre bom resultado.

A querela se azedou, transbordando para as sessões da Soc. de Med. e Cir. do Rio de Janeiro, com a réplica de HILARIO DE GOUVEA citando nomes de conselheiros e senadores operados de catarata, uns com incisão inferior e a tréplica de MOURA BRA-

ZIL, também citando nomes de outros operados.

Anos depois, houve confronto entre dois grandes clínicos, também do Rio de Janeiro, a propósito de memória apresentada para admissão na Academia Nacional de Medicina (73) (74).

Para encerrar a citação das polêmicas, deve lembrar-se a agressão sofrida por COLOMBO SPINOLA, em 1935, por um colega dele se ocultou atrás de pseudônimo (PENIDO DE CASTRO), e que não mereceu resposta do agredido, depois de apurada a inexistência de tal Oftalmologista (75), (76), (77), (77A).

Tais fatos são lembrados para louvar, em parte, o ardor científico dos contendores, que às vezes, atingiam fatos pessoais, e em parte, para destacar a validade dos códigos de ética ora vigentes. Era moda em certas épocas, as disputas literárias e científicas, entre as quais as travadas por RUY BARBOSA, TOBIAS BARRETO, SYLVIO ROMERO e outros, que deleitavam os leitores não distraídos pelos modernos meios de comunicação.

Voltando à época do aparecimento do nome de FIALHO, 1896, encontramos na cátedra o prof. Adjunto (desde 1888) JOAQUIM XAVIER PEREIRA DA CUNHA, ocupando-a tendo em vista a fuga para a Europa, do professor Proprietário, HILARIO DE GOUVEA. Vagando-se a cátedra em 1906, com a morte de PEREIRA DA CUNHA, passou FIALHO a ocupá-la interinamente. O concurso para Lente Substituto, fôra renhidamente disputado por FIALHO, JOÃO DA GAMA CASTRO (78) e LEAL JUNIOR (79), sobre o qual SYLVIO FIALHO se refere com orgulho (80).

A Revista Brasileira de Oftalmologia deixou de circular e houve falta de registro das atividades da época, restrito ao Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e, às vezes, às páginas do Brasil Médico. Ficam apenas as memórias dos contemporâneos que com eles privaram, e aos poucos vão desaparecendo. De LEAL JUNIOR ainda ouvimos referências de meu Pai: tivera boa clínica, frequentara a Sociedade Brasileira de Oftalmologia, da qual foi Bibliotecário na primeira Diretoria (1922/24). E de JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO, na sua longa permanência de 34 anos na cátedra de Oftalmologia, até sua morte ocorrida em 17 de março de 1940, aos 66 anos de intensa atividade profissional, restam seus necrológicos e Páginas Viradas, de autoria de seu filho SYLVIO, onde podem ser colhidos dados para conhecimento de sua vida, de sua personalidade. Nossas duas Revistas especializadas bem podiam manter uma seção de obituários para conhecimento dos pósteros, dos oculistas do passado, que muito tra-

balharam e muito conhecido foram nas suas épocas, tendo clínicas movimentadas, mas não deixaram no papel, o registro de sua passagem. Sentimos no preparo do Dicionário Bio-Bibliográfico dos Oftalmologistas do Brasil a falta de informações, até mesmo quando colegas a quem muito prezamos, deixaram de responder cartas pessoais nas quais as pedíamos sobre seus Pais, que ocuparam cátedras e nele figuram apenas com os nomes e a menção do título, sem maiores detalhes.

É interessante assinalar depois de escritas estas linhas, termos lido no Jornal do Brasil de 28 de dezembro de 1978, reportagem sobre as seções de necrológios dos grandes jornais norte-americanos que os tem preparados de muitas personalidades que forneceram as informações ignorando a finalidade, mas, que são publicadas no dia imediato ao do falecimento.

Nasceu FIALHO em Aracaju, Sergipe, em 20 de janeiro de 1874, quando seu Pai, funcionário federal, exercia o cargo de Delegado Fiscal do Ministério da Fazenda, demorando-se lá curto tempo (81). Após o concurso para professor Substituto, foi aceito para a Academia Nacional de Medicina, em 1899, com 3 anos de formado, seguindo para a Europa, permanecendo 2 anos na II Augenklīnik, dirigida por ERNST FUCHS, que atraía Oftalmologistas de todo o mundo, inclusive os do Brasil, onde meu Pai também passou 14 meses, e onde encontramos em 1966, como patologista, a filha do prof. WIN TERSTEINER, que fora Mestre de Papai. FUCHS morava na Skodagasse, 13, cuja fachada fotografamos 56 anos depois da passagem dele por lá (82), e onde certamente FIALHO também esteve.

Vale serem lidas as páginas escritas por SYLVIO, o limite deste trabalho não permitindo longas transcrições, mas, impressiona a descrição da página 97, do seu gabinete de estudo, com livros, cadernos, pastas, avulsos, cartas, recortes de jornais, em pilhas, "um carrascal que cada vez mais se fechava, mas no qual ele trafegava em socego e sem tropeços. "E bronzes e porcelanas, recordações outras enchiam os espaços. Lia e escrevia, muitas vezes embalando-se na rede que armava, ao som de um fundo musical em surdina.

Este é o onus de quem escreve, sempre cercado de fontes de pesquisa, cada vez maiores e mais abundantes, mas, que enchem de recompensa quem tem lazer para fazê-lo.

Regressando ao Rio de Janeiro, assume pouco depois a cadeira, em 1906. Assume também a Chefia da 1.^a Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia, onde se hospedava a Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina. Em 1910 foi ela reformada e ricamente aparelhada, iniciando a formação de

um pequeno grupo seletivo de assistentes, muitos dos quais chegaram à Livre Docência — RAUL DAVID SANSON, AMELIO TAVARES, MEIRA VASCONCELLOS, LINEU SILVA, este à cátedra da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

Tomou parte ativa no I Congresso Brasileiro de Tracoma, em 1918, quando lançou a idéia da fundação de uma Sociedade especializada, mas só se concretizou em 1922, interrompido que foi o Congresso pela mortal epidemia de gripe que assolou a Terra. Fundada a Sociedade Brasileira de Oftalmologia e Oto-Rhino-Laryngologia, foi dada a Presidência ao prof. HILARIO DE GOUVEA, sendo sua, a Presidência da Seção de Oftalmologia e do prof. JOAO MARINHO, a de Oto-Rino-Laringologia. A primeira reunião preparatória realizou-se a 21 de julho, presidida por HILARIO, já com 79 anos de idade. atraído por FIALHO, e que compareceu superando o afastamento dos dois Mes-tres, ocasionado pela questão surgida com o problema da cátedra, já anteriormente relatado. Por proposta daquele, foram dirigidos convites aos otorinolaringologistas para se associarem aos oftalmologistas, o que foi aceito sob aplausos. E na última sessão preparatória, foi eleita a Diretoria, assim constituída:

Presidente — Prof. HILARIO DE GOUVEA
Seção de Oftalmologia — Presidente —

Prof. JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO
Secretários — MEIRA DE VASCONCELLOS; BRITO E CUNHA

Seção de Otorinolaringologia — Presidente

— Prof. JOAO MARINHO
Secretários — DAVID SANSON; CARLOS ROHR

Secretário Geral — EDILBERTO CAMPOS
Tesoureiro — MANOEL GOMES TARLÉ

Bibliotecário — LEAL JUNIOR

Redação de Anais — Presidente — CARNEIRO DA CUNHA

Redatores Oftalmologistas — ARISTIDES GUARANÁ, MÁRIO DE GÓES E VASCONCELOS e AMELIO TAVARES.
Redatores Otorinolaringologistas — REGO LOPES, ALVARO TOURINHO e PAULO BRANDÃO.

Quando foi comemorado o cinquentenário da Sociedade, publicou a Rev. Bras. Oftal. o rosto e algumas páginas do n.º 1 do Boletim, (existente na Biblioteca da S.B.O.), os nomes dos componentes de todas as Diretorias e as fotografias dos Presidentes (83).

Não durou muito o entusiasmo inicial e em pouco tempo entrou a Sociedade em recesso. Faltava o dinamismo de um jovem para impulsioná-la, respaldado no prestígio

de um Presidente famoso, mas cheio de ocupações. E isto ocorreu com a exuberante dedicação de HERMINIO CONDE, promovendo a reorganização da instituição, com o nome atual de Sociedade Brasileira de Oftalmologia, em 21 de maio de 1932, sendo criado o cargo de 2.º Secretário, de capital importância naqueles tempos. Hoje, com a benéfica rotatividade dos Presidentes, quasi todos bem jovens, readquiriu o cargo o verdadeiro caráter de impulsionar das atividades sociais, deixando de ser mero posto decorativo.

Em 1928 assumiu FIALHO a Direção da Faculdade de Medicina, inaugurando no ano seguinte, o belo edifício da Praia Vermelha, criniosamente posto abaixo, há tres anos, sem nenhum protesto dos milhares de médicos que por lá passaram quando estudantes. Somos um povo que não cultiva suas tradições, que não procura conservar o passado, curvando-se às chamadas imposições do progresso, do maior aproveitamento dos espaços, como se 8 1/2 milhões de quilômetros quadrados fossem poucos. Que diferença dos velhos paizes da Europa, tão carentes deles, e que conservam seus prédios, seus jardins, seus gramados, que nós destruímos para erguer edifícios!

Dois anos ficou Diretor da Faculdade, forçado a deixar o posto com a vitória da Revolução de 1930, recebendo eloquentes provas de reconhecimento dos colegas de magistério, acadêmicos e funcionários.

Continuou sua atividade magisterial e a exercer a clínica, a mais movimentada do Rio de Janeiro, até à sua morte. A atividade didática foi acompanhada pela publicação de grande número de trabalhos, sobressaindo-se o Tratado de Ophthalmologia, cujo primeiro tomo, em 2 volumes, apareceu em 1926 (84) dando a entender que outros se seguiriam. Em 1929 fundou com seu filho SYLVIO, os Annaes de Oculística do Rio de Janeiro, cuja publicação foi suspensa em 1937.

Falecendo em 17 de março de 1940, deixou seu nome para ser continuado por seu filho SYLVIO ABREU FIALHO, que ocupou a cátedra a partir de 1953, após a aposentadoria do prof. OCTAVIO RÉGO LOPES.

SYLVIO FIALHO foi um digno seguidor de seu Pai. Inteligência brilhante, culto, bom orador em que pese discreta disfluência, deixou volumosa bagagem escrita, onde ao lado de trabalhos científicos, enfileiraram-se os literários — Páginas Viradas (1967) (85). Marcos azuis do meu caminho (1972) (85) O Mundo dos Olhos (1975) (86) Música de cavalinhos (87). Ocupou vários cargos da Diretoria da Soc. Bras. de Oftal. e sua Presidência em 1943/44, Membro Titular (1044), depois Emérito da Academia Nacional de Medicina, da qual foi

duas vezes Vice-Presidente e Diretor do Museu; Presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia em 1962/64 e da Comissão Executiva do XII Congresso Brasileiro de Oftalmologia; Prêmio Alvarenga da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Livre Docente (1932), Professor Catedrático (1953) e Emérito (1975) da Fac. Med. do Rio de Janeiro, Chefe da 1.ª Enfermaria da Sta. Casa da Misericórdia, etc. Faleceu em 1977, quando era candidato à Presidência da Academia Nacional de Medicina, à qual dedicou grande parte do fim da sua vida.

Continuando a viagem pelas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma surpresa no insólito assunto escolhido em 1910, por HEITOR TEIXEIRA DE BODON (89): "Injecções intralacrymaes no tratamento da syphilis". Para o tratamento da doença, sugere o A. injeções de 1 a 2 ml., no saco lacrimal, (como se este pudesse reter tal quantidade de liquido), de medicamentos, tais como enesol, atoxil, bi-iodureto de mercúrio, benzoato de mercúrio, calomelanos.

Revela também que a primeira mulher a escolher tema oftalmológico para sua tese inaugural, foi CELISA PINHO (90), em 1907, seguida de JULITA SAMPAIO ESTELLITA LINS, em 1913 (91) e a última, BEATRIZ AMARAL (92).

Nos nomes que se destacaram no Rio de Janeiro, citaremos alguns, sem ordem cronológica, a começar pelo de GABRIEL DE ANDRADE, nascido em Oliveira, Minas Gerais, em 24 de janeiro de 1889 e falecido em 19 de outubro de 1939, diplomado pela Fac. Med. do Rio de Janeiro em 1913, com tese defendida no ano seguinte, e que teve uma das maiores clínicas da capital. Membro Titular da Academia Nacional de Medicina desde 1924, interrompendo período de 23 anos sem eleição de Oftalmologista apresentou Memória sobre "Cataractas secundárias. Glaucoma consecutivo à discisão" (92), que provocou reparos de outro acadêmico, estabelecendo polémica à qual já nos referimos (93). Chefe do Serviço de Oftalmologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro desde 1926, Diretor da mesma de 1931 até sua morte, logo iniciou Cursos para médicos policlínicos, vindos em geral do interior, que muita fama lhe trouxeram. Foi Membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, do Amer. Col. of Surgeons, da Soc. Française d'Ophthalmologie, publicou 20 trabalhos em monografias e revistas da especialidade.

EDILBERTO DE SOUZA CAMPOS, sergipano de Lagarto, nascido em 4 de setembro de 1883 e formado em 1905 pela Fac. Med. do Rio de Janeiro, fez sua especialização nas clínicas de LAPERSONNE, em Paris e de ERNST FUCHS, em Viena, onde se demorou 14 meses. De volta ao Brasil em

1910, exerceu algum tempo a clínica na zona da Mata — Ubá, Carangola, Ponte Nova —, com rápidas escapadas a Sergipe, fixando-se no Rio de Janeiro. Em 1914 tentou a cátedra de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, com LINNEU SILVA e SANTA CECILIA em competição parelha, decidida pelo voto do Presidente da Banca, quando o escore era de 4x4. Publicou as "Consultas Ophthalmologicas para o Medico Polyclinico" em 1927, com 2.^a edição em 1935. Membro Titular e depois Emérito da Academia Nacional de Medicina. Fundador da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, da qual foi Secretario Geral na primeira Diretoria, e, na segunda fase, Presidente em 1946/47. No seu Serviço, no Ambulatório Rivadavia Correa e depois, na Policlínica de Crianças, orientou vários assistentes que o procuraram, desta saindo a tese de JOAQUIM BARBOSA DE FIGUEIREDO (94), sobre "Helioterapia no trachoma" e a de MARIO FALLEIROS (95), sobre "Operação de cataracta com arrancamento da cápsula", e naquele, FERREIRA FILHO, NATALICIO LOPES DE FARIAS, JOSÉ JULIO FERREIRA DE SOUZA entre outros. No seu discurso de posse na Academia Nacional de Medicina, em 23 de abril de 1931, escrevia: "Se me fosse possível, estendendo-me mais, passaria agora de bom gosto a falar dos oftalmologistas de todo o Brasil e de suas obras principais. É, porém tarefa grande e difícil, que comecei e infelizmente não pude levar muito longe. Reservem para fazê-lo em outra oportunidade", isto depois de falar sobre os sergipanos que pertenceram à Academia e dos Oftalmologistas que em Sergipe nasceram, 7 ao todo até aquela data além dos 3 Acadêmicos, ele próprio, e mais JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO e LOURENÇO DE MAGALHÃES. Faleceu em 2 de abril de 1971, tendo publicado 60 trabalhos sobre Oftalmologia e 7 volumes de "Crônicas da Passagem do Século", um em cada ano, a partir de 1965 e 2 em 1970 (96).

HENRIQUE DE BRITO E CUNHA, Carioca, nascido em 1886 e falecido em 1975, formou-se em 1911, tendo sido chefe do Serviço de Oftalmologia da Assistência aos Psicopatas (1914/1955), do Instituto Benjamin Constant, da Fundação Gaffrée Guinle; Fundador da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, foi um dos Secretários da sua primeira Diretoria, sendo agraciado com a Medalha Prof. J. A. Abreu Fialho, por ocasião do II Congr. Luso-Hispano-Brasileiro de Oftalmologia, em 1972, quando se comemorou o cinquentenário da fundação, como o único sobrevivente. Comendador da Ordem do Mérito Médico, e Cavaleiro da Ordem do Mérito da Aeronáutica, publicou 10 trabalhos em revistas médicas.

JOAQUIM VIDAL LEITE RIBEIRO, diplomado em 1914, tomou parte no Corpo Mé-

dico que prestou serviços na I Guerra Mundial. Ingressando no Departamento de Saúde Escolar da Prefeitura do Rio de Janeiro, sendo o primeiro ocupante do Serviço de Oftalmologia do Hospital S. Francisco de Assis, por onde passaram inúmeros Oftalmologistas entre 1930 e 1968, quando assumiu a direção o prof. PAIVA GONÇALVES FILHO. Por lá ficamos de 1933 a 1947, e, entre outros, DONATO VALLE, ATALIBA NOGUEIRA, NATALICIO LOPES DE FARIAS, LYRA PÓRTO, FERREIRA FILHO, AMÉRICO OURIQUE MASHADO, ORLANDO APRIGLIANO MARIA DA GAMA MONTEIRO, BARBOSA FIGUEIREDO e seu irmão, OSWALDO BARBOSA DE OLIVEIRA, JOSÉ SERPA, LUIZ GONZAGA RIBEIRO, EUCLYDES DELVAUX, BANDEIRA CAVALCANTI (de Caratinga), FRANCISCO AYRES, HAUTHMONT RABELLO, PEDRO CISOTO, etc. (97). VIDAL era frequentador assíduo da Soc. Brasileira de Oftalmologia, tendo sido 3 vezes Vice-Presidente e Presidente em 1947/48, professor da Escola de Enfermeiras Ana Neri e chefe do Serviço de Oftalmologia da Beneficência Portuguesa e da Beneficência Espanhola durante largos anos.

JOSÉ BARBOSA DA LUZ deve ser lembrado pelos seus trabalhos sobre Estrabismo e Ortóptica, da qual foi introdutor no Rio de Janeiro, por muitos anos sendo o único a exercê-la. Prêmio Adaga de 1965, da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, da qual foi Presidente em 1957/58, tendo ocupado muitos cargos da Diretoria, era também assíduo frequentador de Congressos, tendo sido Tesoureiro do Conselho Brasileiro de Oftalmologia e da Comissão Executiva do XIII Congr. Brasileiro. Nascido em Barra Mansa, RJ, em 4 de dezembro de 1899, faleceu a 25 de janeiro de 1968, deixando 23 trabalhos publicados.

Uma última palavra para nosso grande companheiro, JONAS MACIEL DE SA ARRUDA, um dos fundadores da Revista Brasileira de Oftalmologia, nascido em Limoeiro, PE, em 21 de janeiro de 1911 e falecido imprevistamente em desastre automobilístico, em 1.^o de agosto de 1974. Diplomado pela Fac. Med. de Pernambuco em 1933, transferiu-se logo depois para o Rio de Janeiro, onde viveu intensa vida científica e social. Trabalhando com PAULO FILHO, no Hospital Gaffrée Guinle, tomou gosto pelo magistério, tendo sido professor de Oto-Neuro-Oftalmologia da Escola de Aperfeiçoamento Médico da P.U.C. do Rio de Janeiro, de Oftalmologia da Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lobo e Professor Titular da Fac. de Med. de Vassouras. Ocupou muitos cargos nas Diretorias da Soc. Brasileira de Oftalmologia, sendo Presidente em 1954/55 e Diretor de Cursos. Chefiou sucessivamente os Serviços de Oftalmologia do Hosp. Gaf-

frée Guinle, do Hosp. Jesus e do Hosp. Pedro Ernesto e foi Membro de inúmeras Sociedades Médicas do Brasil e do Exterior, Vice-Presidente do Cons. Brasileiro de Oftalmologia (1964/65), pronunciando mais de 90 conferências, palestras e aulas em Congressos, simpósios ou a convite, deixando 45 trabalhos publicados. Foi o introdutor das lentes de contato no Rio de Janeiro na área médica, antes exclusivamente entregue aos técnicos das ópticas.

Para encerrar o capítulo dos Oftalmologistas do Rio de Janeiro, breves lembranças de 2 Presidentes da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, falecidos, OCTAVIO REGO LOPES, cujo nome já apareceu nestas páginas, e RUY DE CASTRO ROLIM nascido em Recife, em 17 de março de 1903 e falecido no Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1968. Formado em 1926 pela Fac. Med. do Rio de Janeiro, (98), foi o primeiro Chefe do Serviço de Oftalmologia do Hospital do IPASE tendo sido também da Cruz Vermelha Brasileira e trabalhado longos anos na Policlínica Geral do Rio de Janeiro como assistente de GABRIEL DE ANDRADE. Foi Presidente da Soc. Brasileira de Oftalmologia em 1942/43, Tesoureiro da Comissão Executiva do IV Congr. Brasileiro de Oftalmologia, deixando alguns trabalhos.

Igualmente, as referências aos nomes de METON DE ALENCAR NETO, o 3.º de uma extirpe de Oftalmologistas, que certamente continuaria, pois METON BISNETO, falecido aos 18 anos, já entrara para a Faculdade de Medicina, nasceu em Fortaleza em 19 de abril de 1901, falecendo no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1975, tendo sido Vice-Presidente da Soc. Brasileira de Oftalmologia, Oftalmologista da Beneficência Portuguesa e Diretor do Serviço de Assistência ao Menor durante muitos anos; e de JOÃO DE GERVAIS Cavalcanti de Albuquerque (RJ 29/11/1910-outubro de 1963), que, durante longos anos foi Chefe do Serviço de Olhos do Hospital Central do Exército, Assistente do Prof. J. A. ABREU FIALHO, na Sta Casa e na Fac. Medicina. Tesoureiro da Soc. Brasileira de Oftalmologia (1932/34 e 1935/36) e 1.º Vice-Presidente.

A Bahia, segundo polo de difusão da Oftalmologia, por força da sua Faculdade de Medicina, cuja cátedra, embora criada no mesmo ano da do Rio de Janeiro, só foi ocupada em 1886, após concurso travado por FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA e EDUARDO GORDILHO DA COSTA, conforme apuramos na viagem pelas teses, começava ter assuntos de Oftalmologia escolhidos para teses de doutoramento em 1849, quando MARCOS JOSÉ THEOFILO defendeu a sua sobre "As doenças dos olhos mais reinantes no Ceará" (99), com 16 páginas, 9 dedicadas ao título, ofertório e prefácio e 7 ao tex-

to, dividido em proposições. No rosto, traz quadrinha do Author:

"Por natureza Endeosado
Em sublime Profissão
Só ouvir deve o gemido
E calar a Ingratidão".

"A ophtalmia granulosa é endêmica e reina quasi epidemicamente no Ceará". "Não são as mudanças rápidas da temperatura a causa dela, pois no Ceará a athmosfera é a mais regular possível".

A oftalmia catarral invade de preferência o saco lacrimal. Triquiase e entrópico são terminações constantes da blefarite. A oftalmia purulenta nem sempre é devida a um vírus qualquer. O nitrato de prata não deve ser usado quando houver começo de ulceração da córnea. O tratamento dos leucomas pode ser feito com escarificações e podem ser combatidos com os meios terapêuticos facilmente (não diz quais). "A keratoplastia é superior aos conhecimentos cirúrgicos e por isso, inefficaz na practica ophtalmologica". No hifema, a paracentese é de extrema necessidade. O estafiloma no Ceará é consequência muito frequente da conjuntivite granulosa. A endemia tracomatosa é alimentada pelas particulares de pó em suspensão na atmosfera e pelos reflexos de sol nas areias. São estas, em resumo, as proposições da tese.

Cinco anos depois, ABRAHÃO BRUNO DA CAMARA (1854) (100), escrevia "Breves considerações sobre a amaurose e algumas de suas variedades" tese com 27 páginas e 2 de proposições. Havia Lentes Proprietários, como na Faculdade do Rio de Janeiro, entre outros, como na desta, o da Cadeira de Partos, Molestias das Mulheres Pejadas e Partidas e de Meninos Recem-nascidos, no 5.º ano. Era dedicada à "Minha cara Pátria, a Província do Rio Grande do Sul e a todos os meos comprovincianos". Amaurose é "a abolição ou perda mais ou menos completa da vista, que reconhece por cauza ordinaria ou a paralyzia da retina ou a do nervo optico". É incluída por SANSON na "grande ordem das asthenias nervosas". Há amauroses congênitas e senis. Autores há que pretendem ter notado na amaurose, uma predisposição hereditária. Cita casos de outros. Divide-as em Idiopáticas, Traumáticas e Sintomáticas ou então em Stênicas ou congestivas e astênicas ou tórpidas. Dá como causas a hereditariedade, exposição frequente à luz viva, (relâmpagos, eclipses, neve), à aparição tardia ou à cessação das regras, comições cerebrais, traumatismos, sífilis, verminose, excessos sexuais (cegueira no dia imediato às núpcias), abuso da cerveja amarga, café de chicórea, preparações de chumbo, enxofre, mercúrio. Localiza a séde na retina, cérebro ou nervo óptico. "O nervo trifas-

cial representa nas funções visuaes um papel não menos importante do que ella” (a retina). Experiências de MAGENDIE em animais vivos mostram que a secção do nervo pode entre outros phenomenos dar lugar à dilatação da pupilla e à cegueira”. A sintomatologia pode ser súbita ou progressiva. Pode atacar um olho, “monocla” ou os dois olhos, “binocla”. Há uma variedade quando os doentes só vêm a metade dos objetos que examinam — hemiopia (visus dimidatus). Na croupsia, o verde passa a vermelho. Outros sintomas: pupila imóvel ou irregular, às vezes de cor amarelada, de gato amaurotico. A cura é difficilima. Por fim, a tese traz 3 capitulos sobre hemeralopia, nictalopia e diplopia. A primeira, comum nos marinheiros que viajam nos mares equatoriais, attribuida ao sol e ao excesso de luz. Tratamento: vesicatórios próximos ao ângulo palpebral e aperitivos, ou alternando vomitivos e purgativos, “fumigações de figado de boi feruido, dirigidas sobre os olhos”, etc.

Em 1856 surge a tese de JOSÉ LOURENCO DE MAGALHÃES, “Pode a mulher conceber sem ter sido ainda menstruada?”. Nascido em Estância, Sergipe (terra de minha mãe, para onde fui levado pelos avós aos 2 meses de idade e onde aprendi o sotaque nordestino e o alfabeto fê, guê, ji, lê, mê, etc...). Viveu 74 anos (faleceu em 23/11/1905) e teve grande atuação na Oftalmologia. Fez Cursos na Europa, foi Membro Titular da Academia Imperial (Nacional) de Medicina, Diretor do Hospital dos Lázarus de S. Paulo, Chefe do Serviço de Oftalmologia do Hosp. N. Sra. da Ajuda, no Rio de Janeiro, Cirurgião Adjunto da Sta. Casa da Misericórdia da Bahia, deputado Provincial, Redator do Journal d’Ophtalmologie, e inventor do vaporizador de Lourenço, até hoje constante nos catálogos de instrumentos de Oftalmologia (101).

Saindo da Oftalmologia, encontramos a primeira tese sobre Anestesia (1858), de MA-NOEL NUNES AFFONSO DE BRITTO (102), na qual fazia o histórico da descoberta do clorofórmio, empregado pela primeira vez em Edinburgh, em 1847. Destaca ter sido uma grande conquista para substituir o eter que chegava ao Brasil impuro, em frascos, não podendo ser usado. Descreve a recente descoberta do amileno (1856), por JOHN SNOW. As operações deviam ser praticadas em salas amplas, para evitar explosões provocadas pelas chamas das lâmpadas, ou então ao ar livre. O último capitulo trata da anestesia local, obtida pela aplicação de gelo puro ou misturado ao sal de cosinha; com eter gotejado sobre a parte a ser operada, ou com eter clorídrico clorado.

Outras vieram, e em 1871 aparece a de revalidação do diploma, feita por CHARLES LOUIS, já aporuguesado CARLOS LUDOVIC

CO DROGNAT-SANDRÉ, nascido em Paramaribo, Surinam, e diplomado em Utrecht e Montpellier (103), que exerceu grande atividade clinica e nas Sociedades científicas.

No ano seguinte, há 5 teses sobre Oftalmologia, as de JOSÉ CARDOZO MOURA BRAZIL, de AURELIANO MACRINO PIRES CALDAS, e de JOÃO FERREIRA DA SILVA, todas com o mesmo titulo, “Tratamento cirúrgico da cataracta” (104), (105), (106), de CARLOS SCHMIDT (Da operação da cataracta) (107) e a de revalidação do diploma de médico de ADOLF GSCHWENDER-OSWALD, formado pela Fac. de Medicina de Paris, mas que não deixou traços por nós conhecidos. (Da amblyopia nicotica).

JOSÉ CARDOZO MOURA BRAZIL, assim grafado, com z no CARDOZO e z no BRAZIL, nos trabalhos do século passado, nasceu em 10 de fevereiro de 1846, sendo a naturalidade a principio disputada por cearenses e riograndenses do norte, esclarecida pelo próprio MOURA BRAZIL, em carta dirigida ao Desembargador PAULINO NOGUEIRA, e publicada nas pgs. 153/154 do volume “Jubileu Profissional de um Mestre-Moura Brazil (108).

“Rio de Janeiro, 15 de julho de 1901.

Meu caro e illustrado amigo Dr. Paulino Nogueira.

Recebi sua carta e vou responder-a.

Muito lisongeu-me saber que uma illustre folha do Rio Grande do Norte disputa para aquelle Estado o meu humilde berço, a pequena localidade do nosso amado Ceará.

■is o facto:

Em 1845 meu pae, Tenente Coronel José Cardozo Moura Brazil, residia em sua fazenda “Passagem Franca”, no Rio Grande do Norte, muito perto dos limites da provincia do Ceará; meus avós maternos, Antonio Ferreira de Moura e D. Maria Joaquina de Moura e minha avó paterna, D. Feliciana, que viveu 105 annos, residiam na pequena povoação de “Caixa-só” hoje villa de Iracema.

Meus paes costumavam passar as festas de Natal na pequena povoação em companhia dos meus avós.

Minha mãe, em adiantado estado de gravidez, demorou-se alli pela conveniencia da companhia, e em principio de 1846 tive a fortuna de respirar o puro ar cearense naquella pequena localidade, onde tantas vezes expandiu-se desattenta a minha infancia.

Por occasião da secca de 1845, meu pae, ao desempenho das funcções de delegado de policia, teve de punir furtos de gados, em que se acharam envolvidas pessoas de suas relações; desgostoso mudou-se nos primeiros mezes de 1846, para a fazenda “Atraz da Serra”, no Riacho do Figueiredo, a 4 leguas

do Caixa-só, e 3 da "Passagem Franca", que ainda hoje é conservada sob a minha posse por herdeiro de um irmão.

Eis porque nasci no Ceará, e igual honra me caberia si tivesse pela primeira vez visto a luz na fazenda "Passagem Franca", do Rio Grande do Norte, a qual ainda deve pertencer aos herdeiros do meu falecido irmão Joaquim Cardozo.

Entretanto, baptizei-me na antiga villa do Apody, onde residiam meus padrinhos, Antonio Nunes de Oliveira e D. Marianna".

Concluindo o curso preparatório em Salvador, Bahia, matriculou-se na Fac. de Medicina daquele Estado em 1867, diplomando-se em 30 de novembro de 1872. Embarcou logo depois para a Europa, estagiando no Serviço do prof. L. de WECKER, polo de atração de todos os oculistas do Brasil daquela era, onde permaneceu dois anos, chegando a ocupar o posto de Chefe de Clínica.

De regresso ao Brasil, clinicou algum tempo no Ceará, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde chegou a 6 de setembro de 1876, cedo formando numerosa clientela, graças aos seus conhecimentos e à grande dextresa cirúrgica. Foi Membro Titular da Academia Imperial (Nacional) de Medicina (1882), da qual chegou a Presidente, Fundador da Revista Brasileira de Ophthalmologia (1888/1890) e da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, em 1881, dirigindo o Serviço de Ophthalmologia e permanecendo Diretor da Policlínica de 1885 até morrer. Foi talvez o mais conhecido Oftalmologista do Brasil de todos os tempos, seu nome muito popular pelas categorias pobres que procuravam a Policlínica, sendo nome de rua no Rio de Janeiro. Era Comendador da Ordem Christo, tendo recusado o título de Barão, que lhe foi proposto no Ministério João Alfredo. Foi Vice Presidente e Presidente do Liceu de Artes e Ofícios. Escreveu algumas monografias, das quais duas são citadas no "Jubileu" e trabalhos publicados em Revistas. Faleceu em 31 de dezembro de 1928.

Foi contemporâneo e amigo de HENRIQUE GUEDES DE MELLO, nascido em Recife em 6 de abril de 1857, médico aos 21 anos pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1878, defendendo tese sobre "Pathogenia do diabetes saccharino". Como os demais que se distinguiram na especialidade, viajou para a Europa em 1882, chegando a assistente do prof. LANDOLT, em Paris (109). E ao voltar ao Brasil, fixou-se no Rio de Janeiro, exercendo simultaneamente a Ophthalmologia e a Otorinolaringologia, não esquecendo o cultivo da literatura e do vernáculo. Foi importante a polêmica travada com RAMIZ GALVÃO sobre a grafia da palavra prótese (ou prostese, como sustentava GUEDES DE MELLO): seus profundos conhecimentos do grego fizeram o Mestre

RAMIZ GALVÃO ceder aos argumentos, embora hoje o uso fez adotar aquela grafia — prótese —. Meu Pai seu admirador incondicional, e que lhe sucedeu na cadeira que ocupava na Academia Nacional de Medicina, ficava entusiasmado com a sua cultura geral e médica, não se conformando com o despreendimento para o lado prosáico da vida que exige remuneração para o trabalho; não soube reunir pecunia para uma velhice tranquila, terminando os seus dias com pequena pensão da Marinha, onde trabalhara. Tínhamos prazer em encontrá-lo com alguma frequência em casa de Papai onde habitualmente ia.

Fato marcante em sua vida, foi o Prêmio de Erudição concedida pela Academia Brasileira de Letras à sua obra prima "Os comentários e tradução do 25.º Canto do Inferno de Dante". Na especialidade, foi conhecida a disputa com VICTOR DE BRITTO, quando, em 3 artigos, defendia a evisceração em casos de panoftalmia, enquanto o Mestre sulinho era pela enucleação, e quando indicava o tratamento mais correto das dacriocistites e das fistulas lacrimais.

No campo da oftalmo-otorino, publicou 73 trabalhos, 5 sobre tecnologia médica, 9 sobre assuntos diversos (110). Foi um dos Fundadores da Revista Brasileira de Ophthalmologia, da Cruz Vermelha Brasileira, da Liga Brasileira contra a Tuberculose, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1886), ocupando vários cargos da Diretoria e a Presidência (1895/97 e 1905/06), e Presidente Honorário desde então; Membro Titular da Academia Nacional de Medicina (1896), Emérito em 1928; Presidente Honorário da Sociedade Brasileira de Ophthalmologia e da Associação Médica do Instituto Penido Burnier, Presidente do IV Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, Fundador da Policlínica de Botafogo e Chefe da Clínica Oftalmológica, assim como a do Hospital José Carlos Rodrigues (Policlínica de Crianças), etc. etc. Sua morte, ocorrida em 8 de novembro de 1934, foi marcada por sentidas homenagens dos seus amigos.

Encontramos na Fac. de Med. da Bahia, 12 teses, todas com os mesmos títulos, "Do jaborandi — sua historia natural, acção physiologica e applicações therapeuticas", entre 1881 e 1886, todas elas trazendo pequeno capítulo sobre a acção miótica da pilocarpina e das alterações visuais passageiras, sem ainda tocarem na acção hipotensora. Há também a de IGNACIO MONTEIRO DE ALMEIDA GOUVÊA, em 1885, "Do jequirity" (111), onde é ressaltado seu valor no tratamento do tracoma, em applicações locais, apresentando 3 casos.

Neste ano aparecem as primeiras teses sobre a doença — MANOEL FRANCISCO BARBOSA, "Conjunctivite granulosa" e

JOÃO FERREIRA CALDAS, "Ophtalmia granulosa" (112), (113). Em 1897 há outra de PACIFICO CARLOS PINA GUIMARAES, "Ophtalmia granulosa" (114), nenhuma delas constante da bibliografia recolhida por PENIDO BURNIER no seu trabalho de revisão bibliográfica (115); em 1903, a de ALFREDO OCTAVIANO DANTAS, "Estudo do trachoma e seu tratamento" (116); em 1907, a de REGINALDO RAMOS COSTA, "Estudo clinico do trachoma" (117); em 1910, a de ANTONIO OLARICO DOS SANTOS "Considerações geraes sobre o trachoma, especialmente sobre o tratamento medico-cirurgico" (118); em 1914, a de JOSÉ FELIX RIBEIRO, "Estudo sobre o trachoma" (119); em 1918, a de DEUDEDIT COELHO DUARTE, no ano seguinte nomeado para cátedra de Oftalmologia da Faculdade de Medicina do Pará, "Ligeiras considerações sobre o trachoma e seu tratamento" (120); em 1919 a de FRANCISCO FONSECA FIGUEIREDO FILHO, em 1941 catedrático de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Recife, "Intoxicação medicamentosa no trachoma" (121), e em 1930, as de RAYMUNDO DE MOURA FÉ, "Considerações sobre a prophylaxia do trachoma no Piahy" (122) e de RAYMUNDO OCTACILIO DE LIMA, "Diathermia medica e cirurgica no tratamento do trachoma" (123).

Foram assim 13 teses dedicadas à doença ocular mais temida e que maior número de vítimas causava. Cremos oportuno abrir um espaço para abordarmos o trachoma no Brasil, que foi o assunto mais procurado para trabalhos científicos até hoje, cerca de 400.

Comparativamente ao número de teses das duas Faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia, o tracoma atraiu o mesmo número de doutorandos, revelando o maior interesse nesta para a doença que assolava maior quantidade da população.

No Rio de Janeiro, a primeira tese existente é de ARTHUR BAPTISTA DE CASTRO, "Do entropio e do ectropio" (124), em 1877. Em 1883 achamos a de FRANCISCO COELHO GOMES, "Estudo clinico da conjunctivite granulosa" (125); em 1884, a de THEODOMIRO DE SOUZA SALLES, com o mesmo titulo (126); em 1892, a de JOSÉ AUGUSTO GOMES ANGELIM, ainda com a mesma denominação (127). Somente em 1907 volta o tema com a de ANTONIO GODFREDO DE MIRANDA, "Prophylaxia do trachoma e seu tratamento" (128); em 1911, a de RAUL FERREIRA LEITE, "Etiologia, prophylaxia e tratamento do trachoma" (129); em 1914, a de Livre Docência de AMELIO TAVARES, "Novo ensaio de tratamento do trachoma" (130); em 1915, a de PLINIO DE BARROS BARBOSA LIMA, "Do trachoma no Brasil" (131); em 1919, a de

MARIO DE SOUZA BARROS, "O trachoma" (132) e de LAMARTINE EMILIO BARBOSA, "Prophylaxia do trachoma" (133); em 1922, a de NELSON MOURA BRASIL AMARAL, "Da cura do trachoma pelo nitrato de hydragirio" (134); em 1925, a de JOAQUIM BARBOSA DE FIGUEIREDO, "Heliotherapia e trachoma", (135) e, finalmente, em 1927, a de SYNESIO DE MELLO E OLIVEIRA, "Do trachoma" (136).

Ainda versaram sobre o tema, ALBERTO LEONEL GASPAR ORSOLINI, "Do entropion. Tratamento pelo processo de Lagleyze" (137) e CARLOS PENTEADO STEVENSON, "Da tarsectomia" (138), respectivamente em 1919 e 1920.

A história mostra sempre como assuntos que eram atuais tornam-se passados, esquecidos. E em Medicina, o mesmo ocorre, processos cirúrgicos são abandonados, terapêuticas olvidadas doenças desaparecidas. O tracoma, em nosso Brasil, pelo exame da literatura, deixou de ser relevante como assunto para publicações, o que não ocorre ainda em muitos outros países. Foi mais uma vitória da nossa gente, que, quando se dispõe a trabalhar unida e firmemente, consegue provar o seu valor, como na erradicação da febre amarela, da malária e outras doenças endêmicas ou epidêmicas.

É impressionante observarmos pela queda dos trabalhos publicados sobre o tracoma, o desaparecimento progressivo da doença (139).

Em 1932 WALDEMAR BELFORT MATOS (140) reuniu 133 trabalhos publicados, desprezando os que "nada possuindo de original, resultam em complicação de idéias" e desculpando-se pela omissão de trabalhos de valor por ventura publicados, mas, de seu desconhecimento.

O primeiro trabalho subscrito por brasileiro (ou português?), é o de FARIA MATOS publicado nos Annales d'Oculistique (141), Cura do entropion. Nota historica e practica". Aquele número foi elevado para 290 trabalhos no relatório de J. PENIDO BURNIER e LECH JUNIOR, apresentado ao II Congresso Argentino de Oftalmologia, em Rosario, 1940 (115), não estão incluídas pelo menos 23 teses arquivadas na Biblioteca Central da Ilha do Fundão, sendo 2 de S. Paulo, 7 do Rio de Janeiro, 13 da Bahia e 1 do Paraná. Enquanto na década de 30 foram publicados 57 trabalhos, na de 50, apenas 6, o último indexado de MAX HERBERT BERNER, em 1957 (142).

Vemos assim, como era grave o problema do tracoma na década de 30, nos Estados de S. Paulo e Paraná daquele provindo o maior número de publicações. BENEDITO PAULA SANTOS FILHO e PLINIO DE MENDONÇA UCHÔA judiciosamente, escre-

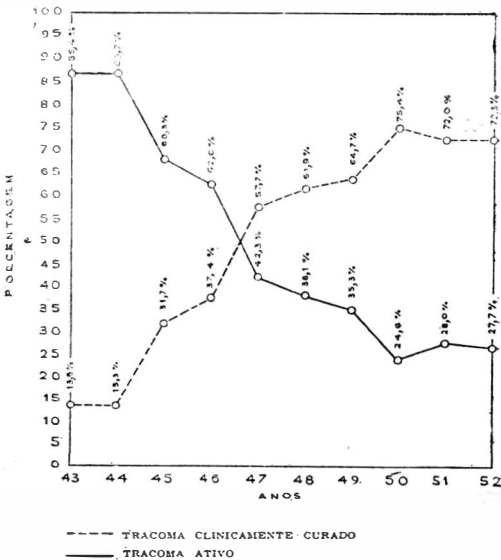
veram:... "a endemia tracomatosa tomou tal vulto em S. Paulo que os poderes públicos se viram na contingência de tomarem medidas concretas que visassem a organização de uma campanha sistemática de profilaxia do tracoma". (143).

Os resultados foram os mais compensadores possíveis, justificando plenamente os elevados gastos.

Houve coincidência do início da campanha em 1943, após duas experiências feitas em Campinas e Piracicaba, com o aparecimento das sulfas e depois da penicilina, o que levou a rápido aumento de curas nos casos novos e desaparecimento das infecções superajuntadas dos casos crônicos.

Encerrava-se bárbaro período quando predominavam as massagens com cáusticos, as expressões dos folículos e as instilações de colírios extremamente dolorosos.

Restava a correção cirúrgica do entropio e da triquiase, feitas com boa técnica e com boa anestesia. No trabalho citado de SANTOS e UCHÔA (143) vê-se no gráfico anexo, que em uma década, a percen-



tagem de casos ativos caiu de 86,4% para 27,7% e a dos casos clinicamente curados, subiu de 13,6% para 72,3%. Note-se que nos Postos de profilaxia do tracoma, a procura era predominantemente de tracomatosos, 61,1% no início, caindo para 11,9% no fim da década. E ainda deve ser destacado que a princípio, sobressaíam os casos de Tr. II, com complicações e no final da década, os de Tr III em fase de cura clínica, era a quase totalidade, sendo excepcionais os casos de formas severas de Tr II. Porisso, ROBERTO BARBO-

SA (144), pôde falar na sessão de 19 de janeiro de 1956 da Ass. Médica do Instituto Penido Burnier, criticando as notícias dos jornais, onde era divulgada pleitear o Senador-Oftalmologista OSWALDO MOURA BRASIL DO AMARAL, uma verba de vinte milhões de cruzeiros para a Campanha Nacional de Combate ao Tracoma, comprovando a desnecessidade, pelo declínio da doença.

HERMINIO CONDE que foi um dos maiores estudiosos do tracoma, atribuiu à expulsão dos ciganos pelo rei de Portugal, entre 1717 e 1750 para o Brasil e para a Índia, o início da doença em nosso país. Conseguiu anotar a existência da oftalmia nos sertões do nordeste, que foi assinalada pelo licenciado MARCOS VENANCIO, em 1736, SOUTHEY, em 1808, SPIX e MARTIUS em 1823, GARDNER, em 1838 e pelo Barão STU-DART, em 1844 (145). A estes escritos, podemos juntar a tese de doutoramento de MARCOS JOSÉ THEOFILO, na Fac. de Medicina da Bahia, em 1849 (99).

No bem elaborado estudo de J. PENIDO BURNIER (146), publicado em 1931, ele põe reservas sobre a capacidade do licenciado português distinguir a oftalmia granulosa de outras conjuntivites agudas ou crônicas, fato comum entre os oculistas europeus daquela época. E até mesmo no Rio de Janeiro, na década de 30, quando vimos muitos casos de foliculose conjuntival rotulados de tracoma... Não põe dúvidas, porém, na afirmativa de MOURA BRAZIL, que em 1876, depois de estagiar 2 anos na clínica de WECKER, pôde verificar a presença do tracoma em todo o vale do Cariri, até Crato e em alguns Estados vizinhos, fato confirmado por METON DE ALENCAR, com doentes fichados desde 1872 naquela região.

FRANCISCO PIGNATARI, EMILIO RIBAS, EUZEBIO DE QUEIROZ, todos citados por BURNIER, afirmam que antes da grande imigração de europeus para o Brasil, particularmente para S. Paulo, iniciada em 1887, era praticamente desconhecido o tracoma na Paulicea.

E as estatísticas de MOURA BRAZIL, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, mostram 15 tracomatosos em 1882, 19 em 1888, 53 em 1889, 78 em 1890, 40 em 1900, 60 em 1910, 77 em 1920, 146 em 1922 e 81 em 1925, numa região onde sabidamente era pequena a presença de tracomatosos autóctones.

De volta ao exame das teses da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1886 encontramos a de ARTHUR MORAES JAMBEIRO COSTA (147), alagoano de Maceió, mais tarde radicado em S. Paulo, "Anesthesia local", com 72 páginas e mais 11 de proposições. Faz um retrospecto histórico, mostrando os meios usados, compressão, gelo,

misturas refrigerantes, éter, ácido carbônico, óxido de carbono, eletricidade. Descreve a ação da cocaina, aplicada na língua em 1860, por NIEMANN, produzindo anestesia. Traz as conclusões: "A cocaina veio banir da cirurgia, a anestesia geral"; 2.^a — "Não devemos hoje praticar operação alguma nas mucosas em geral e em muitas partes do corpo sem o auxílio deste anestésico". Traz 18 observações da clínica de RIBEIRO DOS SANTOS, assinalando a data de 7 de março de 1885 como a primeira vez que foi usada para operação de cantoplastia, em solução a 2%, e a 2.^a operação, de paracentese da câmara anterior, feita no dia 19. Seguiram-se outras cirurgias, entrópico, hérnia da íris, pterígio, cisto, catarata, etc.

Em 1897, OCTAVIO ACCIOLY DE AGUIAR volta ao assunto (148), assinando tese sobre "Anestesia em cirurgia ocular", com 78 páginas e 15 de proposições, abordando a Anestesia em geral. Do valor da cocaina em oftalmologia, Indicações e Perigos e inconvenientes. Faz um estudo mais completo, desde SIMPSON, em 1847 até KOELLER, em 1884, que a empregou em Oftalmologia. Cita os trabalhos de HILARIO DE GOUVEA, na Revista dos Cursos Practicos e Theoricos, em 1895 e de GUEDES DE MELLO, no "O Paiz". Relata a 1.^a operação feita por RIBEIRO DOS SANTOS, assinalada na tese anterior.

Damos um salto para a tese de LUIZ COELHO ALVES DA SILVA, de 1919, para um tema incomum, "Cataracta polar anterior: autoobservação" (149), onde, na primeira parte, (41 páginas), trata das cataratas em geral e na segunda, (16 pgs.), das polares particularmente das suas — polares anteriores — diagnosticadas por HILDEBRANDO JATOBA, em exame feito quando frequentava a clínica Oftalmológica da cátedra do prof. CEZARIO DE ANDRADE. Não trazendo nenhuma descrição pormenorizada do seu caso, que serviu para a tese do professor Substituto de JATOBA, (não localizada na Biblioteca), conclue curiosamente: "Não encontramos nos diversos tratados da especialidade que tivemos ocasião de manusear, uma descrição ou observação de um caso perfeitamente igual ao nosso, pelo que reclamamos para nós o direito de prioridade"...

A Faculdade da Bahia teve preenchida sua cátedra de Oftalmologia em 1886, pelo professor FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA, nela permanecendo até falecer, em 1912. CLODOALDO ANDRADE, já professor Substituto, por concurso, desde 1891, foi professor Ordinário de 1911 a 1913, quando se aposentou, falecendo em 1934. E em 1914, EDUARDO RODRIGUES DE MORAES, professor de Oto-Rino-Laringologia, regeu interinamente a cadeira, assumindo o posto, em

1915 o professor JOÃO CEZARIO DE ANDRADE, Livre Docente desde 1914; até 1953 foi o catedrático, quando se aposentou, passando a regê-la, HEITOR da Costa Pinto MARBACK.

JOSÉ DE SOUZA PONDÉ, Livre Docente, professor extraordinário, por concurso, em 1914, passou a Substituto em 1919, falecendo em 1924 (150).

Pela sua longa permanência na cátedra e seus dotes intelectuais, JOÃO CEZARIO DE ANDRADE, nascido em Fortaleza, Ceará, em 25 de fevereiro de 1887 e falecido no Rio de Janeiro aos 78 anos, em 10 de janeiro de 1963, teve grande influência na formação de Oftalmologistas na Bahia, pelo seu Serviço, passaram várias turmas, tendo sido o primeiro Presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, desde a fundação, em 1942 até 1954; Presidente do V Congresso Brasileiro de Oftalmologia, realizado em Salvador, em 1946 e autor de numerosos trabalhos. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, passou a membro do Conselho Nacional de Educação, nele servindo muitos anos.

Citemos ainda FRANCISCO Lopes FERREIRA, nascido em 30 de novembro de 1900 e falecido em 30 de janeiro de 1945. Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927, voltou ao Estado natal, onde fez concurso para Livre Docente em 1934, regendo a cadeira em 1935/36. Fundador, Secretário e Presidente da Sociedade de Oftalmologia e Otorinolaringologia da Bahia, Diretor e Fundador da revista Bahia Oftalmológica, de curta duração, escreveu 41 trabalhos, sendo-lhe dedicado um livro póstumo — Páginas Oftalmológicas (151).

Entre os nomes destacados, ainda merecem citados José Joaquim RIBEIRO DOS SANTOS, outro dos Fundadores da Revista Brasileira de Ophtalmologia, com grande clientela e de muita atividade cirúrgica. Nascido em 1852, formou-se em 1875, estagiando durante dois anos no Serviço de WECKER e no de LANDOLT (1882/84). Foi Chefe do Serviço de Oftalmologia do Hospital Sta. Izabel e seu Diretor, inventor do cromatoscópio, frequentador de Congressos e reuniões. Faleceu em 1911.

Segundo as informações do prof. HEITOR MARBACK, um dos poucos em nos fornecer, e a quem deixamos os agradecimentos, devemos lembrar os nomes de GUSTAVO DOS SANTOS, que fez o curso de humanidades e o curso médico na Alemanha, na Universidade de Leipzig, revalidando o diploma na Faculdade da Bahia, em 1885; era filho de um alemão com uma filha de africanos, e foi Oftalmologista puro, como RIBEIRO DOS SANTOS. Foi assistente da Universidade de Zurich. Os demais, EDUARDO DE MORAES, CEZARIO DE ANDRADE,

COLOMBO SPINOLA, HILDEBRANDO JATOBÁ, JOÃO GUSTAVO DOS SANTOS, filho do primeiro, também diplomado na Alemanha, eram duplês de otorinolaringologistas, a geração dos Oftalmologistas puros sendo mais recente.

COLOMBO SPINOLA (14/07/1894-07/09/1973) foi professor de Oftalmologia da Escola Bahiana de Medicina, Vice-Presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (1971/73), do qual recebeu a Medalha de Ouro, foi um dos Fundadores e Presidente da Fundação Contra a Cegueira Santa Luzia, da Academia Bahiana de Medicina e membro de várias Sociedades médicas e assíduo frequentador de Congressos, falecendo durante a realização do XVII Brasileiro de Oftalmologia. Era o segundo óbito que ocorria,* consequência do desgaste imposto aos seus organizadores; o anterior, foi o do prof. FRANCISCO FIGUEIREDO, em 1949, na véspera da inauguração do VI Congresso, em Recife.

Segundo a orientação que nos valemos de dar sequência à Evocação dos Oculistas do Passado de acôrdo com a ordem de criação das cadeiras de Oftalmologia as Faculdades de Medicina, voltamo-nos para Porto Alegre, onde foi instalada a Faculdade, em 25 de julho de 1898, assumindo a cadeira, o prof. VICTOR DE BRITTO, nascido em Salvador em 15 de outubro de 1856 e diplomado na Faculdade daquela capital em 1878 (152). Até à data do seu falecimento, em 24 de outubro de 1924, permaneceu na sua direção. Membro da Academia Nacional de Medicina, foi vice-Diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Provedor da Sta. Casa da Misericórdia daquela capital, e Deputado Federal. Era também ativo participante de Congressos, seu nome aparecendo em vários deles. Nos impedimentos e com sua morte, foi substituído na cadeira, pelo Titular da cátedra de Obstetria, FRANCISCO FREIRE DE FIGUEIREDO, também Oftalmologista, e que nela se demorou até 1926. Neste ano, foi empossado na regência, o professor DIOGO MARTINS FERRAZ, diplomado no Rio de Janeiro, em 1897 e um dos Fundadores da Faculdade. DIOGO FERRAZ foi catedrático de Patologia Cirúrgica até 1932; de Fisiologia de 1901 a 1905; assistente da cadeira de Oftalmologia de 1917 a 1922 e Titular da de Química Médica de 1933 a 1935. Suas múltiplas atividades no ensino ainda permitiam a clínica e a fazer parte da Direção dos Arquivos de Clínica Oftalmológica e Oto-Rhino-Laryngológica e ser o Presidente da Comissão Executiva do II Congresso Brasileiro de Oftalmologia, realizado em Porto Alegre em 1937.

Foi este o grande trio de Oftalmologistas que dominou a clínica e o ambiente da especialidade no Rio Grande do Sul, ini-

ciando a formação de outros especialistas. Podem ser citados EDUARDO DE ASSIS BRASIL, JOSÉ MARGENAT, DIOGO FERRAZ FILHO, JOSÉ BONIFÁCIO FLORES DA CUNHA, DIRCEU MAZZEI, ARRIGO CINI, ATÍLIO CAPUANO, CARLOS CAGGIANO, GASTÃO TORRES, WALDEMAR NIEMEYER, e mais uns poucos.

Em 13 de junho de 1932, assume a direção da cátedra de Oftalmologia o professor IVO CORRÊA MEYER, diplomado no Rio de Janeiro em 1923, defendendo tese de doutoramento sobre "As injeções de leite nas afecções oculares" no ano seguinte (153). Nascido em Uruguaiana, em 1899, desde cedo mostrou sua inclinação para o magistério, tendo sido coadjuvante e Ensino e professor da Escola Noturna da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, de 1915 a 1924. Fixou-se inicialmente em Alegrete, (RS), onde foi Inspetor de Instrução Pública, Médico da Caixa de Aposentadorias e Pensões da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, e da Brigada Militar, fundando com outros colegas a Sociedade de Medicina de Alegrete (1926). Transferindo-se para Porto Alegre, passa a frequentar a Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina, fazendo concurso para Livre Docente em 5 de setembro de 1930 (154) e para catedrático em 13 de junho de 1932, (155) com a tese de livre escolha e a sorteada pela Congregação (156). Durante 34 anos, até 1966, quando foi aposentado compulsoriamente, tomou parte ativa em todos os acontecimentos da Oftalmologia Brasileira, formando uma Escola no Rio Grande do Sul, presidindo o Conselho Brasileiro de Oftalmologia em 1958/60 e 1967/69, e as Comissões Executivas dos II e XV Congressos Brasileiros de Oftalmologia, sendo o primeiro Diretor da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre, Diretor Interino da Faculdade de Medicina de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Chefe da 25.^a Enfermaria da Sta. Casa da Misericórdia, onde funciona a clínica Oftalmológica da Faculdade; Fundador da Sociedade de Oftalmologia e Otorinolaringologia de Porto Alegre e também dos Arquivos de Oftalmologia e Otorinolaringologia (1934), Sócio Benemérito daquela, Honorário da Sociedade Bahiana de Oftalmologia, da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, e Otorinolaringologia o Rio de Janeiro, da Sociedad de Neurologia y Neurocirugia del Uruguay; recebeu as Medalhas da Ordem Nacional do Mérito e Prof. Moacyr Alvaro e teve como coroamento da carreira, a publicação do Livro Jubilar, em 1969, promovida pelos seus assistentes (157).

Sucedeu-lhe na cátedra, o prof. LUIZ ASSUMPÇÃO OSORIO, onde brilhantemente segue a linha do seu falecido Mestre.

Minas Gerais teve sua Faculdade criada em Belo Horizonte, em 1911, sendo designado para ocupar a cadeira de Oftalmologia, o prof. HONORATO ALVES. Em 1916 houve concurso para professor Substituto, concorrendo LINNEU SILVA, EDILBERTO CAMPOS e JOAQUIM SANTA CECILIA. Houve empate, 4x4 entre os 2 primeiros, decidido a favor de LINNEU pelo Presidente da Banca. Ocupou a cátedra com a aposentadoria de HONORATO ALVES, ficando à testa durante 25 anos, deixando frequentemente na década de 30 o ensino a cargo dos Livre-Docentes SANTA CECILIA e LABORNE TAVARES (CASIMIRO). Em 1941 transferiu-se para a Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, assumindo a cadeira de Oftalmologia, e nela permanecendo até à morte, em 10 de março de 1954. Nascido em Campos, RJ, em 4 de abril de 1887, foi Membro da Academia Nacional de Medicina, Honorário da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, Vice-Presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (1941/54), publicando numerosos trabalhos na especialidade.

JOAQUIM SANTA CECILIA, nascido em Ouro Preto, em 1.º de janeiro de 1886, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912 (158), fez concurso para a cátedra em 1916, conquistando a Livre Docência. Foi um dos Fundadores da Sociedade de Oftalmologia de Minas Gerais, Membro Titular de várias outras, Honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier, onde trabalhou alguns anos, frequentou Congressos da especialidade, sendo Presidente do III Brasileiro, realizado em Belo Horizonte, em 1939. Publicou 14 trabalhos, falecendo em 28 de setembro de 1941.

Outro Oftalmologista destacado, foi CASIMIRO LABORNE TAVARES paulista de Jaboticabal, (22/12/1892), radicado em Belo Horizonte, onde se formou em 1917. Doutor em 1919 (159), Livre Docente em 1924, com tese sobre "Trachoma, problema medico-social" (169), ocupou várias vezes a cátedra da Faculdade de Belo Horizonte nas ausências do Titular, foi Chefe do Serviço de Oftalmologia do Hospital Municipal de Belo Horizonte e do Instituto de Previdência de Minas Gerais. Fundador da Sociedade de Oftalmologia de Minas Gerais, sendo várias vezes Presidente do Centro Oftalmológico de Minas Gerais; Membro da Academia de Oftalmologia de Minas Gerais e de inúmeras Sociedades, tomou parte ativa nos Congressos, sendo Vice-Presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (1960/62). Publicou 33 trabalhos dentro da especialidade, 5 vezes relator de temas oficiais de Congressos e Jornadas.

Nome que deverá sempre permanecer é o de GERALDO QUEIROGA, um dos grandes expoentes da geração de Oftalmologistas brasileiros, hoje sexagenária. Em 1943 foi bolsista da Kellogg Foundation, no Iowa University, lá permanecendo um ano. Chefe da Clínica Oftalmológica da Sta. Casa da Misericórdia, começou a transmitir aos assistentes os ensinamentos adquiridos. Fez Docência na Faculdade de Belo Horizonte (161) e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (162) e teve disposição de enfrentar SYLVIO ABREU FIALHO no concurso para a cátedra da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que pertencera ao seu pai, J. A. ABREU FIALHO, apresentando a tese "Eletroretinografia" (163). Foi professor de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica de Minas Gerais; recebeu a Medalha Prof. Moacyr Alvaro, pelos relevantes serviços prestados à Oftalmologia Nacional, muito além dos que eram de seu dever de professor. Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, Fellow do International College of Surgeons e do Colégio Brasileiro de Cirurgias, da Academia Mineira de Medicina e de muitas outras Sociedades Médicas, QUEIROGA muito se dedicou à fotografia na especialidade e em aperfeiçoar a semiologia, inventando lâmpada de fenda-oftalmoscópio. Inveterado frequentador de Congressos, sempre tomava parte nas exposições científicas, apresentando primorosos trabalhos. Faleceu em 1976.

Finalmente, nas Alterosas terras mineiras, alguns outros nomes podem ser destacados: ALVARO MAGALHÃES BRANDÃO, MARIANNA NORONHA, dedicada à ortóptica, cedo falecida, HUMBERTO MARTINS VIEIRA, DONATO VALLE, de Varginha, com sua habilidade cirúrgica na catequese para a simplificação da dacriostomia, EDMUNDO SEMERARO, de Barbacena, curiosa personalidade, procurando inventar instrumentos e novos processos cirúrgicos, nossos contemporâneos, não os esqueceremos. E CRESO BARBI, WELLINGTON PIANTINI e tantos outros que poderiam e deveriam ser citados, seria um nunca acabar. O Dicionário Bio-Bibliográfico dos Oftalmologistas do Brasil suprirá as falhas impossíveis de evitar.

Finalmente, em 1912, chega a vez de São Paulo ter a sua Faculdade de Medicina, o que ocorreu em 19 de dezembro, logo depois da criação da segunda do Rio de Janeiro, a Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano, em 10 de abril. Nesta, foram Titulares de Oftalmologia, João Volmer, até 1919 e Henrique Baptista Pereira, até 1956, substituído interinamente por A. Paulo Filho, concursado em 1958.

Muito antes da fundação da Faculdade de Medicina de S. Paulo, os seus moradores eram obrigados a se dirigir ao Rio de Janeiro que, na sua condição de capital do Império e depois da República, podia proporcionar o almejado diploma de médico aos seus habitantes.

Entretanto, a atividade científica era grande e no I Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizado no Rio de Janeiro em setembro de 1888, já os paulistas se faziam representar.

Um dos primeiros especialistas a clinicar em S. Paulo foi Pedro ADOLPHO Rostgaard Brunn GAD, nascido na Dinamarca, formando-se na Universidade de Copenhague e revalidando o título na Faculdade do Rio de Janeiro em 1875, com a tese "Das afecções symphaticas do olho" (164). Com 58 páginas e 5 de proposições, define o A. "... molestia sympathica de um olho é a que resulta de uma molestia do outro". Defende a primazia de MACKENZIE na descrição da doença, em 1844 e traz estatísticas de HANSEN — entre 25.000 doentes atendidos em 6 anos encontrou 39 casos de oftalmia simpática. Destes, em 30 havia ciclite causada por corpos estranhos ou ferimentos penetrantes atingindo o corpo ciliar. A doença inicia-se na íris e corpo ciliar. Não há tratamento, aconselhando enuclear o olho doente antes ou mesmo quando a doença já surgiu no outro.

Foi GAD o fundador da Clínica Oftalmológica da Sta. Casa da Misericórdia de S. Paulo, em 1885, sendo seu Chefe até 1893, quando retornou à Europa.

ATALIBA FLORENCE, nascido em Campinas, em 1855, diplomou-se em Wurzburg, Alemanha, voltando ao Brasil, quando revalidou o diploma também na Faculdade do Rio de Janeiro defendendo tese sobre "Bacterias do puz azul", em 1879 (165). Foi Chefe da Clínica Oftalmológica da Sta. Casa de S. Paulo de 1893 a 1899. Teve grande clínica em S. Paulo, mas voltou à Alemanha, permanecendo em Dresden de 1908 até 1922, chegando a Consul brasileiro naquela cidade. Novamente em S. Paulo, reabriu seu consultório, falecendo em 17 de agosto de 1937.

O sucessor na direção da Clínica Oftalmológica da Sta. Casa foi EUZEBIO de Queiroz Carneiro MATTOSO, de 1899 até 1923, quando faleceu. Nascido no Rio de Janeiro, aqui se diplomou em 1882 com a tese "Do diagnóstico e tratamento da paralytia agitante" (166). Foi o primeiro Chefe do Serviço contra o Tracoma em S. Paulo. A doença o impediu de permanecer à frente da Clínica da Sta. Casa, praticamente entregue à direção de J. Pereira Gomes, mas, os seus colegas nunca permitiram que se demitisse.

Outros pioneiros da Oftalmologia paulista foram DAVID BENEDICTO OTTONI, nascido em Minas Gerais, em 14 de abril de 1857 e falecido em 15 de maio de 1925, tendo apresentado tese de doutoramento na Faculdade do Rio de Janeiro em 30 de junho de 1879, defendida na Faculdade da Bahia em 24 de dezembro do mesmo ano (Beriberi) (167); IGNACIO BUENO DE MIRANDA, nascido em Campinas, em 1864 e falecido em 15 de dezembro de 1932. Formou-se na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1890 (Tese: Pathogenia, diagnóstico e tratamento do beriberi) (168). Estagiou na Europa 2 anos (1891/93) e clinicou no Rio de Janeiro até 1903, quando se mudou para S. Paulo. Foi Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, exercendo a Oftalmologia e a Oto-Rino-Laringologia; e PEDRO PIRES PONTUAL nascido em Pernambuco e diplomado no Rio de Janeiro, em 1875 (Tese: Do testículo tuberculoso, seu diagnóstico diferencial e seu tratamento) (169), foi o primeiro Chefe da Clínica Oftalmológica-Mulheres da Sta. Casa da Misericórdia de S. Paulo (1902), ao qual sucede J. Brito, em 1916. (170) Dono de muita clínica, tinha boa formação oftalmológica, frequentando serviços na Europa e na Argentina, de onde trouxe a operação de Lagleyze para entropião (171).

Entre os Oftalmologistas de gabarito que aportaram a S. Paulo, figura FRANCISCO PIGNATARI, nascido em Ciré, Itália, em 1857, diplomado em 1880 pela Faculdade de Medicina da Universidade de Nápoles, Professor Universitário na Itália, e que aqui chegou no fim do século XIX. Logo formou sua clientela, vindo a ser o Diretor do Hospital Italiano Umberto I, falecendo em 9 de agosto de 1938. Outro, foi o nosso muito conhecido ARCHIMEDE BUSACCA, presente na memória de todos nós mais velhos, pois faleceu em 1971. Nascido em 1893, exerceu a Oftalmologia a partir de 1921, em Cagliari, Turim, Bolonha e Florença, sendo Livre Docente na Universidade desta última. Transferindo-se para o Brasil, revalidou o título no Rio de Janeiro em 1928, apresentando duas teses "Algumas observações originais sobre o modo de se comportar da cornea transparente e do humor aquoso nos processos de iridocyclite. Estudos com a lampada de fenda de Gullstrand" e "A lamina zonular do crystallino" (172), (173). Sua grande atividade de pesquisador logo atraiu sobre si a atenção dos Oftalmologistas da paulicea, que lhe garantiram uma boa clientela apesar do gênio difícil. Mais de 300 trabalhos foram publicados por ele, alguns em português, inglês e Alemão, a maior parte em francês e italiano. Era frequentador assíduo das reuniões científicas.

Antes de ingressar no ciclo do ensino universitário, algumas palavras sobre GUILHERME ALVARO da Silva, nascido em S. Paulo, em 1.º de junho de 1869 e diplomado pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1890 (Tese: Prophylaxia e tratamento de conjunctivite purulenta dos recém-nascidos) (174). Especializou-se no Serviço do Prof. L. de WECKER, em Paris. Chegando ao Brasil, trabalhou algum tempo em Juiz de Fora, formando boa clinica. Voltando a S. Paulo, esteve primeiro em Santos, onde nasceu o filho MOACYR, e depois, na capital. Foi Oftalmologista do Serviço Sanitário do Estado, dedicando-se à profilaxia do tracoma, ao lado da clinica, que foi numerosa. Faleceu em 1935.

Criada a Faculdade de Medicina de S. Paulo em dezembro de 1912, foi investido Professor na Cátedra de Oftalmologia em 1916, JOÃO PAULO DA CRUZ BRITTO, J. BRITTO como era conhecido, cuja aula inaugural foi no dia 14 de janeiro. Natural de Caxias, Maranhão, onde nasceu em 1880, diplomou-se no Rio de Janeiro em 1908 com a tese "Das injecções subconjunctivales" (175), permanecendo na direção da Cátedra até à morte, ocorrida em 8 de novembro de 1947. Contemporâneo de muitos dos presentes à esta sessão, J. BRITTO teve sua formação oftalmológica nas clínicas de FUCHS, em Viena (1910) e ADAMS, em Berlin (1911). Após dois anos de exercício da especialidade em S. Luiz, MA., viajou para S. Paulo, trabalhando na Sta. Casa da Misericórdia com PEDRO PONTUAL, daí saindo o convite para a cátedra (176). Entretanto, não foi pródigo na formação de Oftalmologistas, pois até 1926, apenas 13 teses de doutoramento foram dedicadas à Oftalmologia e a primeira para Livre Docência, somente aparece em 1938 — a de CYRO DE REZENDE — (Do emprego da cornea de cadáver na queratoplastia) (177). Depois desta, só as de DURVAL PRADO (Heteroforias) (178) e de BENEDICTO DE PAULA SANTOS FILHO (Sobre as alterações tracomatosas e sua frequência: contribuição ao estudo biomicroscópico) (179), ambas em 1942. Em 1926 foi comissionado pelo Governo para a compra de material na Europa, a fim de melhorar as instalações da Clínica Oftalmológica, inaugurada no ano seguinte, com a presença de ERNEST FUCHS. De passagem pelo Rio de Janeiro, o Mestre vienense esteve em casa de meu Pai, e, por este, fomos chamados à pressa, meus irmãos e eu, para conhecer o seu idolo-oftalmologista. Tinha eu 12 anos — já se vão 52 — e a lembrança do encontro inda perdura.

Foi J. BRITTO Chefe do Serviço de Oftalmologia da Sta. Casa da Misericórdia, onde se abrigou muitos anos a Cadeira de Oftalmologia, até 1947, Fundador e primei-

ro Presidente da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, Membro da Société Française d'Ophtalmologie, Fellow do American College of Surgeons e de outras sociedades científicas, frequentando discretamente os congressos. Com sua morte, assumiu interinamente a cadeira, o Prof. CYRO DE BARROS REZENDE Livre-Docente deste 1938, paulista de São Manoel e paulista de formação, pois se diplomou na Faculdade de Medicina de S. Paulo, em 1927, com a tese "Da cirurgia nasal nas neurites opticas re-trobulbares rhinologicas" (180).

Com seu temperamento combativo, logo dinamizou a Cátedra, transferida para o Hospital das Clínicas em junho de 1947. Em curto prazo, formou 4 doutores e 3 Livre-Docentes, e, quando fundou o Seminário Oftalmológico Prof. J. Brito, pode dizer no seu discurso inaugural, que tinha 24 assistentes trabalhando em sua clinica (181).

Contemporâneo de MOACYR ALVARO, estabeleceu-se produtiva competição entre os dois Mestres, que não abriam mão dos postos de direção para si e para seus assistentes, sendo co-relatores de Temas Oficiais de Congressos, como aconteceu no II Brasileiro de Oftalmologia, em 1937, (182), Co-Presidentes do Conselho Brasileiro de Oftalmologia em 1954/58, com um Secretário e um Tesoureiro de cada Escola, neutro o Vice-Presidente, sempre elegantemente guardadas as aparências, mas, lucrando a Oftalmologia Paulista a Brasileira que viveram dias de grande atividade científica. Esta concretizou-se com a publicação de 111 trabalhos por CYRO DE REZENDE, entre monografias e em revistas médicas, um deles merecedor do Prêmio Moura Brasil de 1935, da Academia Nacional de Medicina (A biomicroscopia após a extração intracapsular da catarata) (183) e o Relatório Oficial que deveria apresentar no XIX Congresso Internacional de Oftalmologia, reunido em Nova Delhi, Índia: "Ocular localization in Tropical Parasitological Diseases", quando imprevista e estupidamente a morte o colheu em desastre automobilístico, ao regressar de visita à sua fazenda em Mato Grosso, em 3 de junho de 1962.

Na área acadêmica, aparece JACQUES TUPINAMBÁ, nascido em Jaú, SP, em 25 de março de 1900, formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927, trabalhando a princípio, como assistente da Clínica Oftalmológica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Foi Professor de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa da Misericórdia de S. Paulo, Fundador e 4 vezes Presidente da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, além de ter ocupado outros cargos das Diretorias; Presidente da Academia de Oftalmologia de S. Paulo, 2 vezes Presidente do Departamento de

Oftalmologia da Associação Paulista de Medicina, Fundador e primeiro Presidente do Centro de Estudos Prof. Jacques Tupinambá, Chefe de Clínica da Cátedra de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo e da Sta. Casa da Misericórdia, (Mulheres) a partir de 1947, não perdia Congressos e reuniões científicas, sempre tomando parte ativa com a apresentação de trabalhos (184) (185).

Ainda na área do ensino, sobressai o nome de ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA, nascido em Oliveira, MG, em 3 de maio de 1903 e falecido em 11 de abril de 1975. Diplomado em 1926 pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, radicou-se em Campinas, fazendo parte do corpo médico do Instituto Penido Burnier, chegando à Chefia da Clínica. Dedicou-se ao magistério, sendo Professor de Oftalmologia da Escola de Enfermeiras Madre Maria Teodora, Livre Docente da Faculdade de Medicina de S. Paulo (186); Professor Titular e depois Emérito e primeiro Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas, deixou-nos 63 trabalhos publicados, muitos apresentados em Congressos brasileiros e internacionais, que sempre frequentou ativamente.

Saindo do meio acadêmico de S. Paulo, o nome de mais evidência é o de JOÃO PENIDO BURNIER, nascido em Alagoinhas, Bahia, em 17 de outubro de 1881, e falecido em 8 de janeiro de 1971. Diplomou-se na Faculdade do Rio de Janeiro em 1903, faltando na Biblioteca Central a sua tese — Sympathetomia no tratamento do glaucoma — (187) à qual não tivemos acesso quando da visita que fizemos ao seu Instituto, no ano passado. Era um título sugestivo para a época. Depois de fazer clínica geral em Campinas, médico da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, voltou à Europa para se especializar. Em 1914 fixou-se em Campinas, fundando em 1.º de junho de 1920, o Instituto Oftálmico de Campinas, trocado o nome em 1925 para Instituto Penido Burnier.

Não é necessário fazer o seu retrospecto, pois o nome de Campinas foi projetado no meio Oftalmológico internacional, como Viena ficou ligada a Fuchs, Barcelona a Barraquer, Gand a François, e outros mais. Os méritos de BURNIER foram reconhecidos com a outorga das Medalhas Prof. Moacyr Alvaro, Cultural Imperatriz Leopoldina, Marechal Rondon, Anchieta, Santé Publique de France; Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico, inscrito no Livro de Mérito de Campinas, etc. Pertenceu a um grande número de sociedades científicas, inclusive à Academia Nacional de Medicina, fundando os Arquivos do Instituto Penido Burnier, publicando 49 trabalhos.

Outro nome que avulta é o de JOSÉ PE-REIRA GOMES, nascido em Itapetininga, SP, em 21 de agosto de 1882 e falecido em 14 de setembro de 1968. Formado em 1909 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, (Tese: Estudo clínico do reumatismo tuberculoso articular) (188), durante sua longa vida, foi sempre muito atuante e muito prestigiado em S. Paulo. Professor sem cátedra, Livre Docente da Faculdade de Medicina de S. Paulo (1916), Chefe de Clínica Oftalmológica da Sta. Casa da Misericórdia, desde 1914, (não da Clínica), 2 vezes Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, Fundador e 3 vezes Presidente da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, Presidente dos I e VIII Congressos Brasileiros de Oftalmologia, Fundador do Instituto Padre Chico, entre outras atividades; sempre tinha presença garantida nas reuniões científicas. Deixou 53 trabalhos publicados, além de ter sido um pintor consumado e escritor desde os verdes anos.

O número de Oftalmologistas radicados em S. Paulo merecendo ter seus nomes incluídos nesta Evocação é enorme. Porisso, veio-nos à idéia o Dicionário Bio-Bibliográfico, com mais de 4.000 oftalmologistas citados. Não sendo possível mencionar todos, encaminhamos os interessados àquela publicação. Não obstante, mais uns poucos terão suas vidas resumidas em algumas linhas, embora merecessem páginas pelos esforços dispendidos em prol da nossa especialidade.

ARISTIDES Corrêa RABELLO, mineiro de Diamantina (30/08/1886-01/02/1941), formado no Rio de Janeiro em 1913, defendeu tese em 1914 (Perturbações oculares na hystera) (189); teve grande atuação na campanha contra o tracoma, tendo sido Diretor da Secção de Tracoma do Departamento de Saúde do Estado, além de ocupar vários cargos nas Diretorias de sociedades médicas, publicando muitos trabalhos; doublé de escritor e jornalista, era também orador fluente.

VALENTIN DEL NERO (12/04/1888-30/11/1952), bastante conhecido na época, era Oftalmologista da Sta. Casa da Misericórdia, do Posto de Tracoma do Braz, e frequentador assíduo das reuniões científicas.

FRANCISCO AMENDOLA, nascido em Campinas, em 3 de outubro de 1897, falecido em 29 de dezembro de 1963, diplomou-se em 1925, na Faculdade de Medicina o Rio de Janeiro, Professor do Curso de Aperfeiçoamento de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina, Diretor do Sanatório Padre Bento, Presidente do Centro de Estudos Prof. Moacyr Alvaro, da Associação Paulista de Oftalmologia, do Departamento de Oftalmologia da Associação Paulista de Medicina, recebeu o prêmio Moura Brasil de 1945, da Academia Nacional de Medicina pelo seu

magnífico trabalho, hoje clássico, sobre Pênfigo Foliáceo (Fogo Selvagem) — manifestações oculares e o Prêmio Abreu Fialho e a Medalha de Ouro do Congresso Brasileiro de Oftalmologia (1951). Sua obra mais querida foi a construção da Clínica Prof. Aguiar Pupo, do Departamento de Profilaxia da Lepra. Publicou 5 trabalhos (190).

AURELIANO Carlos DA FONSECA, diplomado no Rio de Janeiro em 1917 (Tese -Do reumatismo articular e da acção de certas substancias medicamentosas no seu tratamento) (191), sem possuirmos dados biográficos, foi um batalhador na luta contra o tracoma, publicando inúmeros trabalhos, exercendo ativamente atividades ligadas à erradicação da doença na capital e no interior do estado de S. Paulo, prolongadas pelo Paraná e Santa Catarina. Era constante sua presença nos Congressos e reuniões científicas, tendo sido o principal animador para a fundação da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, segundo PEREIRA GOMES (192), que lhe faz justiça, escrevendo textualmente: "Nasceu entre os realizadores da Semana Oftalmo-neurológica (3 a 10/09/1927) a ideia da fundação da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, cujo dinamizador é preciso que se reconheça, foi o Dr. AURELIANO FONSECA". Neste trabalho, PEREIRA GOMES dá grande importância às realizações do I Congresso Médico Paulista, em 1916 (o II só foi realizado em 1945, comemorativo do cinquentenário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo); à Semana Oto-Rhino-Neuro-Oculística, em 1926 e à citada Semana Ophtalmoneurológica, o primeiro com a parte Oftalmológica a cargo dele, de DANTON MALTA e de PENIDO BURNIER, a segunda, com a sua direção, junto com DANTON MALTA, MOACYR ALVARO, CYRO DE REZENDE e W. BELFORT MATTOS. E na primeira reunião para a fundação da Sociedade, estiveram presentes J. BRITTO, PEREIRA GOMES, AURELIANO FONSECA, MOACYR ALVARO, DANTON MALTA, PACHECO BORBA, JACQUES TUPINAMBA, VALENTIM DEL NEIRO. CYRO DE REZENDE, TOLEDO PASSOS, ROGERIO SILVA, SOUZA MARTINS, CARLOS SÃO THIAGO, ARISTIDES RABELLO, AMEDEE PERET JOAQUIM CORRÊA PORTO, CARLOS GAMA, ALVES PONTUAL, CICERO MAIA, WALDEMAR CARVALHO PINTO, e PAULO AGUIAR. Depois, mais outros foram considerados Fundadores e assinaram a Ata de Fundação.

CARLOS PENTEADO STEVENSON, nascido em Campinas em 25 de abril de 1894 e falecido em 8 de agosto de 1976, doutorou-se em 1920 na Faculdade do Rio de Janeiro (Tese-Da tarsectomia) (193), regressou à cidade natal, nela se fixando, formou grande clínica. Foi Chefe do Serviço de Oftalmologia da Sta. Casa da Misericórdia.

EUTYCHIO LEAL, baiano, diplomado na Faculdade de Medicina do seu estado, em 1909 (Tese-Diagnóstico da peste) (194), mudando-se para S. Paulo muito trabalhou na profilaxia do tracoma, escrevendo vários trabalhos.

WALDEMAR Rangel BELFORT MATTOS, carioca, nascido em 24 de abril de 1897 e falecido em 28 de dezembro de 1956, formou-se pela Faculdade de Medicina de S. Paulo em 1919, numa das primeiras turmas. Sua tese foi sobre "As sarcophagas de S. Paulo" (195), no mesmo ano em que foi defendida a primeira tese sobre Oftalmologia, de DELIA FERRAZ, "Semiologia da pupilla" (196), que se conservou até hoje, como a única mulher a defender tese naquela Faculdade sobre assunto nosso. Logo no início de sua carreira médica, W. BELFORT MATTOS foi distinguido com o Prêmio João Florêncio Gomes, em 1920, pela sua tese; dez anos depois, recebeu o Prêmio Moura Brasil da Academia Nacional de Medicina (1930), pela excelente monografia "Dez anos de cirurgia ocular" (197). Fundador e Ex-Presidente da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, da Associação Paulista de Medicina, Presidente do Comitê Regional do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, terá seu nome perpetuado pela fundação dos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, em 1938, dos quais foi Diretor até falecer. Não é necessário destacar a importância dos "Arquivos" para a Oftalmologia Brasileira, com mais de 40 anos de publicação regular, uma das duas revistas que sobreviveram às outras. De sua iniciativa foi uma seção "Bibliografia Oftalmológica Brasileira", em 1940, infelizmente descontinuada (198). Também distribuía com os "Arquivos", excelentes retinografias de casos clínicos, quando a fotografia do fundo do olho era rara em nosso meio, conseguidas por ele, que as fazia como um hobby. Sua intensa atividade ficou registrada em 71 trabalhos científicos, além da habitual frequência nas reuniões e Congressos.

Encerrando a Evocação dos Oculistas nascidos no século XIX e radicados em S. Paulo, vem o nome de JOÃO LECH JUNIOR, paranaense de Prudentópolis (13/08/1899-17/12/1964), formado em 1922 pela Faculdade de Medicina do Paraná, Oftalmologista do Instituto Penido Burnier, onde se destacou pela sua dextreza cirúrgica e conhecimentos clínicos. Deixou-nos 15 trabalhos, apresentados em Congressos ou publicados em revistas médicas.

Entre os deste século, já falecidos, podemos lembrar JOSÉ MARIA ROLLEMBERG SAMPAIO, CARLOS GOMES DE SÃO THIAGO, MANOEL DE TOLEDO PASSOS, JOSÉ MENDONÇA BARROS, brilhante inteligência, doutor em medicina em 1934, pela Fa-

culdade de Medicina de S. Paulo. (Os saís de ouro na therapeutica da lepra, com referencia especial às complicações oculares. Contribuição ao seu estudo) (199); Livro Docente da mesma Faculdade em 1948 (Tese-A propósito da lepra ocular. Contribuição ao seu estudo clínico e histopatológico) (200); Prêmio Moura Brasil da Academia Nacional de Medicina de 1939 (Aspectos clínicos do comprometimento ocular da lepra) (201), desaparecido precocemente; DURVAL PRADO sergipano da cidade de Capela, nascido em 5 de outubro de 1905, esforçado nordestino que se diplomou em medicina aos 31 anos, depois de ter exercido a profissão de óptico. Doutorando-se em 1934, pela Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo (Diathermocoagulação no tratamento da conjunctivite granulosa) (202), em 1942 fez Livre Docência (Heteroforias) (203), também galardoado com o Prêmio Moura Brasil em 1941, pelo seu trabalho, que depois virou o múltiplo editado livro "Noções de Óptica, Refração Ocular e Adaptação de Óculos" (204), falecido em 1968, deixando-nos volumosa bibliografia.

Nos demais Estados e mesmo no interior de S. Paulo e Minas Gerais, onde os núcleos populacionais eram escassos para a manutenção permanente de especialistas, havia médicos itinerantes, em geral fazendo Oftalmologia e Otorinolaringologia. Era o tempo da Oftalmologia romântica, exercida com oftalmoscópio e caixa de provas portátil, de tonometria digital e cirurgia precária, muitas vezes praticada em casa dos clientes. Muitos Oftalmologistas de renome, mais tarde estabelecidos nos grandes centros, iniciaram seus conhecimentos clínicos na prática diária da clínica particular, depois aperfeiçoados na Europa, com a boa base financeira adquirida nestas andanças.

A proporção que foram crescendo as cidades, e criadas as cátedras, começaram a surgir os núcleos de especialistas, que se difundiam pelo interior dos estados, prestando melhor e mais constante assistência às populações. E hoje para a especialização, não é necessária a ida ao exterior, ainda realizada por muitos, aproveitando as facilidades do turismo, e trazendo um certo status aos viajantes...

Pela ordem de criação das cátedras, surge no Paraná o professor LEONIDAS DO AMARAL FERREIRA, sucessor do prof. JULIUS SZYMANSKI, primeiro Titular da cadeira de Oftalmologia, com pequena permanência no cargo.

Diplomado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916, (Tese: "Acumetria") (205), no ano seguinte foi nomeado professor, dirigindo a cátedra durante quase 40 anos, até 19 de novembro de 1955, quando se aposentou. Não conseguimos ou-

tros dados biográficos, apesar de solicitados. Sucedeu-lhe o prof. EGON KRUEGER, em exercício (206).

Vem depois o professor DEUDEDIT COELHO DUARTE, formado em 1918, na Faculdade de Medicina da Bahia (207), Titular da cadeira de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Belém, de 1922 até seu falecimento, em 1945, desde então ocupada pelo prof. ARACY BARRETO.

A cátedra da Faculdade de Medicina de Recife foi inicialmente ocupada por ISAAC SALAZAR da Veiga Pessoa, de 1920 até 1941, quando faleceu. Nascido em Recife, em 11 de abril de 1885, formou-se no Rio de Janeiro em 1911 (208). Foi Chefe da Clínica Oftalmológica do Hosp. Pedro II, Fundador da Sociedade Mantenedora do Hosp. Centenário Médico da Saúde Escolar do Estado, e a C.A.P. dos Empregados da Great Western.

Seu sucessor foi FRANCISCO da Fonseca FIGUEIREDO FILHO, pernambucano de Cuité, onde nasceu em 29 de outubro de 1897. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1919 (209), faleceu moço, aos 51 anos, vitimado fulminantemente na véspera da inauguração do VI Congresso Brasileiro de Oftalmologia, realizado em Recife em julho de 1949, ao qual dedicou todas suas energias, na qualidade de Presidente da Comissão Executiva. Teve brilhante atuação no magistério, professor Titular da cadeira de Física Biológica, por concurso, da Faculdade de Medicina de Pernambuco e também por concurso, da cadeira de Física do Colégio Estadual. Fundador da Sociedade de Oftalmologia e da Liga de Prevenção da Cegueira de Pernambuco, de ambas foi Presidente várias vezes. Deixou 9 trabalhos, sendo a cátedra ocupada desde então pelo professor CLOVIS de Azevedo PAIVA (210).

MARIO DE GOES E VASCONCELLOS, diplomado no Rio de Janeiro em 1910 (211), assistente do prof. J. A. ABREU FIALHO, na Clínica Oftalmológica da Faculdade, foi nomeado Titular da Faculdade de Medicina de Niterói em 1930, não chegando a ocupar a cadeira, regida desde 1932 pelo prof. PAULO CEZAR PIMENTEL, até a aposentadoria e hoje pelo prof. ADALMIR MORTERA DANTAS.

Terminado este apanhado sobre centena e meia de Oftalmologistas do Brasil, com alguns nomes omitidos por falta de acesso às suas biografias, mas que, repetimos, vão figurar no Dicionário Bio-Bibliográfico, duas referências especiais vamos fazer nesta evocação. Uma relativa aos que pertenceram, ou pertencem à Academia Imperial, hoje Nacional de Medicina, a mais cobiçada Sociedade Médica e de maior gabarito em nosso País e aos que por ela foram contemplados com o Prêmio Moura Brasil, instituído em 1925 por GABRIEL DE ANDRADE. E a ou-

tra, às Revistas especializadas, com circulação mais ou menos longa revelando os esforços dos seus Fundadores, prestando relevantes serviços à Oftalmologia Nacional.

Foram estas:

REVISTA BRASILEIRA DE OPHTALMOLOGIA, (1888/1890) fundada por MOURA BRAZIL, GUEDES DE MELLO, PAULA FONSECA e RIBEIRO DOS SANTOS.

ANNAES DE OCULISTICA DO RIO DE JANEIRO, fundada por JOSÉ ANTONIO FIAHO (1929/1937).

REVISTA DE OPHTALMOLOGIA DE SÃO PAULO, fundada por PEREIRA GOMES, MOACYR ALVARO, W. BELFORT, CYRO DE REZENDE e AURELIANO FONSECA (1931/42); ARQUIVOS DO INSTITUTO PENIDO BURNIER, por J. PENIDO BURNIER, GUEDES DE MELLO FILHO, MOACYR CUNHA (1932/); ARQUIVOS DE CLINICA OPHTALMOLOGICA E OTORHINOLARYNGOLOGICA, por IVO CORRÊA MEYER e JOSÉ BONIFACIO FLORES DA CUNHA (1934/1943); OPHTHALMOS, pela Diretoria de 1938 da Sociedade de Oftalmologia de Minas Gerais, sob a Presidência de HILTON ROCHA tendo por companheiros, HUMBERTO MARTINS VIEIRA, CARLOS ALBERTO CORRÊA e OSWALDO SILVEIRA (1938/44); ARQUIVOS BRASILEIROS DE OPHTALMOLOGIA, por W. BELFORT MATTOS, B. PAULA SANTOS e DURVAL PRADO (1938) e a REVISTA BRASILEIRA DE OPHTALMOLOGIA, por EVALDO CAMPOS, JONAS ARRUDA LINCOLN CAIRE e OSWALDO BARBOSA (1942).

Dos Membros Titulares da Academia (Imperial) Nacional de Medicina, segundo lista fornecida pela Secretaria, foram Oftalmologistas os seguintes;

CARLOS JOSÉ FREDERICO CARRON DU VILLARDS — 08/11/1858

JOÃO JACQUES ANATOLIO RAUMAGÉ — 02/06/1862.

FERNANDO PIRES FERREIRA — 22/11/1869.

JOSÉ CARDOZO MOURA BRASIL — 07/11/1882.

HENRIQUE GUEDES DE MELLO — 1896.

JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO — 1899.

ANTONIO NEVES DA ROCHA — 05/12/1901.

GABRIEL DE ANDRADE — 05/07/1924.
EDILBERTO DE SOUZA CAMPOS — 04/12/1929.

NELSON MOURA BRASIL DO AMARAL — 17/11/1938.

SYLVIO ABREU FIALHO — 20/07/1944.
EDUARDO AUGUSTO DE CALDAS BRITO — 29/11/1945.

CARLOS PAIVA GONÇALVES — 22/11/1962.

ANTONIO PAULO FILHO — 22/05/1969.
HILTON RIBEIRO DA ROCHA — 26/10/1972.

Houve ainda certo número de Membros Correspondentes.

E ganhadores do Prêmio Moura Brasil, instituído em 1925, pelo Acadêmico GABRIEL DE ANDRADE, "para o melhor trabalho inédito sobre Oftalmologia, no valor de um conto de réis e de um Diploma", foram os seguintes:

1928 — EUTYCHIO LEAL — Trachoma.

1930 — W. BELFORT MATTOS — Dez annos de cirurgia ocular.

1935 — CYRO DE REZENDE — A biomicroscopia após a extração intra-capsular da catarata.

1937 — ALVARO DA SILVA COSTA — Canal conjuntivo pituitário em face da cirurgia lacrimal.

1938 — SERGIO DO VALLE — Coroidite leprosa precoce.

1939 — J. MENDONÇA BARROS — Aspectos clinicos do comprometimento ocular na lepra.

1940 — OCTACILIO LOPES: — Complicações oftálmicas da sinusite maxilar.

1941 — DURVAL PRADO — Noções de óptica, refração ocular e adaptação de óculos.

1942 — BENEDICTO DE PAULA SANTOS FILHO — Sobre as alterações tracomatosas da córnea e sua frequência.

1943 — SYLVIO ABREU FIALHO — Contribuição ao problema do diagnóstico precoce do glaucoma.

1944 — OCTACILIO LOPES — Oftalmia simpática.

1945 — FRANCISCO AMENDOLA — Pênfigo foliáceo (fogo selvagem) — manifestações oculares.

1949 — BENEDICTO PAULA SANTOS FILHO — Sobre o tracoma da conjuntiva e seu tratamento médico-cirúrgico.

1950 — EVALDO CAMPOS — O Daltonismo.

1951 — AVELINO GOMES DA SILVA — Retrotransiluminação e MANOEL BARRETO NETTO — Histopatologia da retina e coroide na hipertensão maligna.

1952 — RUY COSTA FERNANDES — Estrias angióides do fundo do olho e sua relação com as doenças gerais.

1964 — CARLOS PAIVA GONÇALVES FILHO e VIRGILIO NOVAES — Sinais oculares dos aneurismas intracranianos.

BIBLIOGRAFIA

1. ISMAEL DO PRADO — O nosso nome — *Jornal do Brasil* — 07/07/1978, 1º caderno, pg. 11.
2. HERMINIO B. CONDE — Subsídios para a história da Oftalmologia no Brasil — *Ar. de Clin. Oft. e ORL* — 4:99-105, 1937.
3. HERMINIO CONDE — Evolução da Oculística no Brasil — *Hora Méd.* 3:27-38, 1939.
4. SYLVIO ABREU FIALHO, HERMINIO CONDE — Evocação de um cavalheiro andante da Oftalmologia — *Rev. Bras. Oft.* 24:324-328, 1965.
5. EVALDO CAMPOS — Trinta anos de evolução da Oftalmologia — Livro Jubilar do Prof. Ivo Corrêa Meyer, pgs. 87-130, 1969.
6. Decreto nº 20.931 de 11 de janeiro de 1932 — *Hora Méd.* 3:177-183, 1939.
7. HERMINIO CONDE — Impressões de viagem científica ao Mediterrâneo e Oriente Médio — *MS — D.N.E.Ru.*, 1960.
8. HERMINIO CONDE — *Trajédia ocular de Machado de Assis* — Ed. A Noite, 1942; 2a. ed. 1947.
9. EVALDO CAMPOS — *Necrológio de Herminio Conde* — *Rev. Bras. Oft.* 23:517, 1964.
10. *Necrológio do prof. Moacyr E. Alvaro* — *Ophth. Ib. Amer.* 21:265-370, 1959.
11. *Necrológio do prof. Moacyr E. Alvaro* — *Arq. Bras. Oft.* 22:151-189, 1959.
12. *Necrológio do prof. Moacyr E. Alvaro* — *Rev. Bras. Oft.* 18:189-190, 1959.
13. MOACYR EYCK ALVARO — O papel dos animais caseiros na transmissão das doenças. Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1922.
14. MOACYR E. ALVARO — Padronização dos exames oftalmológicos — *Rev. Opht. S. Paulo* — 1:228-229, 1932.
15. MOACYR E. ALVARO — Organização de clínica oftalmológica — *Rev. Opht. S. Paulo* — 3:151-154, 1934.
16. Organização científica do trabalho em Oftalmologia — *Rev. Opht. S. Paulo* — 6:79-91, 1938 e *Arq. Cl. Oft. e ORL* — 5:95-103, 1938 (17).
18. MOACYR E. ALVARO — Tendências atuais da Oftalmologia organizada — *Opht. Ib. Amer.* 17:1-26, 1955.
19. MOACYR E. ALVARO — Relatório do Ministério da Educação e Saúde — *Rev. Oft. S. Paulo* — 4:300-311, 1936.
20. MOACYR E. ALVARO, CYRO DE REZENDE — Distribuição geográfica e etiológica do trachoma — Relatório ao II Congr. Bras. Opht. *Arq. Clin. Opht. e ORL* — 4:65-99, 1937.
21. MOACYR E. ALVARO — ELEANOR BROWN MERRIL — The need and opportunity for the Prevention of Blindness — *Sight Saving Rev.* nº 2, 1940.
22. CYRO DE REZENDE — História da Oftalmologia no Brasil — *An. I Congr. Bras. Opht.* Vol. I, pgs. 291-303, 1935.
23. GUILIELMI PISONIS — *Historia Naturalis Brasiliae* — Amsterdam, 1648.
24. LOURIVAL RIBEIRO — *Medicina no Brasil colonial* — Ed. Sul Americana, Rio de Janeiro 1971.
25. SIMÃO PEREIRA MORÃO — Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco — Os abusos médicos que nas suas capitânias se observam tanto em dano das vidas de seus habitadores — Edição da Junta de Investigações do Ultramar — Lisboa, 1965. (Comentários e notas de JAIME WALTER).
26. GEORGE GARDNER — *Viagens ao interior do Brasil* — Vol. 13 da Coleção Reconquista do Brasil — Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1975.
27. Subsídios para a História da Oftalmologia no Brasil — *Ann. Ocul. do Rio de Janeiro* — 6:29-33, 1937.
28. ROBERT SOUTHEY — *History of Brazil*, Vol. VI — London, Longman, Hurat, Rees and Brown, 1822.
29. Dados retirados do verso da fotografia existente na Esc. Paulista de Med.
30. ARISTIDES NOVIS, apud LEONIDIO RIBEIRO — *Medicina no Brasil* — *Impr. Nac.*, Rio de Janeiro, 1940.
31. JOÃO JOSÉ DE CARVALHO — A syphilis — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro*, 1831.
32. JOAQUIM CARDOSO DOS SANTOS JUNIOR — *Fistula lacrymal* — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1840.
33. JOAQUIM PIRES GARCIA DE ALMEIDA — O tratamento da cataracta — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro*, 1841.
34. FRANCISCO LOPES DA CUNHA JUNIOR — A operação de cataracta pelo methodo do abaxamento — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1841.
35. JOÃO DIAS FERRAZ LUZ — A operação da pupilla artificial ou coremorphose. Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1843.
36. BENTO JOSÉ MARTINS — Strabismo e sua operação — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1845.
37. JOÃO ANTONIO DE AZEVEDO — *Manual das Molestias dos Olhos* — 1841.
38. ALFREDO ROCCO — *Oftalmologia de há um século* — *Rev. Oft. de S. Paulo* — 10:125-137, 1942.
39. *Arq. Bras. Oft.* 41:157-158, 1978.
40. *Arq. Bras. Oft.* 41:211-214, 1978.
41. FRANCISCO BONIFACIO DE ABREO — De chirurgo e de oculorum suffusione — Tese para professor de Cirurgia — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1852.
42. ANTONIO OLINTHO PINTO COELHO DA CUNHA — A cataracta — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1850.
43. LEOPOLDO NOBREGA — Da cataracta — seus meios curativos em geral e em particular d'aquelle que offerece mais vantagem. Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1852.
44. PEDRO BAYLET — Algumas considerações sobre a operação de cataracta — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1855.
45. JOAQUIM DE PAULA SOUZA — Symptomas e diagnostico da cataracta — Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1855.
45. BELARMINO CORRÊA DE OLIVEIRA E ANDRADE — Quaes os casos que reclamão a operação de cataracta e qual o melhor meio de a praticar — Tese de doutoramento. *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1859.
47. JOÃO NEPOMUCENO DIAS FERNANDES — Extirpação do globo ocular. Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1850.
48. HERCULANO JOSÉ DE OLIVEIRA MAFRA — Tratar dos casos que indicam a extirpação do globo ocular e dos methodos e processos porque se pode praticar esta operação. Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1853.
49. MANOEL PINTO DA SILVA TORRES JUNIOR — Tratar dos casos que indicam a extirpação do globo ocular e dos methodos e processos porque se pode praticar esta operação. Tese de doutoramento — *Fac. Med. do Rio de Janeiro* — 1854.
50. JOSÉ LOURENÇO DE CASTRO E SILVA — Ligeiras observações sobre algumas enfermidades dos órgãos annexos do globo ocular e

- a ophthalmia em geral. Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1850.
51. JOÃO STOPPANI — Da ophthalmia purulenta dos recém nascidos — Tese de doutoramento. Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1853.
 52. A. SAULINER DE PIERRELEVÉE — Do pterygio, sua natureza, seu tratamento. Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1855.
 53. ANTONIO DAVID CANAVARRO — A operação da fistula lacrymal — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1856.
 54. CHRISTOVAM GAYLEARD — Dissertação sobre glaucoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1856.
 55. JOAQUIM FLORIANO GODOY JUNIOR — Tratar dos casos que reclamão a extirpação do globo ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1852.
 56. SYLVIO ABREU FIALHO — Páginas viradas.
 57. CARRON DU VILLARDS — Guide pratique pour l'étude et le traitement des maladies des yeux — Bruxelles — 1^o Vol., 556 pgs., 2^o Vol., 664 pgs. 1838.
 58. CARRON DU VILLARDS — Adversario Ophthalmologica — Liv. Universal — E. & H. Laemmert — Rio de Janeiro, 1858.
 59. LYCURGO SANTOS FILHO — História da Medicina do Brasil — Coleção Grandes Estudos Brasileenses — Edit. Brasiliense — S. Paulo, 1974.
 60. EVALDO CAMPOS — Viagem sentimental pela Revista Brasileira de Oftalmologia — Rev. Bras. Oft. 36:75-90, 1977.
 61. HILARIO SOARES DE GOUVEA — Do Glaucoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro, 1866.
 62. CARLOS AMAZONIO FERREIRA PENNA — Ophthalmia sympathica — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro, 1872.
 63. RAUL DAVID SANSON — Hilario de Gouvêa, otorinolaringologista — Rev. Bras. Oft. 2:69-79, 1943.
 64. FERNANDO PIRES FERREIRA — Breves considerações sobre as aplicações da iridectomia ao tratamento da cataracta — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1868.
 65. JOAQUIM XAVIER PEREIRA DA CUNHA — Importância do tratamento antiséptico na cirurgia ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1883.
 66. ANTONIO NEVES DA ROCHA — Do glaucoma primitivo — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1883.
 67. JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO — O oculistica perante a pathologia — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1896.
 68. JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO — Estudo physico-químico da nutrição ocular — Tese para Professor Substituto — 1898.
 69. PHILIPPE PEREIRA CALDAS — Do ophthalmoscopia — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1865.
 70. ANTONIO JOSÉ DE LIMA CASTELLO BRANCO — Do ophthalmoscopia em relação ao diagnóstico das molestias cirúrgicas — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1865.
 71. THOMÉ MARIA CAVALCANTI — Dos serviços que o ophthalmoscopia pode prestar à cirurgia ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1865.
 72. Rev. Bras. Opt. 1:250-270, 1888.
 73. GABRIEL DE ANDRADE — Cataractas secundarias. Glaucoma consecutivo à discissão.
 74. J. A. ABREU FIALHO — Notas às largas margens desta memória: «Cataractas secundarias. Glaucoma consecutivo à discissão» — Publ. do Brazil Medico, 1924.
 75. COLOMBO SPINOLA — A pressão arterial retiniana nas rhinopathias — Brasil Med. — 13/04/1935, pgs. 343-346.
 76. PENIDO DE CASTRO — Brasil Méd. — Correspondência — «A pressão arterial retiniana nas rhinopathias» — 13/07/1935, pgs. 634-635.
 77. COLOMBO SPINOLA — Brasil Méd. — Correspondência — «A pressão arterial retiniana nas rhinopathias» — 21/09/1935, pgs. 854-860.
 - 77A. Resposta datilografada existente na Biblioteca da Soc. Bras. Oft. — PENIDO DE CASTRO.
 78. JOÃO DA GAMA CASTRO — Cataractas congénitas — Tese para prof. Substituto — 1898.
 79. LEAL JUNIOR — Processos objetivos da optometria — Tese para prof. Substituto — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1898.
 80. SYLVIO ABREU FIALHO — Páginas viradas — Guanabara, 1967.
 81. EDILBERTO CAMPOS — Crônicas da passagem do século — Vol. VI, pgs. 3-11, 1970.
 82. EDILBERTO CAMPOS — Consultas Ophthalmologicas para a Medico Polyclinico — pgs. IX-XVI — Granado & Cia. — Rio de Janeiro, 1927.
 83. Rev. Bras. Oft. 31:271-299, 1972.
 84. Tratado de Ophthalmologia — Tomo I — Vols. 1 e 2.
 85. SYLVIO ABREU FIALHO — Marcos azuis do meu caminho.
 86. SYLVIO ABREU FIALHO — O Mundo dos Olhos.
 87. SYLVIO ABREU FIALHO — Música de cavalinhos — Est. Gráf. Borsoi — Rio de Janeiro, 1977.
 88. SYLVIO ABREU FIALHO — Oscillações nycthemericas do ophthalmotono normal e pathológico — Tese para Livre Docência — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1930.
 89. SYLVIO ABREU FIALHO — Toxoplasmose ocular — Contribuição ao estudo clinico e experimental — Tese para a cátedra de Ophthalmologia — Fac. Med. do Rio de Janeiro, 1953.
 90. HEITOR TEIXEIRA DE BODON — Injecções intralacrymaes de tratamento da syphilis — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1910.
 91. CELISA PINHO — Traumatismo do globo ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1907.
 92. JULITA SAMPAIO ESTELLITA LINS — Contribuição ao estudo da conjunctivite.
 93. BEATRIZ AMARAL — Das nevrites opticas toxi-infectuosas — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1917.
 94. JOAQUIM BARBOSA DE FIGUEIREDO — Heliotherapia e trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1925.
 95. MARIO FALLEIROS — Da operação de cataracta com arrancamento capsular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1926.
 96. EDILBERTO CAMPOS — Crônicas da Passagem do Século — Vol. I, 1965; Vol. II, 1966; Vol. III, 1967; Vol. IV, 1968; Vol. V, 1969; Vol. VI, 1970; Vol. VII, 1970 — Rio de Janeiro.
 - 96A. EDILBERTO CAMPOS — Discurso de posse Bol. Acad. Nac. Med. 102: 64-70, 1931.
 97. EVALDO CAMPOS — O Serviço de Olhos do Hospital S. Francisco de Assis — Rev. Bras. Oft. 31: 490-494, 1972.
 98. RUY DE CASTRO ROLIM — Da órbita como protecção ao globo ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1926.
 99. MARCOS JOSÉ THEOFILO — As doenças dos olhos mais reinantes no Ceará — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1849.

100. ABRAHÃO BRUNO DA CAMARA — Breves considerações sobre a amaurose e algumas de suas variedades — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1854.
101. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES — Pode a mulher conceber sem ter sido antes menstruada? Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1856.
102. MANOEL NUNES AFFONSO DE BRITTO — Anesthesia — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1858.
103. CARLOS LUDOVICO DROGNAT — SANDRÉ — Da iridectomia e sua applicação — Tese de revalidação do diploma. Fac. Med. da Bahia — 1871.
104. JOSÉ CARDOZO MOURA BRAZIL — Tratamento cirúrgico da cataracta — Tese do doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1872.
105. AURELIANO MACRINO PIRES CALDAS — Tratamento cirúrgico da cataracta — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1872.
106. JOÃO FERREIRA DA SILVA — Tratamento cirúrgico da cataracta — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1872.
107. CARLOS SCHMIDT — Da operação de cataracta — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia, 1872.
108. Jubileu Profissional de um Mestre — MOURA BRAZIL — Ed. Lytho Typo Fluminense — Rio de Janeiro, 1925.
109. EVALDO CAMPOS — O Serviço de Olhos da Policlínica de Crianças — O Hospital.
110. Necrológico do Dr. Henrique Guedes de Mello — Arch. Inst. Penido Burnier — 3 (2), dez., 1934.
111. IGNACIO MONTEIRO DE ALMEIDA GOUVEA — Do jequirity — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1885.
112. MANOEL FRANCISCO BARBOSA — Conjunctivite granulosa — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1885.
113. JOÃO FERREIRA CALDAS — Ophtalmia granulosa — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1885.
114. PACIFICO CARLOS PINA GUIMARÃES — Ophtalmia granulosa — Tese de Doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1897.
115. J. PENIDO BURNIER — O Trachoma no Brasil — Arch. Inst. Pen. Burnier — 1: 61-73, 1931.
116. ALFREDO OCTAVIANO DANTAS — Estudo do trachoma e seu tratamento — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1903.
117. REGINALDO RAMOS COSTA — Estudo clínico do trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1907.
118. ANTONIO OLARICO DOS SANTOS — Considerações geraes sobre o trachoma, especialmente sobre o tratamento médico-cirúrgico — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1910.
119. JOSÉ FELIX RIBEIRO — Estudo sobre o trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1914.
120. DEUDEDIT COELHO DUARTE — Ligeiras considerações sobre o trachoma e seu tratamento — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1918.
121. FRANCISCO FONSECA FIGUEIREDO FILHO — Iontisação medicamentosa no trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1919.
122. RAYMUNDO DE MOURA FÉ — Considerações sobre a prophylaxia do trachoma no Piauhy — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1930.
123. RAYMUNDO OCTACILIO DE LIMA — Diathermia médica e cirúrgica no tratamento do trachoma — Tese do doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1930.
124. ARTHUR BAPTISTA DE CASTRO — Do entropio e do ectropio — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1877.
125. FRANCISCO COELHO GOMES — Estudo clínico de conjunctivite granulosa — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1883.
126. THEODOMIRO DE SOUZA SALLES — Estudo clínico da conjunctivite granulosa — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1884.
127. JOSÉ AUGUSTO GOMES ANGELIM — Estudo clínico da conjunctivite granulosa — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1892.
128. ANTONIO GODOFREDO DE MIRANDA — Prophylaxia do trachoma e seu tratamento — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1907.
129. RAUL FERREIRA LEITE — Etiologia, prophylaxia e tratamento do tratamento do trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1900.
130. AMELIO TAVARES — Novo ensaio de tratamento do trachoma — Tese para Livre Docência — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1914.
131. PLINIO DE BARROS BARBOSA LIMA — Do trachoma no Brasil — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1915.
132. MARIO DE SOUZA BARROS — O trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1919.
133. LAMARTINE EMILIO BARBOSA — Prophylaxia do trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1919.
134. NELSON MOURA BRASIL DO AMARAL — Da cura do trachoma pelo nitrato de hydrargirio — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1922.
135. JOAQUIM BARBOSA DE FIGUEIREDO — Heliotherapia e trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1925.
136. SYNESIO DE MELLO E OLIVEIRA — Do trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1927.
137. ALBERTO LEONEL GASPARD ORSOLINI — Do entropion. Tratamento pelo processo de Lagleyze — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1919.
138. CARLOS PENTEADO STEVENSON — Da tarsiectomia — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1920.
139. HERMINIO CONDE — Antiguidade do trachoma no Brasil Rev.— Opht. S. Paulo — 6: 29-33, 1937.
140. WALDEMAR BELFORT MATTOS — Bibliographia Nacional sobre o trachoma — Rev. Opht. S. Paulo — 2: 149-155, 1932.
141. FARIA MATTOS — Cura de entropion — Nota histórica e prática — Ann. d'Ocul. 9: 183, 1848.
142. MAX HERBERT BERNER — Aspectos geraes da endemia tracomatosa no Brasil. — Rev. A. M. B. — 4º, 237-241, 1958.
143. BENEDICTO PAULA SANTOS FILHO — PLINIO DE MENDONÇA UCHOA — A proclixia do tracoma no Estado de S. Paulo — Rev. Bras. Oft. 14: 49-59, 1955.
144. ROBERTO BARBOSA — A vitória sobre o tracoma — Arq. Inst. Pen. Burnier — 14: 113, 1957.
145. HERMINIO CONDE — Ann. Ocul. Rio de Jan. — 2: 376-387, 1930.
146. J. PENIDO BURNIER, J. LECH JUNIOR — O tracoma no Brasil — Arq. Inst. Pen. Burnier — 6: 156-212, 1941.
147. ARTHUR MORAES JAMBEIRO COSTA — Anesthesia local — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1886.

148. OCTAVIO ACCIOLY DE AGUIAR — Anestesia em cirurgia ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1897.
149. LUIZ COELHO ALVES DA SILVA — Cataracta polar anterior — Autoobservação — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1919.
150. EDILBERTO CAMPOS — O Dr. Pondé — Crônicas da Passagem do Século — Vol. I, pgs. 180-183 — Rio de Janeiro — 1965.
151. FRANCISCO LOPES FERREIRA — Páginas Oftalmológicas — Impr. Oficial do Est. de Minas Gerais — 1945.
152. VICTOR DE BRITTO — Pustula maligna — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1878.
153. IVO CORRÊA MEYER — As injeções de leite na afecções oculares — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1923.
154. IVO CORRÊA MEYER — Angioespasmos retinianos — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de Porto Alegre — 1930.
155. IVO CORRÊA MEYER — Contribuição ao estudo da retinite aluminúrica — Tese de Livre escolha para a cátedra da Fac. Med. de Porto Alegre — 1932.
156. IVO CORRÊA MEYER — Interpretação dos sinais oculares nas afecções do sistema nervoso central — Tese sorteada pela Congregação — Conc. para cátedra da Fac. Med. de Porto Alegre. 1932.
157. Livro Jubilar do prof. Ivo Corrêa Meyer — Graf. Univ. Fed. do R. G. S. — 1969.
158. JOAQUIM SANTA CECILIA — Atrophia do nervo optico no alcoolismo, tabagismo e saturnismo — Tese para a cátedra. Fac. Med. de Belo Horizonte — 1914.
159. CASIMIRO LABORNE TAVARES — Trachoma, problema médico social — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de Belo Horizonte — 1939.
160. CASIMIRO LABORNE TAVARES — Litiase biliar — Tese de doutoramento — Fac. Med. de Belo Horizonte — 1919.
161. GERALDO QUEIROGA — Iridoesclerectoci-clodiálise — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de Belo Horizonte — 1939.
162. GERALDO QUEIROGA — Permeabilidade da cápsula do cristalino — Tese para Livre Docência — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1949.
163. GERALDO QUEIROGA — Eletroretinografia — Tese para a cátedra — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1953.
164. PEDRO ADOLPHO ROSTGAARD BRUNN GAD — Das afecções sympathicas do olho — Tese para revalidação — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1875.
165. ATALIBA FLORENCE — Sobre as bactérias do puz azul — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1879.
166. EUZÉBIO DE QUEIROZ CARNEIRO MATTO-SO — Do diagnóstico da paralisia agitante — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1882.
167. DAVID BENEDICTO OTTONI — Beriberi — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1879.
168. IGNÁCIO BUENO DE MIRANDA — Pathogenia, diagnóstico e tratamento do beriberi — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1890.
169. PEDRO PIRES PONTUAL — Do testículo tuberculoso, seu diagnóstico diferencial e seu tratamento — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1875.
170. Jubileu professoral do Dr. João Paulo da Cruz Britto — Rev. Optht. de S. Paulo 10: 9-25, 1942.
171. PEDRO PIRES PONTUAL — Jubileu professoral do prof. J. BRITTO —
172. ARCHIMEDE BUSACCA — Algumas observações originaes sobre o modo de se comportar a córnea transparente e do humor aquoso nos processos de iridocyclite. Estudos com a lâmpada de fenda de Gullstrand — Tese de revalidação. Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1928.
173. ARCHIMEDE BUSACCA — A lâmina zonular do crystallino — Tese para revalidação — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1928.
174. GUILHERME ALVARO DA SILVA — Prophylaxia e tratamento da conjunctivite purulenta dos recém nascidos — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1890.
175. JOÃO PAULO DA CRUZ BRITTO — Das injeções subconjunctivae — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1908.
176. Jubileu professoral do Dr. João Paulo da Cruz Britto — v. acima
177. CYRO DE REZENDE — Do emprego da córnea de cadáver na queratoplastia. Tese para Livre Docência — Fac. Med. de S. Paulo — 1938.
178. DURVAL PRADO — Heteroforia — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de S. Paulo — 1942.
179. BENEDICTO DE PAULA SANTOS FILHO — Sobre as alterações tracomatosas e sua frequência: contribuição ao estudo biomicroscópico — Tese para Livre Docência.
180. CYRO DE BARROS REZENDE — Da cirurgia nasal nas neurites ópticas retrolulares rhinológicas — Tese de doutoramento — Fac. Med. de S. Paulo — 1927.
181. Prof. Cyro de Barros Rezende. Necrológio — Arq. Bras. Oft. 25: 131-159, 1962.
182. MOACYR E. ALVARO — CYRO DE REZENDE — Distribuição geográfica e etiológica do tracoma no Brasil — Arq. Clin. Oft. e ORL. 4: 65-99, 1937.
183. CYRO DE REZENDE — A biomicroscopia após a extração intracapsular da cataracta — Memória apresentada à Acad. Nac. Med. 1935 — (Prêmio Moura Brasil).
184. JACQUES TUPINAMBÁ — Recordando vultos da Oftalmologia Paulista — Arq. Bras. Oft. 18: 107-112, 1955.
185. JACQUES TUPINAMBÁ — Discurso de posse — Arq. Bras. Oft. 11: 18-27, 1948.
186. ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA — A esclerotomia posterior no descolamento da retina — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de S. Paulo — 1955.
187. JOÃO PENIDO BURNIER — Sympathectomia no tratamento do glaucoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1903.
188. JOSÉ PEREIRA GOMES — Estudo clínico do reumatismo tuberculoso articular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1909.
189. ARISTIDE CORRÊA RABELLO — Perturbações oculares na hysteria — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1914.
190. Necrológio do Dr. Francisco Amêndola — Arq. Bras. Oft. 27: 54, 1964.
191. AURELIANO CARLOS FONSECA — Do reumatismo articular e da ação de certas substâncias medicamentosas em seu tratamento — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1917.
192. J. PEREIRA GOMES — Aspectos históricos da fundação da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo — Arq. Bras. de Oftal. 22: 142-148, 1959.
193. CARLOS PENTEADO STEVENSON — Da tarsectomia — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1920.

194. EUTYCIO LEAL — Diagnóstico da peste — Fac. Med. da Bahia — Tese de doutoramento. 1909.
195. WALDEMAR RANGEL BELFORT MATTOS — As sarcophagas de S. Paulo — Tese de doutoramento — Fac. Med. de S. Paulo — 1919.
196. DELIA FERRAZ — Semiologia da pupilla — Tese de doutoramento — Fac. Med. de S. Paulo — 1919.
197. WALDEMAR BELFORT MATTOS — Dez annos de cirurgia ocular — Memória apresentada à Acad. Nac. Med. Prêmio Moura Brasil de 1930.
198. WALDEMAR BELFORT MATTOS — Bibliografia Oftalmológica Brasileira — Arq. Bras. Oft. 3: 162, 1940.
199. JOSÉ MENDONÇA DE BARROS — Os sais de ouro na therapêutica da lepra, com referência especial às complicações oculares. Contribuição ao seu estudo — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de S. Paulo — 1934.
200. JOSÉ MENDONÇA DE BARROS — A propósito da lepra ocular — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de S. Paulo — 1948.
201. JOSÉ MENDONÇA DE BARROS — Aspectos clínicos do comprometimento ocular da lepra — Memória à Acad. Nac. Med. Prêmio Moura Brasil — 1939.
202. DURVAL PRADO — Diathermocoagulação no tratamento da conjunctivite granulosa — Tese de doutoramento — Fac. Med. de S. Paulo — 1934.
203. DURVAL PRADO — Heteroforias — Tese para Livre Docência — Fac. Med. de S. Paulo — 1942.
204. DURVAL PRADO — Noções de óptica, Refração Ocular e Adaptação de Óculos. Prêmio Moura Brasil da Acad. Nac. Med., (194) depois publicado — Ed. Mario M. Ponzini & Cia. S. Paulo, 1942.
205. LEONIDAS DO AMARAL FERREIRA — Acumetria — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1916.
206. Homenagem ao prof. Leonidas do Amaral Ferreira — Rev. Bras. Oft. 17: 5-6, 1958.
207. DEUSEDIT COELHO DUARTE — Ligeiras considerações sobre o trachoma e seu tratamento — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1918.
208. ISAAC SALAZAR DA VEIGA PESSOA — Contribuição ao estudo da tuberculose ocular — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1911.
209. FRANCISCO DA FONSECA FIGUEIREDO FILHO — Iontisação medicamentosa no trachoma — Tese de doutoramento — Fac. Med. da Bahia — 1919.
210. MARIO DE GOES E VASCONCELOS — Contribuição ao estudo das úlceras serpiginosas (typicas e atypicas) da córnea — Tese de doutoramento — Fac. Med. do Rio de Janeiro — 1910.
211. Necrológio do prof. Francisco Figueiredo — An. VI Congr. Bras. Oft. pgs. 5-6, 1949.

APÊNDICE

Relação das Teses sobre Oftalmologia ou subscritas por futuros Oftalmologistas, existentes na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Rio de Janeiro — Ilha do Fundão (e algumas não existentes).

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (depois FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL, hoje FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO).

- 1840 — JOAQUIM CARDOSO DOS SANTOS JUNIOR — A fistula lacrymal.
- 1841 — FRANCISCO LOPES DA CUNHA JUNIOR — A operação de cataracta pelo ANTONIO LUIZ DA CUNHA MANSO SAIÃO — Iritis aguda, Chronica e syphilitica abaixamento.
- 1842 — ROBERTO JORGE HADDOCK LOBO — A operação do tumor e fistula do sacco lacrymal.
BRAZ DIAS MATTA — A conjunctivite.
- 1844 — JOÃO DIAS FERRAZ LUZ — A operação da pupilla artificial ou coreomphose.
- 1845 — JOÃO PIRES FARINHA — Strabismo e sua operação.
BENTO JOSÉ MARTINS — Dissertação sobre a operação de strabismo.
JOSÉ MAZZINI — Da keratite superficial, intersticial e profunda.
JULIO HENSLER — Da cataracta e dos diferentes methodos de operal-a.
- 1849 — JOSÉ DA CUNHA PINHEIRO — Algumas considerações acerca da conjunctivite bienorrhagica.
- 1850 — JOSÉ LOURENÇO CASTRO E SILVA — Ligeiras observações sobre algumas enfermidades dos órgãos anexos ao globo ocular e a ophtalmia em geral.
- ANTONIO OLINTHO PINTO COELHO DA CUNHA — A cataracta.
JOÃO NEPOMUCENO DIAS FERNANDES — Extirpação do globo ocular.
- 1851 — JOSÉ THEODORO DA SILVA AZAMBUJA Das lesões que reclamão o emprego da pupilla artificial.
- 1852 — FRANCISCO BONIFÁCIO ABREO — De chirurgo et de oculorum suffisione (Tese para professor).
JOAQUIM FLORIANO GODOY JUNIOR — Tratar dos casos que reclamão a extirpação do globo ocular
LEOPOLDO NOBREGA — Da cataracta — seus meios curativos em geral e em particular d'aquelle que oferece mais vantagem.
- 1853 — JOSÉ ANTONIO DE ANDRADE — Das lesões que reclamão a formação da pupilla artificial. Quaes os methodos e processos porque esta operação pode ser practicada?
HERCULANO JOSÉ OLIVEIRA MAFRA — Tratar dos casos que indicam extirpação.
JOÃO STOPPANI — Da ophtalmia purulenta dos recém-nascidos.
- 1854 — MANOEL PINTO DA SILVA TORRES JUNIOR — Tratar dos casos que indicão a extirpação do globo ocular e dos methodos e processos porque se pode practicar esta operação.
- 1855 — PEDRO BAYLET — Algumas considerações sobre a operação de cataracta.
A. SAULNIER DE PIERRELEVÉE — Do pterygio sua natureza, seu tratamento.
BALDUÍNO JOAQUIM DE MENEZES — Ophtalmia bienorrhagica.
- 1856 — ANTONIO DAVID CANAVARRO — A operação da fistula lacrymal.

- CHRISTOVÃO GAYLEARD — Dissertação sobre glaucoma.
- 1857 — MATHIAS LEX — Irites chronicas cum atresia totalis (iridocapsulari). Iridectomia optime sanatur. (Tese de Revalidação). JOAQUIM DE PAULA SOUZA — Symptomata e diagnóstico da cataracta.
- 1958 — MANOEL GAMA LOBO — Tratar da morte aparente ou real. Dos enterramentos precipitados. MANOEL DA COSTA LIMA E CASTRO — Quaes os casos que reclamão a operação de cataracta e qual o melhor meio de a praticar. JOSÉ ANTONIO DA SILVA URURAI — Operação da pupilla artificial. MANOEL JOSÉ DE CASTRO CALDAS — Ophthalmia blenorragica.
- 1859 — BELARMINO CORRÊA DE OLIVEIRA E ANDRADE — Quaes os casos que reclamão a operação de cataracta e qual o melhor meio de a praticar.
- 1863 — CARLOS PEDRAGLIA — Dissertação sobre os phenomenos da refracção e accomodação do olho humano (Revalidação).
- 1865 — ALEXANDRINO FREIRE DO AMARAL — Tumores da orbita. PHILIPPE PEREIRA CALDAS — Do ophthalmoscopio. ANTONIO JOSÉ DE LIMA CASTELLO BRANCO — Do ophthalmoscopio em relação ao diagnostico das molestias cirurgicas. THOMÉ MARIA CAVALCANTI — Dos serviços que o ophthalmoscopio pode prestar à cirurgia oclística. JOSÉ PINTO DO REGO CESAR — Do strabismo, e das operações empregadas para cural-o. LUIZ FERREIRA LEMOS — Tumores e fistulas lagrymaes (seu tratamento).
- 1866 — CARLOS ANTONIO DE PAULA COSTA — Iridectomia. PEDRO DANSEREAU — A cataracta. ILARIO SOARES GOUVEA — Do glaucoma. FRANCISCO MARCONDES ROMEIRO — Do glaucoma.
- 1867 — JOSÉ ANTONIO PORTO ROCHA — Irite.
- 1868 — FERNANDO PIRES FERREIRA — Breves considerações sobre as applicações da iridectomia ao tratamento da cataracta. (Revalidação).
- 1869 — VICENTE CYPRIANO DE MAIA — Operações reclamadas pela cataracta. CYPRIANO DE FRANÇA MASCARENHAS — Operações reclamadas pela cataracta.
- 1870 — ISRAEL RODRIGUES BARCELLOS FILHO — Iridectomia. JOÃO BAPTISTA LAPER — Iridectomia.
- 1871 — DIOGO GARCEZ PALHA DE ALMEIDA — Iridectomia. ANTONIO EMILIANO DE SOUZA CASTRO — Corpos estranhos do globo ocular.
- 1872 — JOAQUIM ANTONIO DA CRUZ — Operações reclamadas pela cataracta. CARLOS AMAZONIO FERREIRA PENNA — Ophthalmia sympathica. MANOEL DE SÁ BARRETO SAMPAIO — Operações reclamadas pela cataracta.
- 1873 — TELASCO LOPES DE GOMENSORO — Molestias do sacco lacrymal. GALDINO EMILIANO DAS NEVES SOBRINHO — Molestia do sacco lacrymal.
- 1874 — JOSÉ LOURENÇO DE CASTRO E SILVA — Ophthalmia dita rheumatica (revalidação).
- 1875 — JOAQUIM JOSÉ DA FONSECA JUNIOR — Operações reclamadas pela cataracta. PEDRO ADOLPHO ROSTGAARD BRUNN GAD — Das affecções sympathicas do olho (Revalidação).
- 1876 — FREDERICO VALENTIM LUIZ BIER — Pathogenia do glaucoma (Revalidação).
- GENUINO MARQUES MANCEBO — Operações reclamadas pela cataracta.
- 1877 — ARTHUR BAPTISTA DE CASTRO — Do entropio e do ectropio. JOÃO HENRIQUE FERNANDES VEIGA — Do jaborandi.
- 1878 — FERNANDO ABBOT — Do jaborandi.
- 1879 — ATALIBA FLORENCE — Sobre as bacterias do puz azul (Revalidação). ANTONIO MILWARD D'AZEVEDO — Contribuição para o estudo das irites serosas. DAVID BENEDICTO OTTONI — Beriberi (Defendida na Fac. Med. da Bahia).
- 1881 — HONORIO OLYMPIO MACHADO — Molestias da retina.
- 1882 — CARLOS GROSS — Do strabismo. JOSÉ CORREA DE MELLO BITTENCOURT — Da influencia do curativo de Lister nas septicemias cirurgicas. NEREO MACACIO DE MORAES GUERRA — Do strabismo. EUZEBIO DE QUEIROZ CARNEIRO MATTOSO — Do diagnóstico e tratamento da paralyssia agitante. JOSÉ CANDIDO DE SOUZA VIANNA -- Do strabismo.
- 1883 — ANTONIO FREIRE DE MATTOS BARRETO — Conjunctivite purulenta dos recém-nascidos. FRANCISCO COELHO GOMES — Estudo clinico da conjunctivide granulosa. JOAQUIM MARIANO BAYMA DO LAGO — Estudo clinico da conjunctivide granulosa. JOAQUIM XAVIER PEREIRA DA CUNHA — Importancia do tratamento antiseptico na cirurgia ocular. ANTONIO NEVES DA ROCHA FILHO — Do glaucoma primitivo.
- 1884 — JOÃO BIRNFELD JUNIOR — Da conjunctivite purulenta dos recém-nascidos. NESTOR FRONTALINO FREIRE DE CARVALHO — Do glaucoma primitivo. NICOLAO NETTO CARNEIRO LEAO — Contribuição ao estudo dos efeitos therapeuticos da pilocarpina. THEODOMIRO DE SOUZA SALLES — Estudo clinico da conjunctivite granulosa.
- 1885 — DIOCLECIO PATRICIO DE AZAMBUJA — Da conjunctivite purulenta dos recém-nascidos. Sua prophylaxia e tratamento. JOÃO CORREA DO LAGO — Da conjunctivite purulenta dos recém-nascidos. MANOEL FRANCISCO CORREA LEAL JUNIOR — Do strabismo paralytico. PEDRO DE ALBUQUERQUE RODRIGUES — Estudo critico dos methodos propostos para a operação de cataracta. JOSÉ DA SILVA SARDINHA JUNIOR — Conjunctivite purulenta dos recém-nascidos.
- 1886 — ANTONIO DO O' D'ALMEIDA FILHO — Ophthalmia sympathica. JOAQUIM RIBEIRO DE CASTRO — Irite-Suas causas e tratamento. ARISTIDES DA SILVEIRA LOBO SOBRINHO — Descollamento da retina.
- 1887 — THEODORO DA SILVA BAYMA — Molestias oculares que indicam a enucleação. ANTONIO JORGE D'AVILA CAVALCANTI — Anesthesia nas operações oculares. ANTONIO ALVES MESQUITA JUNIOR — Glaucoma. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES — Glaucoma. JOSÉ GOMES DA SILVEIRA — Blepharoplastia. JOÃO GAMA CASTRO — Amblyopias toxicas.
- 1888 — GEMINIANO DE LYRA CASTRO — Cataractas e seu tratamento. ARTHUR MORAES JAMBEIRO COSTA — Anesthesia local.

- EDUARDO GOMES FIGUEIRA — Da pilocarpina e seus usos.
- 1889 — JOAQUIM SILVEIRA DE MENDONÇA SO-
DRE — Astigmatismo.
- IGNACIO BUENO DE MIRANDA — Beri-
beri, sua pathogenia e tratamento.
- 1890 — HEITOR BARRETO MURAT — Staphylo-
mas e seu tratamento.
- GUILHERME ALVARO DA SILVA — Pro-
phylaxia e tratamento da conjunctivite pu-
rulenta dos recém-nascidos.
- 1890 — NUNO ALVARES RODRIGUES BAENA —
Das conjunctivites.
- JOAQUIM BAPTISTA DA COSTA — Des-
collamento da retina e seu tratamento.
- OCTAVIO DE ALMEIDA ANTUNES GUI-
MARÃES — O melhor processo para a ex-
tração das cataractas.
- HONORATO ALVES — Etiologia da lepra.
- 1892 — JOSÉ AUGUSTO GOMES ANGELIM — Es-
tudo clinico da conjunctivite granulosa.
- 1894 — LUIZ AUGUSTO DE PAULA — Alterações
musculares do estrabismo convergente.
- MANOEL THOMAZ TEIXEIRA JUNIOR —
Do jaborandy.
- 1895 — HECTOR OLIVEIRA ADANES — Ophtal-
moplegias.
- PEDRO JOSÉ DE MIRANDA — Panopthal-
mia.
- 1896 — Não há teses arquivadas. Entretanto, nes-
te ano existe pelo menos a de
JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO — A
oculistica perante a pathologia.
- 1897 — DIOGO MARTINS FERRAZ.
- 1898 — JOÃO DA GAMA CASTRO — Cataractas
congenitas — (Tese para professor substi-
tuto).
- MARIO FERREIRA DA COSTA — Da ble-
pharoplastia.
- JOÃO LEOPOLDO DA ROCHA FRAGOSO
— Amblyopias toxicas.
- JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO — Estu-
do physico-quimico da nutrição ocular —
(Tese para lente substituto).
- MANOEL FRANCISCO CORREAL LEAL
JUNIOR — Processos objetivos da optome-
tria — (Tese para lente substituto).
- HENRIQUE FIGUEIREDO VASCONCEL-
LOS — Tratamento do strabismo concomi-
tante.
- 1899 — THEODULO SOARES DE MEIRELLES —
Breves considerações sobre o aparelho lac-
rymal e a dacryocistite congenita.
- 1900 — METON DA FRANCA ALENCAR FILHO
— O estudo da herança em ophthalmologia.
- ANTONIO EMILIANO DE SOUZA CASTRO
— Do reflexo pupilar e seu valor semiotico.
- ERNESTO DE TOLEDO BANDEIRA DE
MELLO — Tratamento do glaucoma primi-
tivo.
- 1901 — JOSÉ CARDOSO DE MOURA BRASIL FI-
LHO — Da extracção da cataracta simples
sem iridectomia.
- OCTAVIO DO REGO LOPES — As afecções
oculares por endo-infecção.
- JOÃO ALVES PONTUAL — Da ophthalmia
purulenta e seu tratamento.
- 1903 — Não existe nenhuma tese. Entretanto, nes-
te ano há pelo menos uma:
JOÃO PENIDO BURNIER — Sympathectomia
no tratamento do glaucoma.
- 1904 — LUIZ SOARES DE GOUVEA JUNIOR —
Complicações oculares da variola.
- FRANCISCO BORGES RAMOS — Da astig-
mia.
- 1905 — LAFAYETTE RODRIGUES DE BARROS —
Valor do calor e do frio em oftalmologia.
- PELAGIO FURTADO DE BARROS — Con-
tribuição ao estudo das exophthalmias.
- EDILBERTO DE SOUZA CAMPOS — Cor-
reção optica permanente.
- 1906 — JANGO FISCHER — Localizações iriaes e
irisdiagnose.
- ERMELINDO F. DA CRUZ GONÇALVES —
Da myopia da sua etiologia, complicações
e tratamento. Myopia escolar e hereditarie-
dade da myopia.
- 1907 — ANTONIO BENEVENUTO DE PAULA
FONSECA — Da hemeralopia essencial.
- JAYME GONÇALVES — Semiologia das
ophthalmoplegias.
- ANTONIO GODOFREDO DE MIRANDA —
Prophylaxia do trachoma e seu tratamento.
- CELISA PINHO — Traumatismo do globo
ocular.
- 1908 — JOÃO PAULO DA CRUZ BRITTO — Das
injecções subconjunctivas.
- JOÃO DE CASTRO PACHE DE FARIAS —
Da hygiene ocular nas escolas do Rio de
Janeiro.
- MANOEL GOMES TARLE — Contribuição
ao estudo das causas da cegueira no Rio de
Janeiro.
- 1909 — RAUL DAVID SANSON — A operação de
LAGRANGE para a prothese ocular.
- JOSÉ PEREIRA GOMES — Estudo clinico
do rheumatismo tuberculoso articular.
- 1910 — HEITOR TEIXEIRA DE BODON — Inje-
ções intralacrymaes no tratamento da sy-
philis.
- MARIO DE GOES E VASCONCELLOS —
Contribuição ao estudo das ulceras serpi-
ginosas (typicas e atypicas) da cornea.
- ANTONIO AMADOR ALVARES DA SILVA
— Da exophthalmia no mal de Bright.
- LINNEU SILVA — Contribuição ao estudo
da chamada irite serosa.
- JOÃO LISBOA MEIRA DE VASCONCELLOS
— Contribuição ao estudo da significação
diagnóstica das hemorragias retinianas.
- 1911 — PEDRO CALIXTO ALENCAR — Contribui-
ção ao estudo da extirpação do sacco lacry-
mal como tratamento das dacryocistites.
- CESAR GALVÃO — Da ação do 606 sobre o
aparelho visual e lesões oculares.
- RAUL FERREIRA LEITE — Etiologia,
prophylaxia e tratamento do trachoma.
- LOURIVAL MILANEZ MACHADO — Das
anomalias de desenvolvimento e molestias
congenitas do crystallino.
- ISAAC SALAZAR DA VEIGA PESSOA —
Contribuição ao estudo da tuberculose ocu-
lar.
- HENRIQUE DE BRITO E CUNHA.
- 1912 — AMELIO TAVARES DE MELLO CAVAL-
CANTI — Da hemeralopia.
- JOAQUIM SANTA CECILIA — Atrophia do
nervo optico no alcoolismo, tabagismo e sa-
turnismo.
- ANTONIO MARIA TEIXEIRA — Semiolo-
gia da pupilla.
- 1913 — ARISTIDES GUARANA FILHO — Campo
vizual nos loucos delinquentes.
- RODRIGO DELAMARE LEITE — Da oph-
thalmia purulenta dos recém-nascidos.
- JULITA SAMPAIO ESTELLITA LINS —
Contribuição ao estudo da conjunctivite pri-
maveril.
- RENATO BRANCANTE MACHADO — Con-
tribuição ao estudo do zona ophtalmico.
- 1914 — GABRIEL DE ANDRADE — As vegetações
e seu tratamento.
- MANOEL FRANCISCO CORREA LEAL
NETTO — Das complicações orbito-oculares
nas molestias dos seios da face.
- MAURILO MODESTO MARTINS DE MEL-
LO — Therapeutica das keratites parenchy-
matosas lueticas.
- JOSÉ PARACAMPOS — Os signaes ocula-
res da tabes.
- ARISTIDES CORREA RABELLO — Pertur-
bações oculares na hysteria.

- ADOLPHO RAMIREZ — Da syphilis e da tuberculose associadas em pathologia ocular.
- RAUL DAVID SANSON — Do valor comparativo entre o ophthalmometro de Javal e o keratometro de Sutcliffe (Tese para Livre-Docência).
- ALCIDES MENNA BARRETO PRATES DA SILVA — Contribuição ao estudo da ophthalmia sympathica.
- AMELIO TAVARES — Novo ensaio de tratamento do trachoma (Tese para Livre-Docência).
- JOÃO LISBOA MEIRA DE VASCONCELLOS — Anesthesia local em ophthalmologia (Tese para Livre-Docência).
- 1915 — AUGUSTO MARTINS BARRETO — Ophthalmia purulenta dos recém-nascidos.
- IBRAHIM HABBIB HASHISH — Glioma da retina.
- DORINATO DE OLIVEIRA LIMA — Paralysis do motor ocular commum.
- PLINIO DE BARROS BARBOSA LIMA — Do trachoma no Brasil.
- LUIZ LEITE LOPES — Algumas considerações sobre traumatismos oculares.
- 1916 — LEONIDAS AMARAL FERRIRA — Acumetria.
- JOAQUIM VIDAL LEITE RIBEIRO — Contribuição para o estudo da eliminação dos medicamentos.
- 1917 — BEATRIZ DO AMARAL — Da nevrites opticas, toxi-infectuosas.
- DIOGENES FERREIRA DE LEMOS — O acido picrico em algumas lesões da cornea e da conjunctiva.
- AURELIANO CARLOS FONSEÇA — Do rheumatismo articular e da acção de certas substancias medicamentosas no seu tratamento.
- 1918 — LINCOLN CAIADO DE CASTRO — Das sinusites e suas complicações para o lado da orbita.
- ANTONINO LYRA PORTO — Accidentes oculares do trabalho e avaliação das incapacidades.
- 1919 — MARIO DE SOUZA BARROS — O trachoma LAMARTINE EMILIO BARBOSA — Prophylaxia do trachoma.
- BRENNO GALVÃO — Da extracção da cataracta pelo processo simples.
- JOSÉ FELIX GARCIA — Descollamento da retina e seu tratamento.
- ALBERTO LEONEL GASPAS ORSOLINI — Do entropion. Seu tratamento pelo processo de Lagleyze.
- BENJAMIM CONSTANT DE SOUZA PACHECO — Do pemphigo ocular.
- FLAVIO DE REZENDE RUBIM — Da syndrome oculo pupillar na tuberculose pulmonar.
- 1920 — ARTHUR DE SOUZA MARTINS — O glaucoma e seu tratamento.
- CARLOS PENTEADO STEVENSON — Da tarsiectomia.
- 1921 — Não há nenhuma ficha de teses.
- 1922 — MOACYR EYCK ALVARO — O papel dos animaes caseiros na transmissão das doenças.
- NELSON MOURA BRASIL DO AMARAL — Da cura do trachoma pelo nitrato de hydrargyrio.
- CARLOS MENNA BARRETO — Tratamento cirurgico do glaucoma.
- BOLIVAR DINIZ MASCARENHAS — Tratamento cirurgico do estrabismo funcional.
- 1923 — DARIO RIBEIRO DE AZEVEDO — Sarcoma da choroide.
- CELSO AMARAL FERREIRA — Da cirurgia do sacco lacrymal por via endonasal.
- 1924 — JOSÉ DE ALMEIDA FARIA — Cysticercose ocular.
- ELISIARIO JUNQUEIRA — Pharmacologia dos orgãos de visão. Mydriaticos e myoticos.
- HERACLIO DO REGO LOPES — Anatomia medico-cirurgica das amigdalas.
- IVO CORRÊA MEYER — As injeções de leite nas affecções oculares.
- 1925 — ODILON RAUL ALVES — Operação de West.
- JOAQUIM BARBOSA DE FIGUEIREDO — Heeliotherapia e trachoma.
- FERNANDO RIBEIRO GONÇALVES — Do herpes zoster.
- JOÃO VICTORINO DA SILVA — Do tratamento do glaucoma.
- JOSÉ CANDIDO DA SILVA — Do glaucoma.
- 1926 — JOSÉ DE ARAUJO FABRICIO — Cataractas congenitas.
- MARIO FALLEIROS — Da operação de cataracta com arrancamento capsular.
- ARISTOTELES DE MATTOS FERNANDES — Da cataracta.
- PLINIO PRADO — Do glaucoma ou hydrophthalmio.
- RUY DE CASTRO ROLIM — Da orbita como protecção ao globo ocular.
- 1927 — JOSÉ XAVIER RODRIGUES DA COSTA — Das injeções de leite na ophthalmia purulenta dos recém-nascidos.
- SYNESIO DE MELLO E OLIVEIRA — Do trachoma.
- ANTONIO MIGUEL NOGUEIRA — Affecções das vias lacrymaes. Therapeutica cirurgica.
- JOAQUIM CORREA PORTO — Glaucoma chronico e seu tratamento pela esclerectomia subconjunctival limbica.
- 1922 — ARCHIMEDE BUSACCA — Algumas observações originaes sobre o modo de se comportar da cornea transparente e do humor aquoso nos processos de iridocyclite. Estudos com a lampada de fenda de Gullstrand (Tese de revalidação).
- ARCHIMEDE BUSACCA — A lamina zonular do crystallino (Tese de revalidação).
- DURVAL LIVRAMENTO PRADO — Tratamento cirurgico das cataractas.
- 1930 — SYLVIO ABREU FIALHO — Oscillações nycthemericas do ophthalmotono normal e pathologico (Tese de Livre-Docência).
- 1933 — JOAQUIM DE PAULA XAVIER — Contribuição à cirurgia do pterygio.
- 1950 — GERALDO QUEIROGA — Permeabilidade da cápsula do cristalino (Tese para Livre-Docência).
- 1952 — HERACLIO DO REGO LOPES — Contribuição ao diagnóstico e tratamento cirurgico dos tumores da órbita. (Tese para Livre-Docência).
- 1953 — SYLVIO ABREU FIALHO — Toxoplasmosse ocular. Contribuição ao estudo clinico e experimental. (Tese para a cátedra).
- GERALDO QUEIROGA — Eletroretinograma — ERG — Suas possibilidades clinicas (Tese para a cátedra).
- 1956 — ALMIRO PINTO DE AZEREDO — Reticulo endotelial da membrana uveal — contribuição ao estudo experimental. (Tese para Livre Docência).
- 1958 — ERMIRO ESTEVAM DE LIMA — Nistagmografia. (Tese para Livre-Docência).
- 1963 — CARLOS AMERICO DE PAIVA GONÇALVES — Sobre um novo meio corretor do entropion não cicatricial. (Tese para Livre Docência).
- 1964 — HUMBERTO DE CASTRO LIMA — Estudo sobre a resistência do sistema suspensor do cristalino — (Tese para Livre Docência).

- 1970 — ADALMIR MORTERÁ DANTAS — Estudo anatômico e clínico dos nervos cranianos em neuro-oftalmologia — (Tese para Livre Docência).
- 1974 — LUIZ EURICO FERREIRA — Catarata e glaucoma — Estudo clínico e cirurgia combinada. (Tese para Livre Docência).
- 1976 — ALMIRO PINTO DE AZEREDO — Da sobrevivência do cristalino humano «in vitro» — (Tese para a cátedra).
- LUIZ EURICO FERREIRA — Ceratoplastia experimental em cobaias. (Tese para a cátedra).
- WERTHER DUQUE ESTRADA — Cirurgia do glaucoma congênito — goniotomia, outras opções. (Tese para a cátedra).

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

- 1849 — MARCOS JOSÉ THEOFILO — As doenças dos olhos mais reinantes no Ceará.
- 1854 — ABRAHÃO BRUNO DA COSTA — Breves considerações sobre a amaurose e algumas de suas variedades.
- 1856 — FREDERICO RELAVE — Na operação de cataracta, a que processo devemos dar preferenciais: à extracção ou ao abaixamento? JOÃO JAYME ANATOLIO RAUMAGE — Só proposições gerais. (Revalidação).
- F.P.d' ALMEIDA SEBRAO — A operação da pupila artificial.
- JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES — Pode a mulher conceber sem ter sido antes menstruada?
- 1865 — EGAS CARLOS MONIZ SODRÉ ARAGÃO — Visão.
- 1867 — MANOEL IGNACIO LISBOA — Tumores lacrymaes e seu tratamento.
- MANOEL ANACLETO CARNEIRO DA ROCHA — Vantagens da extracção sobre a depressão na operação da cataracta. (Revalidação).
- 1868 — FRANCISCO SANTOS PEREIRA — Aneurismas espontaneos e seu tratamento.
- 1869 — JOÃO DA ROCHA MOREIRA — Fistula lacrymal e seu tratamento.
- 1871 — ANTONIO ARAUJO BASTOS — Fistula lacrymal e seu tratamento.
- CARLOS LUDOVICO DROGNAT SANDRÉ — Da iridectomia e sua applicação — (Tese de revalidação).
- 1872 — JOSÉ CARDOZO MOURA BRAZIL — Tratamento cirurgico da cataracta.
- AURELIANO MACRINO PIRES CALDAS — Tratamento cirurgico da cataracta.
- ADOLF GSCHWENDER-OSWALD — Da amblyopia nicotica. (Revalidação).
- CARLOS SCHMIDT — Da operação de cataracta.
- JOÃO FERREIRA DA SILVA — Tratamento cirurgico da cataracta.
- 1873 — ANTONIO BRUNO DA SILVA MAIA — Qual o methodo preferivel na operação de cataracta?
- 1876 — JUVENAL DE OLIVEIRA ANDRADE — Ophtalmia purulenta.
- AURELIANO TEIXEIRA GARCIA — Cataracta e seu tratamento.
- 1878 — VICTOR DE BRITTO — Pustula maligna: sua curabilidade.
- MANOEL DE MORAES BITTENCOURT — Keratite e seo tratamento.
- HENRIQUE GUEDES DE MELLO — Pathogenia do diabetes saccharino.
- ARTHUR GRATO ALVES CARNAUBA — Keratites e suas variedades.
- 1879 — ANTONIO CARLOS DOS REIS ARAUJO — Fistula lacrymaes e seu tratamento.
- 1880 — JOAQUIM AUGUSTO LANA — Das molestias da cornea transparente.
- JOSÉ BONIFACIO DE MEDEIROS — Das molestias da cornea trasparente.
- 1881 — ALFREDO FERREIRA DE BARROS — Das affecções glaucomatosas. Influencia da iridectomia no seo curativo.
- PEDRO DA LUZ CARRASCOSA — Do jaborandi — sua historia natural, acção physiologica e applicações therapeuticas.
- JOÃO PEREIRA DA COSTA — Mesmo titulo da anterior.
- JOSÉ DE MENDONÇA MATTOS MOREIRA — Idem, idem.
- 1883 — ARGOMIRO RODRIGUES GERMANO — Fistulas lacrymaes e seu tratamento.
- VENANCIO FERREIRA DE LIMA — Do jaborandi — sua historia natural, acção physiologica e applicações therapeuticas.
- OSCAR DE NORONHA — Fistulas lacrymaes e seu tratamento.
- 1885 — MANOEL FRANCELINO BARBOSA — Conjunctivite granulosa.
- JOÃO FERREIRA CALDAS — Ophthalmia granulosa.
- ERNESTO TORRES COTRIM — Do jaborandi — sua historia natural, acção physiologica e applicações therapeuticas.
- IGNACIO MONTEIRO DE ALMEIDA GOUVEIA — Do jequirity.
- FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA — Affecções oculares sympathicas — (Tese para a cátedra).
- JOAQUIM DA SILVA TAVARES FILHO — Do jaborandi — sua historia natural, acção physiologica e applicações therapeuticas.
- JOÃO GUSTAVO DOS SANTOS — Da tuberculose e o bacillo de Koch (Revalidação).
- 1886 — EDUARDO GORDILHO COSTA — Glaucoma — (Tese para a cátedra).
- ANNIBAL PEREIRA DA SILVA LIMA — Estructura da retina e suas relações histologicas com o nervo optico.
- ONOFRE DIAS LADEIRA — Do jaborandi — sua historia natural, acção physiologica e applicações therapeuticas.
- LUIZ SERRA MORAES REGO — Mesmo titulo.
- PEDRO AURELIANO MONTEIRO DOS SANTOS — Idem, idem.
- 1887 — JOSÉ DOMINGUES ANDRADE — Idem, idem.
- ALBERTINO RODRIGUES DE ARRUDA — Idem, idem.
- OCTAVIANO FERREIRA DA COSTA — Idem, idem.
- ARTHUR MORAES JAMBEIRO COSTA — Anesthesia local.
- 1888 — ALEXANDRE TUPINAMBÁ — Da operação de cataracta e do estudo critico dos processos empregados.
- 1890 — JOSÉ SPINOLA DE ATHAYDE — Pathogenia da myopia.
- THEOBALDO DE CASTRO MEIRA — Da operação de cataracta e do estudo critico dos processos empregados.
- JOSÉ BOTELHO VELOSO — Da cegueira congenita.
- 1891 — HUGO DE CARVALHO — Hemianopsia e seu valor clinico.
- 1892 — JOÃO BERGAMO DE BARROS PALACIO — Do glaucoma primitivo.
- 1893 — EPAMINONDAS JACOME — Affecções oculares sympathicas.
- 1894 — RODOLPHO JATAHY — Myopia e seu tratamento.
- OROZIMBO RIBEIRO DA SILVA — Conjunctivite purulenta.
- 1895 — MANOEL BARRETO LINS — Estudo sobre o pterygion.
- 1897 — OCTAVIO ACCIOLY DE AGUIAR — Da anesthesia em cirurgia ocular.

- FLORO DA SILVEIRA ANDRADE — Irite e seu tratamento.
 AMERICO DUARTE FERREIRA — A visão no puerperio.
 PACIFICO CARLOS PINA GUIMARAES — Ophthalmia granulosa.
- 1898 — VIRGILIO DE AQUINO BRAGA — Da observação sobre o reflexo pupillar e corneo durante a chloroformização.
 ALCIDES BRASIL DE OLIVEIRA GOES — Da ophtalmia purulenta dos recém-nascidos.
 BRUNO DE MIRANDA VALENTE — Afecções glaucomatosas e seu tratamento.
- 1899 — JUVENCIO DA SILVA GOMES — A massagem em ophthalmologia.
- 1900 — JOAQUIM MOREIRA SAMPAIO — Myopia.
 ANTONIO PEREIRA DA SILVA MOACYR — Ulcera infectuosa da cornea.
 JOSÉ DE SOUZA PONDE — Contribuição ao estudo da hypertrophia da prostata e seu tratamento.
- 1902 — AFFONSO DE CASTRO TANAJURA GUIMARAES — Estudo sobre a hemeralopia idiopathica e seu tratamento pela opotherapy.
 PEDRO CALIXTO DE MELLO — Estudo sobre a etiopathogenia e tratamento da ophtalmia sympathica.
 DARIO JOSÉ PEIXOTO — Enucleação do globo ocular e operações propostas para a substituir.
 JOSÉ FRANCISCO JORGE DE SOUZA — Perturbações oculares no puerperio.
 LUIZ DA SILVA TAVARES SOBRINHO — Da ophtalmia purulenta e seu tratamento.
- 1903 — ARMANDO BELLO BARBEDO — Da adrenalina em ophthalmologia.
 JOÃO DOURADO DE CERQUEIRA BIAO — A keratite heredo-syphilitica, sua etiopathogenia, symptomatologia e tratamento.
 ALFREDO OCTAVIANO DANTAS — Estudo do trachoma e seu tratamento.
 OCTAVIO JOAQUIM COSTA DA SILVA — Influencia das molestias geraes sobre a etiopathogenia das keratites parenchymatosas diffusas.
- 1904 — ALBERTO MARIZ PINTO — Dos disturbios oculares do paludismo.
 JOAQUIM RIBEIRO DA FROTA — Ulcera infecciosa da cornea.
 FRANCISCO DE BARROS PIMENTEL FRANCO JUNIOR — Das choroidites.
- 1905 — JOSÉ MARQUES REIS JUNIOR — O ophthalmoscopia perante a medicina.
 OLYMPIO DA SILVA MIRANDA — Amblyopia toxica.
- 1906 — EDMUNDO DE CARVALHO — Campo Visual dos epilepticos.
 EZEQUIEL ANTUNES DE OLIVEIRA — A syphilis dos olhos.
- 1907 — HILDEBRANDO DE FREITAS JATOBA — Contribuição ao estudo da mortalidade infantil na Bahia.
- 1907 — REGINALDO RAMOS COSTA — Estudo clinico do trachoma.
 JOSÉ MENDES DINIZ DA GAMA — Tuberculose ocular.
 PAULO FERREIRA LINS — Hygiene ocular.
- 1908 — LUIZ DE LIMA BITTENCOURT — Valor da semiologia ocular da molestia de Duchenne e sua importancia diagnostica no estado pré-ataxico.
 RAUL ROCHA DE MEDEIROS — Algumas experiencias sobre o emprego do electrargol em ophthalmologia.
- 1909 — JOSÉ DE SEIXAS MAIA — Das ophtalmoplegias.
 CONSTANCIO MARTINS SAMPAIO — Syn-
- drome ocular da demencia precoce e da paralytica.
 ALMIRO DE LIMA GODINHO-SANTOS — Ligeiro estudo clinico do glaucoma.
 OSCAR SAMPAIO VIANNA — Dos traumatismos oculares e suas consequencias.
- 1910 — ROGACIANO JOAQUIM DOS SANTOS — Ligeiras considerações sobre o estudo etiopathogenico e tratamento da ophtalmia sympathica.
 ANTONIO OLARICO DOS SANTOS — Considerações geraes sobre o trachoma especialmente sobre o tratamento medico-cirurgico.
 GILBERTO FRAGA ROCHA — Estudo medico das lunetas e pince-nez.
 ADRIANO VAZ PORTO — Da extirpação do sacco lacrymal.
 FREDERICO LEAL DE BITTENCOURT — Tratamento do glaucoma.
- 1911 — AMPHILOPHIO DE MELLO E ALBUQUERQUE — Prophylaxia ocular.
 FRANCISCO DE SALLES GOMES — Histórico, tratamento e prophylaxia do trachoma.
 JOSÉ PEDREIRA DE FREITAS — Semiologia da pupilla.
- 1912 — ALCIDES DE FREITAS — Da lagrima.
 EUTYCHIO LEAL — Diagnostico da peste.
 MANOEL CEZAR DE GOES MONTEIRO — Panophthalmias.
 WALDEMAR MATHEUS SALVINO PINHO — Da myopia, sua hygiene e seu tratamento.
 ADALGISO FERREIRA DE SOUZA — Syphilis do globo ocular e seu tratamento pelo 606.
- 1913 — JOÃO CEZARIO DE ANDRADE — Glaucoma primitivo.
 ALBERTO LINS COELHO DA PAZ — Ligeiras considerações sobre a cataracta e seu tratamento.
- 1914 — EUGENIO DAVID — Prophylaxia da myopia.
 JOSÉ DE SOUZA PONDE — A inspecção oculistica das escolas de S. Salvador. (Tese para a cátedra).
 JOSÉ FELIX RIBEIRO — Estudo sobre o trachoma.
- 1915 — RAYMUNDO CHAVES DE FREITAS — Da tuberculose ocular e seu tratamento pelas tuberculinas.
 JOSÉ FURTADO FILHO — Contribuição ao estudo das conjunctivites na Bahia.
- 1916 — JOAQUIM FERNANDES TELLES — Da pupilla e da papilla do alienado.
 GUILHERME PEREIRA REBELLO JUNIOR — Ophtalmopathias em neuropathologia.
- 1917 — AGENOR CARVALHO DE MAGALHÃES — Ligeiras considerações sobre alguns casos de irites não syphiliticas.
- 1918 — ARTHUR GONÇALVES DE AMORIM — Ligeira contribuição ao estudo das nevrites e atrophias do nervo optico.
 DEUDEDIT COELHO DUARTE — Ligeiras considerações sobre o trachoma e seu tratamento.
 ANGELO CUSTODIO LEITE PEREIRA — Necrophtalmognose.
- 1919 — WALTER WELCOME WOOD — O olho — sua forma e estrutura.
 ALOYSIO TEIXEIRA — Keratites ulcerosas e seu tratamento.
 FRANCISCO FONSECA FIGUEIREDO FILHO — Iontisação medicamentosa no trachoma.
 GUILHERME GAMA DE ARAUJO RAMOS — Ligeiras considerações sobre a keratoconjunctive phlyctenular.
 LUIZ COELHO ALVES DA SILVA — Cataracta polar anterior. (Autoobservação).

- 1921 — ADOLPHO BOTELHO SEIXAS — Ligeiras considerações sobre a nevrite optica com edema papilar.
- 1922 — RAYMUNDO DE MATTOS PEDREIRA DE CERQUEIRA — Ligeiras considerações sobre a dacryocistite e seu tratamento.
- 1923 — JOSA MAGALHAES — Considerações sobre o estrabismo e seu tratamento cirurgico. JULIANO CALAZANS SIMÕES — Reflexos pupillares e seu valor semiológico em psychopatas.
- 1929 — PEDRO CERQUEIRA FALCÃO — Syndrome glaucomatosa. CYRO CARNEIRO LEAL — Em torno de fistulas orbitarias. JOSEPHINA PEIXOTO — A frequencia do glaucoma na raça negra na Bahia.
- 1930 — RAYMUNDO DE MOURA FÉ — Considerações sobre a prophylaxia do trachoma no Piahy. FERNANDO LEITE — Trachoma e sapyranga no Cariry. RAYMUNDO OCTACILIO DE LIMA — Diathermia medica e cirurgica no tratamento do trachoma.
- 1933 — ORLANDO DE CASTRO LIMA — Estados constitucionais em rinolaringologia.

FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE, hoje FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.

- 1926 — LUIZ GABRIEL FAYET — Semiologia da pupilla nas affecções do systema nervoso.
- 1927 — JOÃO LUCHSINGER BULCÃO — Do valor do tratamento cirurgico na cura do estrabismo.
- 1954 — REINALDO FERNANDO COSER — Plástica da cavidade ocular.

FACULDADE DE MEDICINA DE BELO HORIZONTE, hoje FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.

- 1924 — ELVEZIO PIRFO — Cysticercose ocular — (Revalidação).
- 1938 — HILTON RIBEIRO ROCHA — Sobre a pressão da artéria central da retina — (Tese para Livre Docência).
- 1949 — GERALDO QUEIROGA — Membranas vítreas da rotina — (Tese para Livre Docência).
- Além destas que constam na Biblioteca da Ilha do Fundão, podemos reunir:
- 1915 — LINNEU SILVA — Em torno de um caso de syphiloma inicial ocular. Subsidio à sua casuística. (Tese para a cátedra).
- 1916 — JOAQUIM SANTA CECILIA — Cataracta traumatica e seu tratamento — (Tese para professor substituto).
- 1924 — CASIMIRO LABORNE TAVARES — Trachoma, problema medico-social. (Tese para Livre Docência).
- 1939 — GERALDO QUEIROGA — Irido-esclerectocicliólise.
- 1942 — HILTON RIBEIRO ROCHA — O ângulo da câmara anterior — (Tese para cátedra).
- 1949 — GERALDO QUEIROGA — Membranas vítreas da retina — (Tese para Livre Docência).
- 1973 — LUCIA CARVALHO DE VENTURA URBANO — Estudo do senso cromático nas ambliopias: refracional e estrabimica.
- 1974 — OSVALDO TRAVASSOS DE MEDEIROS — Estudo biomicroscópico e imunológico da ceratoplastia experimental em coelhos com córneas autólogas e homólogas frescas e conservadas em câmara úmida.

- LUIZ ROBERTO MELO DE OLIVEIRA — Flebografia orbitária normal.
- 1975 — MARIA DE NAZARÉ TRINDADE MARQUES — Discromatopsia hereditária protandean. Estudo genético: dermatoglia, enzima glicose-6 fosfato dehidrogenase e grupo sanguíneo Xga. FERNANDO ORÉFICE — Alguns aspectos clínicos e laboratoriais do glicerol oral. (1a. — 1966; revalidação).
- JOÃO ORLANDO RIBEIRO GONÇALVES — Medida da pressão intraocular em «Tredeleburg» como teste de sobrecarga no glaucoma — (1a. — 1968 — Revalidação).
- LOURIVAL FRANCO DE SÁ FILHO — A perimetria estática em olhos ambliopes com fixação central.
- LUIZ CESAR GALVÃO DE QUEIRÓS — Repercussões de applicações de crio e diatermia na região equatorial do bulbo ocular sobre a inervação autônoma colinérgica da úvea anterior. Estudo histoquímico em coelhos.
- 1976 — LUIZ-EURICO FERREIRA — Perfil linfocitário, dosagem de imunoglobulinas e pesquisas «in vitro» da sensibilidade em glaucomatosos. JACÓ LAVINSKI — Uveite experimental com virus do herpes simplex (VHS I) em cobaias: estudo clínico e imunológico. ROBERTO LORENS MARBACK — Estudo histoquímico do músculo ciliar de sagüis. LEOPOLDO PACINI NETO — Contribuição ecográfica do diagnóstico diferencial dos deslocamentos da retina.
- 1977 — JOSÉ EWERTON DE ALMEIDA HOLANDA — Adaptometria: contribuição ao estudo da adaptação à obscuridade nas ambliopias: estrábica e refracional. HOMERO GUSMÃO DE ALMEIDA — Retinopatia diabética — Em face da pressão intraocular e das pressões arteriais (braquial e oftálmica). JOÃO AGOSTINI NETO — Estudo «in vitro» da retina, cultura de retinas adultas de suínos. JOEL EDMUR BOTEON — Estudo biomicroscópico, imunológico e histopatológico da ceratoplastia interlamelar de galinha em cobaia. Efeito do transplante de pele sobre a rejeição. IVAN LAGE — Estudo biomicroscópico, imunológico e histopatológico dos efeitos ao estímulo inespecifico do BCG sobre xenoxerto interlamelar de córnea de galinha em cobaia.
- 1978 — PAULO MANDELSTAM FERNANDEZ — Cataratas congénitas e aminoacidúria. ROGERIO DA ROCHA LACERDA — Uveite experimental em cobaias com antígeno retiniano homólogo e heterólogo; estudo imunológico. JOÃO BATISTA LOPES FILHO — Efeitos da crio-aplicação sobre a musculatura extrínseca ocular de coelhos. Estudo histopatológico. YEHUDA WAISBERG — Considerações sobre a curva diária de pressão intraocular realizada com sete medidas. Proposta de simplificação do exame. EDI STILVER CARDOZO CABRAL — Retinas normais e diabéticas. Contribuição ao estudo da retina digerida. ANTONIO CARLOS LOPES CHAVES — Barreira hêmatocular no pós-operatório do descolamento da retina. PAULO GUSTAVO GALVÃO — O transplante de córnea. HENDERSON CELESTINO DE ALMEIDA — Correção cirúrgica das síndromes em «A» e «V».

- EMYR FRANCISCO SOARES — Repercussão das técnicas retinopéxicas sobre a inervação autônoma adrenérgica da úvea anterior, estudo experimental em coelhos albinos.
- CHRISTIANO FAUSTO BARSANTE SANTOS — Aspectos imunológicos da retinopatia diabética.
- PAULO FERRARA DE ALMEIDA CUNHA — Ceratocone e lente de contato.
- FRANCISCO MANOEL MARQUES MARIÑO — Fundo de olho dos recém-nascidos.
- LUIZ KAZUO KASHIWABUCHI — Estudo clínico da exotropia intermitente.
- CLEBER JOSÉ GODINHO — Ceratoplastia e imunossupressão por corticoterapia.
- MARCIO SOTTO MAIOR — Queimadura ocular experimental por álcalis. Emprego de três substâncias inibidoras da colagenase. Estudo biomicroscópico e histopatológico.
- GELMIRE MACHADO DE ARAUJO — Aspectos imunológicos da degeneração tapetoretiniana.
- CAIO MANSO FRANCO DE CARVALHO — Estudo da ação da cyclophosphamida no transplante de córnea em cobaias.
- CARLOS ARTHUR COULON — Estrabismo e dislexia.
- JAYME Balmes Pires Sanna — Estudo experimental sobre o papel dos anticorpos circulantes no desenvolvimento da uveíte por HSV em coelhos.
- FERNANDO LUIZ CANÇADO TRINDADE — Ação da anestesia retrobulbar na pressão intraocular e diâmetro pupilar.
- FACULDADE DE MEDICINA DE S. PAULO,** depois **DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO.** (Relação fornecida pelo Prof. Paulo Braga de Magalhães).
- 1919 — DELIA FERRAZ — Semiologia da pupilla.
- WALDEMAR R. BELFORT MATTOS — As sarcophagas de S. Paulo.
- 1922 — JOSE MARIA ROLLEMBERG SAMPAIO — Contribuição ao estudo do hypothyroidismo e da opo-therapia nas affecções oculares.
- VALENTIM DEL NERO — Processo de Lagleyze e suas modificações para a cura do entropio e da trichiasis.
- 1923 — NICOLINO REBELLO MACHADO — Contribuição ao estudo da cysticerose ocular no Brasil.
- JORGE DOS SANTOS CALDEIRA — Tumores primitivos intradurais do nervo optico.
- ANTONIO ARANHA PEREIRA — As injeções de leite em therapeutica ocular.
- 1924 — ADOLPHO DE SOUZA GROTA — Diathermocoagulação dos angiomas das palpebras.
- WALDOMIRO DINIZ TELLES RUDGE — O trachoma e sua prophylaxia no Estado de São Paulo.
- BRASIL RAMOS CAIADO — Contribuição ao estudo do exoptalmo pulsatil e seu tratamento cirúrgico.
- 1925 — ROGERIO MARCOS DA SILVA — Affecções oculares de origem dentaria.
- ANTONIO CARLOS GAMA RODRIGUES — Cirurgia das vias lacrymaes.
- 1926 — FABIO RANGEL BELFORT MATTOS — PhaRoanaphylaxia.
- JOÃO BARROS DE SOUZA ARANHA — Contribuição à physiologia do reflexo luminoso da pupilla.
- 1927 — CARLOS GOMES DE SÃO THIAGO — Necessidade e obrigatoriedade de exames do aparelho visual dos empregados ferroviários — Contribuição à sua regulamentação legal no Brasil e à prophylaxia dos accidentes ferroviários.
- CYRO DE BARROS REZENDE — Da cirurgia nasal nas neurites opticas retrobulbares rhinologicas.
- 1928 — RENÉ BARRETTO FILHO — Do tratamento da conjunctivite granulosa pelo naphthol camphorado oxidado.
- MANOEL DE TOLEDO PASSOS — Prophylaxia da cegueira.
- 1930 — JORGE PAULO RAMOS DE ARAUJO — Actinotherapia ocular.
- 1931 — BENEDICTO PAULA SANTOS FILHO — A capacidade visual como elemento de orientação profissional.
- 1933 — RENÉ MENDES DE OLIVEIRA — Contribuição ao estudo da mancha negra da esclerótica.
- 1934 — JOSÉ MENDONÇA DE BARROS — Os sais de ouro na therapeutica da lepra, com referencia especial às complicações oculares.
- DURVAL PRADO — Diathermocoagulação no tratamento da conjunctivite granulosa.
- 1938 — CYRO DE BARROS REZENDE — Do emprego da cornea de cadaver na queratoplastia. (Tese para Livre Docência).
- 1942 — DURVAL PRADO — Heteroforias — (Tese para Livre Docência).
- BENEDICTO PAULA SANTOS FILHO — Sobre as alterações tracomatosas da córnea e sua frequência: contribuição ao estudo biomicroscópico. (Tese para Livre-Docência).
- 1948 — JOSÉ MENDONÇA DE BARROS — A propósito da lepra ocular: contribuição ao seu estudo clínico e histopatológico. (Tese para Livre Docência).
- BENEDICTO PAULA SANTOS FILHO — Sobre as alterações tracomatosas da conjuntiva. (Tese para Livre Docência).
- 1948 — CYRO DE BARROS REZENDE — Da biomicroscopia estereoscópica do fundo do olho do cão na vigência da hipertensão experimental. (Tese para a cátedra).
- 1951 — PAULO BRAGA DE MAGALHÃES — Contribuição para o estudo da catarata por galactose em ratos: influencia da administração de tireoide e de tioracil em sua evolução. (Tese para Livre Docência).
- 1954 — PLINIO DE TOLEDO PIZA — Músculo ciliar do cão: influencia dos estímulos nervoso e medicamentoso. (Tese para Livre Docência).
- JORGE CAVALHEIRO WILLMERSDORF — De uma nova técnica da dacriocistorri-nostomia. (Tese para Livre Docência).
- 1955 — ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA — A esclerectomia posterior no descolamento da retina. (Tese para Livre Docência).
- 1956 — JORGE ALBERTO FONSECA CALDEIRA — Contribuição para o estudo das paralisias adquiridas do Nervus oculomotorius com preservação do reflexo pupilar a luz.
- 1960 — CELSO ANTONIO DE CARVALHO — Histopatologia da retina e nervo óptico na hipertensão intraocular experimental.
- 1961 — WILSON GUIMARÃES — Da goniotomia, gonopunciotomia no tratamento do glaucoma.
- SERGIO LUSTOSA DA CUNHA — Da introflexão escleral com implantes no tratamento cirúrgico do descolamento da retina.
- 1962 — MARCELLO LAURENTINO DE AZEVEDO — Citologia ocular: contribuição ao seu estudo morfológico com a coloração de Papanicolau.
- 1963 — PAULO BRAGA DE MAGALHÃES — Contribuição para o estudo do efeito hipotensor ocular da uréia em solução hipertônica: investigações experimentais em coelhos. (Tese para a cátedra).
- 1964 — CELSO ANTONIO DE CARVALHO — Iri-dectomia periférica no bloqueio pupilar;

- contribuição ao tratamento do glaucoma primário de ângulo fechado — (Tese para a Livre Docência).
- 1965 — JORGE ALBERTO FONSECA CALDEIRA — Influência de hipnalgésicos na pressão intraocular de coelhos. (Tese para Livre Docência).
SERGIO LUSTOSA DA CUNHA — Alterações do segmento anterior do globo ocular após o tratamento cirúrgico do descolamento da retina. (Tese para Livre-Docência).
- 1971 — ROBERTO ABUCHAM — Orbitografia: contribuição ao estudo da semiologia orbitária.
- 1972 — SUEL ABUJAMRA — Assimetrias orbitárias: contribuição para o estudo dos volumes e dimensões das órbitas e suas influências na estética facial. Pesquisa anatômica, radiológica, clínica e fotográfica.
NEWTON KARA JOSÉ — Penetração de alguns antibióticos em estruturas do aparelho visual humano.
CARLOS ALBERTO RODRIGUES ALVES — Contribuição ao estudo do comportamento da pressão intraocular em portadores de exoftalmo endócrino.
HISASHI SUZUKI — Adaptometria em pacientes curados cirurgicamente do descolamento da retina.
EURIPEDES DA MOTA MOURA — Estudo do senso cromático macular em pacientes cirurgicamente curados do descolamento da retina.
- 1973 — ALBERTO JORGE BETINJANE — Influência de derivados benzodiazepínicos na pressão intraocular.
EDILBERTO OLIVALVES — Profundidade da câmara anterior: estudo das suas variações com a idade, ametropia e sob ação de algumas drogas.
FERNANDO DE MATTOS BARRETTO — Contribuição para o estudo da influência recíproca de antibióticos e da galactose como substâncias cataratogênicas em ratos.
CARLOS RAMOS DE SOUZA DIAS — Tratamento cirúrgico das parestias isoladas no músculo oblíquo superior.
EMERSON FRANCISCO PEREIRA NEVES — Contribuição ao estudo da estesiometria da córnea em pacientes operados de catarata.
JOÃO BAPTISTA VILLANO — Rugas e bolsas palpebrais: novo traçado das incisões cirúrgicas.
- 1977 — NEWTON KARA JOSÉ — Indução da secreção lacrimal pelo isoproterenol: estudo experimental. (Tese para Livre Docência).
- FACULDADE DE MEDICINA DO PARANÁ**
(hoje DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ).
- 1922 — JOSÉ BENEDICTO RODRIGUES PACHECO — Reflexões sobre o trachoma e seu tratamento.
- 1946 — ARTHUR BORGES DIAS — Heteroforia e astenopia retinianas conseqüentes à fadiga aérea. (Tese para a Livre-Docência).
- 1951 — EGON ARMANDO KRUEGER — Simulação em oftalmologia — (Tese para Livre Docência).
- ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO**
- 1958 — MANOEL BARRETO NETTO — Histopatologia da retina e da coroide na hipertensão arterial maligna. (Tese para a cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas).
- ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA**
- 1953 — RENATO DE TOLEDO — A frequência crítica de fusão no glaucoma — (Tese para Livre Docência).
- 1958 — RUBENS BELFORT MATTOS — Acuidade Visual para longe e Frequência de Discromatopsia em Índios Brasileiros (Tese para Livre Docência).
- 1966 — ROBERTO FARINA — Ptose palpebral. Contribuição para o seu tratamento cirúrgico pelo método de Laxer modificado. (Tese para Livre Docência).
- 1978 — RUBENS BELFORT JUNIOR — Identificação de Linfócitos T e B em Conjuntivites Foliculares e na Síndrome de Sjögren (messtrado).
- FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DO RIO DE JANEIRO**
- 1954 — WERTHER DUQUE ESTRADA — Ora serratae retina. (Tese para Livre Docência).
- 1955 — WERTHER DUQUE ESTRADA — Incisões e suturas na operação de catarata. (Tese para a cátedra).
- 1957 — LUIZ EURICO FERREIRA — A cirurgia do glaucoma primário. (Tese para Livre Docência).
- FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**
- 1956 — LUIZ EURICO FERREIRA — Ressecção escleral lamelar no descolamento da retina.